Mont' Alverne Frota

Desde a Ribeira até a Ilha

31
d

059483
L0000059510

O AUTOR E A CRÍTICA

Venho agradecer-lhe o estudo com que colabora para situar Sousândrade nos quadros da Literatura Brasileira. Bem haja! Desde já, trata-se de peça indispensável na bibliografia em torno do Poeta. – Massaud Moisés.

Cumprimento-o pelo acerto e a originalidade de sua interpretação. No Brasil, onde são raros os estudos de literatura comparada, esta sua análise conjunta das personalidades de Gonçalves Dias e Juvenal Galeno lança uma perspectiva inovadora na área, ainda tão mal estudada. – Flávio Loureiro Chaves.

Seu livro foi deliciosa oportunidade para eu tomar conhecimento de um poeta que ignorava e que Você apresenta e estuda com tanto carinho. E faz isto num estilo que é uma maravilha de simplicidade e fluidez que não excluem o cuidado e a segurança de quem maneja tão corretamente nossa língua. – Pedro Nava.

Já o seu formoso estudo sobre o extraordinário autor de **O Guesa** se enfileirava, depois de lido proveitosamente, em minha estante raquítica, quando me chegou às mãos este seu luminoso trabalho acerca de dois grandes Poetas de minha particular estima. Agradecido, meu querido Amigo, pela oportunidade que me ofereceu de conhecer o grande, excepcional ensaísta e prosador que é, realmente. – Antonio de Oliveira.

Sobretudo, apreciei a fluência de seu estilo e a seriedade com que busca sempre enfrentar os temas vindos a lume, no curso de sua oração. – Florival Seraine.

0292 1.200.

FRANCISCO MARIALVA MONT'ALVERNE FROTA

DESDE A RIBEIRA ATÉ A ILHA

Edições SIOGE — São Luís-MA.

março de 1979

A publicação deste livro integra o PROGRAMA DE AÇÃO CULTURAL DO SIOGE — PACS, conforme autorização governamental contida no Proc. GG 2439/76, e foi concluída em março de 1979, ano dos centenários de morte de **Celso Magalhães**, de nascimento de **Maranhão Sobrinho** e das estréias literárias de **Aluísio Azevedo** (Uma lágrima de mulher) e de **Raimundo Correia** (Primeiros sonhos), sendo Governador do Estado, **Osvaldo da Costa Nunes Freire,** Secretário de Indústria, Comércio e Turismo, **Glacymar Ribeiro Marques,** e Diretor do SIOGE, **Jomar Moraes**.

CE
981.31
F941d
ex.1
t 059483/2005

Capa de

Stênio Mendonça

DO AUTOR:

O Ariel do Porto do Itaqui. São Luís, 1976. (ed. particular).

Sousândrade: o último périplo. São Luís, Edições SIOGE, 1977.

Entre o Timbira e o Pastor Serrano. S. Luís, ed. SIOGE, 1978.

A publicar:

Estudo gonçalvino

A senhora do mosteiro

À memória do PAPAI TOINHO que, dos 13 aos 15 anos, caminhou pela Rua do Sol e, voltando para Sobral, rebatizou a sua rua com esse nome ludovicense. Transmitiu, pela força do sangue, o fascínio maranhense que o neto conduz inarredavelmente.

Para MENDES FROTA, que há mais de três décadas é maranhense pelo casamento feliz e pela prole numerosa. Em São Luís, à estima de tio acresceu a de sogro.

Para minha filha MARIA MARPHISA que confirma três gerações cearenses amando a sua ilha de leite e mel.

A salvação estava em Sobral na cidade formosa e opulenta(...) Domingos Olímpio — **Luzia Homem**.

E só quando o luar voltou, debruçando-se sobre os sobradões da Praia Grande, é que se pôde sentir que São Luís, sobretudo ali junto ao mar, havia sido restituída a si mesma, com a penumbra propícia ao canto de amor dos seresteiros. Josué Montello — **Os degraus do paraíso**.

SUMÁRIO

A herança maior 17
Este livro 21
I — Vila Distinta e Real de Sobral 23
II — José Saboya de Albuquerque 45
III — Francisco Araújo, Vindimeiro de Sobral 49
IV — Sob as Arcadas do Teatro São João 55
V — Batismo em Atenas 63
VI — José de Alencar e os Maranhenses 69
VII — Estante Maranhense 93
VIII — Memória de Fé Maranhense 105

Biblioteca Pública Governador Gustavo Barroso
Setor do Ceará

A HERANÇA MAIOR

José Chagas

Desde a Ribeira até a Ilha, o que vale, aqui, dizer, de Sobral, no Ceará, a São Luís, no Maranhão, Mont'Alverne Frota, apoiado em referências históricas e literárias, abre, com este livro, à força de conhecimentos colhidos em exaustivas pesquisas, um claro caminho de ligação entre duas províncias culturais, dando ênfase a um belo trabalho que já vinha sendo feito através de outras publicações com que ele tem enriquecido os meios intelectuais de nosso Estado.

Ao leitor que, por acaso, não venha acompanhando a Mont'Alverne nessa luminosa caminhada, lembrarei aqui seus estudos sobre o nosso poeta maior, principalmente quando, em lúcidos exercícios de pesquisador criterioso, nos mostra ele a extensão humana e as influências culturais do cantor da raça, na terra de Alencar, quase nos propondo "um Gonçalves Dias cearense". Também aponto seu já elogiado ensaio, **Entre o Timbira e o Pastor Serrano**, no qual ele registra grandes afinidades de espírito e laços profundos de amizade entre o romântico maranhense e o cearense, revelando-nos que "os contatos de Juvenal Galeno com Gonçalves Dias não foram formais, protocolares ou fugazes", mas de permanente afeição de almas, na força de ideais comuns e no amor constante à natureza. Oportuno ainda não esquecer suas justas observações de crítico experiente, em **Sousândrade: o último périplo**, quando também aproveita para nos trazer a notícia de que até o solitário da Quinta da Vitória, homem de poucos amigos, rendia-se à amizade do Visconde de Sabóia, figura de relevo no passado cultural do Ceará, tanta era a atração espiritual que parecia agir como uma determinante entre intelectuais das duas províncias. E aqui

neste livro o leitor terá oportunidade de ver no capítulo, "José de Alencar e os maranhenses", a profunda ligação que tinha o romancista de **Iracema** com vários escritores de nossa terra.

Esses toques referenciais e aproximativos não constituem uma forma gratuita e extraliterária da qual se serve Mont'Alverne Frota para nos impor uma integração forçada de dois Estados vizinhos, tomando para isso o simples fato de que grandes nomes da literatura, daqui e de lá, se dessem bem uns com os outros. Não é nada disso. Sua visão crítica enfoca, em profundidade, razões outras que não se explicam senão pelo caldeamento de energias vitais coincidentemente lançadas ao mesmo anseio de expressão e às mesmas fontes de amor à terra, através de uma poesia altamente criadora de nacionalidade. Sabemos que Maranhão e Ceará por si mesmos se irmanaram na compaixão pela raça, na exaltação da natureza virgem e no preparo de uma nascente brasilidade, quando, cá e lá, surgiram, respectivamente, os dois inigualáveis cantores de nossos índios, um na poesia e outro na prosa, para um nivelamento romântico que casou as almas de duas gentes e as fez, por assim dizer, uma só.

Literariamente, nem mesmo a paisagem de uma e de outra terra deixaram de apresentar seus pontos comuns na inspiração profética desses dois românticos. Se aqui o sabiá cantava na palmeira, lá a jandaia cantava na fronde da carnaúba. E não se pode negar que do fluxo do ideário indianista em nossa literatura é que se iniciou, na verdade, um conhecimento mais profundo da natureza brasileira, pelo que homens, fatos e paisagens se ajustaram, ao longo dos tempos, na formação histórica de uma realidade viva e perene, cada vez mais enobrecedora, por ser, antes de mais nada, uma conquista da alma.

Assim, Mont'Alverne Frota não força a barra, antes comprova-nos essa realidade com a espontânea sutileza de seu espírito sem fronteiras, mas disciplinado e consciente de sua missão de escritor. Peregrino da cultura, não é ele aquele cearense fadado a errar por terras alheias. Não é o retirante comum que vai procurar em outros rincões o que o seu não tem, mas o cearense lúcido que se desloca em fome de descobertas históricas e aonde chega encontra o que ali também já é seu, como um patrimônio firmado pelo tempo na rica permuta de espírito entre os seus maiores e os da nova terra onde aportou.

Mont'Alverne Frota caminha por dentro da história, norteado pelo seu próprio pendor para as pesquisas dos valores de seu povo e por isso o seguir adiante não resulta para ele em afastamento de suas origens, mas em maior aproximação de suas raízes. Identificando personalidades e acontecimentos, surpreendendo ricas ilações históricas entre fatos daqui e de lá, chamando a atenção para particularidades ainda não percebidas por outros, ou que pareciam sem importância, ele não se cansa em sua busca, dando continuidade e coerência ao seu roteiro, pois vindo **Desde a Ribeira até a Ilha** é como se não pisasse outro chão que não fosse ainda o seu, ou não se ajustasse a outra família literária que não fosse ainda a sua. Isso porque em Sobral, como em São Luís, Mont'Alverne Frota se sente em casa. E neste livro ele realça, pelo poder da memória, o seu dom de ubiqüidade. assim como transfunde o milagre de fazer-nos conviver, ao mesmo tempo, com cearenses e maranhenses de épocas diferentes, sem que estranhemos a companhia, já que todos são feitos irmãos nossos dentro da mesma linhagem em que literariamente se projetaram, unidos no tempo, Maranhão e Ceará.

O significado, pois, desta obra está na montagem que o autor faz dos elementos histórico-literários e que ele julgou condizentes com a vasta paisagem cultural vista através de seu amor distribuído por igual às duas terras, paisagem que se delineou ao longo do caminho percorrido pelo seu espírito, "numa curva que alcançasse desde a terra ardente de Sobral, onde nasci, até São Luís, cidade que elegi por amor", para servir-me aqui de suas próprias palavras. E essa montagem, ainda que a alguns pareça estranha, harmoniza-se perfeitamente com o seu cunho pessoal, não só de homem voltado para as verdades que o tempo organiza, mas particularmente tocado por um dom de larga afetividade humana, que o coloca à vontade entre o bairrismo historicamente justificável do sobralense e o orgulho literariamente justo do ludovicense.

O livro de Mont'Alverne Frota é ainda o resultado do que lhe foi ditado ao espírito por uma verdade que ele traz no sangue. Não é por outra razão que o dedica "à memória do PAPAI TOINHO que, dos 13 aos 15 anos, caminhou pela Rua do Sol e, voltando para Sobral, rebatizou a sua rua com esse nome ludovicense, transmitindo, pela força do sangue, o fascínio maranhense que o neto conduz inarredavelmente".

Na grandeza dessa herança, na verdade desse amor, na graça desse fascínio, Mont'Alverne Frota se traduz aqui em maranhense puro, sem, no entanto, desvincular-se de suas origens cearenses, dando-se, ele próprio, como testemunho vivo de uma unidade cultural permanente, abrangendo Maranhão e Ceará, desde quando Gonçalves Dias e José de Alencar, à força do gênio e da magia do verbo, abriram as portas de nossa consciência de brasileiros, para que por elas penetrasse o alto espírito de nossa nacionalidade.

ESTE LIVRO

Reuni, na unidade deste volume, alguns trabalhos publicados em vário tempo, indultando-os da prisão de revistas e jornais de reduzida tiragem e de difícil acesso. Um porém, é inédito mas bem que para todos espero a mercê do generoso acolhimento.

Sob a inspiração do título: **Desde a Ribeira até a Ilha,** procurei ordená-los, tanto possível, à feição do itinerário que percorri, numa curva que alcançasse desde a terra ardente de Sobral, onde nasci, até São Luís, cidade que elegi por amor.

A Ribeira do Acaraú tem o seu epicentro geoeconômico em Sobral, promissora comuna fundada pelo bandeirantismo sertanejo do Nordeste que para lá acorreu, a partir do século XVIII, atraído pelas sesmarias. criando um centro urbano singular, dinâmico, austero e cristão.

A cidade de Sobral vive sob o influxo de duas forças que ao longo do tempo impulsionam e dirigem a sua gente: o Rio Acaraú e a Matriz do Padre João Ribeiro Pessoa.

Transferindo-me para São Luís, ilha que meu sangue conheceu na temporada escolar do meu avô Antônio Mont'Alverne Filho e na permanência do meu tio Mendes Frota e que meus olhos, inauguralmente, re-viram ao tempo da implantação do projeto portuário do Itaqui, logo me identifiquei com o povo, com a história e com a literatura maranhenses.

Enquanto vivo enternecido na mágica atmosfera são-luisense, às vezes, tocado de nostalgia, percebo que o Rio Acaraú vem me trazer sua canção de inverno, acordando velhas saudades. Disso resultaram esses pequenos estudos, em tom de louvação. como quem retribui pouco, pelos sinos sobralenses que ouviu e também pela adoção maranhense de que se honra.

O Autor.

VILA DISTINTA E REAL DE SOBRAL *

> "Cernens autem Dominus quod pergeret ad videndum, vocavit eum de medio rubi, et ait: Moyses! Moyses! Qui respondit: Adsum. At ille: Ne appropies, inquit, huc; solve calceamentum de pedibus tuis; locus enim, in quo stas, terra sancta est" (Ex. III, 4—5)

Venho ao Instituto do Ceará com o mesmo temor e alumbramento que se apoderaram de Moisés, no país de Madian, ao acercar-se do monte Horeb, para, atendendo à honrosa convocação da Presidência desta Casa, proferir oração alusiva à decorrência do bicentenário da elevação da velha Povoação de Caiçara a Vila Distinta e Real de Sobral.

A minha emoção, ao penetrar neste Templo das gloriosas tradições da Terra da Luz, é o carisma que me identifica com Sobral.

Doze arautos da cearensidade ergueram nesta Capital, para o culto enternecido de seus filhos, a 4 de março de 1887, na Biblioteca Pública, o Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico, santuário dos fastos de nossa gleba comum, para o qual fostes eleitos dedicados guardiões, por reconhecimento unânime.

Na formação histórica deste venerando sodalício, destaco a contribuição dos provectos varões Virgílio Augusto de Morais e Padre João Augusto da Frota, — homens de Sobral e da Ribeira do Acaraú — que ao lado de Paulino Nogueira Borges da Fonseca, Guilherme Studart, Joakim de Olliveira Catunda, João Batista Perdigão de Oliveira, Antônio Augusto de Vasconcelos, Antônio Bezerra de Menezes, Júlio César da Fonseca Filho, Juvenal Galeno da Costa e Silva, José

---

* **Revista do Instituto do Ceará**, t. LXXXVII, ano LXXXVII, 1973, pág. 177—96

Sombra e Virgílio Brígido plasmaram este nobilitante Grêmio, que atualmente é presidido pelo arguto historiador General Doutor Carlos Studart Filho, continuando o clarão diretivo de Paulino Nogueira, Tomás Pompeu, Barão de Studart e Tomás Pompeu Sobrinho.

Chego ao hemiciclo desta Casa, não como um estranho, e adito-vos o fato tão-só para ganhar a vossa simpatia, porquanto, com muita honra para mim, fui eleito sócio correspondente do Instituto, na sessão de 20 de abril de 1972, por indicação dos consócios Professores Manoel Albano Amora, João Hipólito Campos de Oliveira e Comendador Luís Cavalcanti Sucupira, desde então me animando o desejo de um intercâmbio cultural, que nesta tarde vejo mais uma vez ratificado, com desvanecimento para mim, porquanto é gratíssimo ao filho traçar a visão panorâmica do berço sobralense.

A fisiografia do Ceará é descrita pelos seus historiadores mais percucientes como um arco elipsoidal,[1] recurvado pela Serra da Ibiapaba e Serra do Apodi, destendido pela corda da orla marítima.

A configuração do "barrete frígio em posição invertida, com o topo para o sul e a base sobre o mar",[2] no quadro impressionista que a mão atenta do mestre Raimundo Girão pintou, na sua **Pequena história do Ceará,** é analisada no prisma sociológico de **O cearense,** de Parsifal Barroso, como indefectível "nascente de uma vocação para a liberdade",[3] ainda prefira o ex-Ministro do Trabalho, a caracterização do espaço alencarino a um fundo de saco cosido "pela linha final de costura que é a Serra da Ibiapaba", desenho de que se utiliza, como ponto de partida, para ressaltar os matizes do insulamento a que se confinou o nosso Ceará, pela retração da porta natural do Meio-Norte, cambiante vencida pelo eixo gravitacional de Pernambuco. Desprezou-se, de vez, a ascensão natural do altiplano da Ibiapaba, preferido, inclusive, ao caminho líquido dos rios, pulverizada, como opção geoconômica saliente e ensaiada, com a constrangedora extinção pombalina da benemérita Companhia de Jesus e com deslocamento gradual do núcleo expansionista da serra, para os insipientes, mas promissores, arraiais surgidos em Fortaleza, Aquiraz e Aracati.

Inegável é que na Serra da Ibiapaba, vencidas as dificuldades da ferradura orográfica, surgiu, no início do nosso povoamento, um vicejante eixo de penetração da zona norte para o Estado do Maranhão, com o suporte marítimo do Porto do Camocim, além de se identificar naquele **peneplano,** o primeiro laboratório de miscigenação cearense e o sítio fecundo donde partiu a pregação evangélica de que foram seus primeiros propagadores Luís Figueira e Francisco Pinto.[4]

Atento à saga da penetração da zona norte, Parsifal Barroso faz, com justeza, o elogio da Serra da Ibiapaba, no seu **O cearense,** num estilo em que se vislumbram tons rociados de gratidão: "Não se deslembrem os mestres da História do Ceará que a Serra da Ibiapaba, soube ser a primeira realidade sócio-econômico-política da Capitania, com uma evolução civilizadora de dois séculos, a irradiar-se em todos os sentidos, ainda firmou diretrizes valiosas de defesa da liberdade, de conquista de autonomia, de afirmação de fé diligente e operosa, de projeção de um sistema de inter-relações econômicas e culturais, numa completa e perfeita síntese — exemplo da capacidade de ultrapassar limitações e de superar dificuldades."

Não escapa à acuidade de Parsifal Barroso a "localização espacial" do nascimento de Iracema nas faldas da Serra da Ibiapaba[5] no Ipu, berço de Delmiro Gouveia e dos meus antepassados maternos.[6]

Acresço a esse elenco da Vila Nova d'El Rei, mais uma personagem, ligada inarredavelmente à Sobral, pelo regionalismo naturalista de Domingos Olímpio, que a fez surgir no anfiteatro corruscante de sol e enxameado de retirantes do presídio do Curral do Açougue[7] — Luzia Maria da Conceição, filha do Ipu, que a gentalha, açulada por sua beleza e disponibilidade para o trabalho, chamava de Luzia-Homem.

O Ceará está dividido em três grandes zonas: o litoral pontilhado de dunas, as serras, refrigério das cidades abrasadas de sol, e o sertão quase sempre causticado pelo flagelo cíclico das secas, que fere a terra adusta, dizimando em êxodos a sua gente que renasce, sempre, temperada no esforço de tudo vencer. Essa realidade ecológica fez brotar uma corrente ponderável de escritores geopônicos no Ceará, tentando retratar, analisar, alertar e minimizar, com proposições válidas, essa carência que nos aflige.

O sertão cearense foi desbravado, inicialmente, pelos rios Jaguaribe e Acaraú, este recebendo o desaguamento dos rios serranos da Ibiapaba, avolumando sua bacia, que alcança a 14.000 Km², em cujas margens surgiram núcleos de povoamento, como o da Ribeira.

Nertan Macedo, historiador dos clãs da nossa região, acentua, excelentemente em **O clã de Santa Quitéria,** a

Biblioteca Pública Governamental
Setor do Ceará

função aglutinatória de povoamento às margens do rio Acaraú: "E o Acaraú um rio nascido para o povoamento do sertão. Porque, qual uma seta, ele aponta o caminho que vai dar no litoral norte do Ceará, onde outrora floresceram grandes oficinas de charqueadas, há muito desaparecidas.

"Nas suas ribeiras adormecem, debaixo do sol, os sertões de Groaíras, Jaibara, Jacurutu, Coreaú e Macacos, onde há florestas de pau-branco e o capim mimoso se acama, em mansas ondulações, depois que as chuvas se vão".[8]

Os campos abertos da Ribeira do Acaraú, propícios ao pastoreio, ensejaram, pelas dificuldades da reduzida cabotagem daquela época, para o transporte dos rebanhos, as oficinas de charqueadas que em outras localidades se expandiam, depois alargadas pelos entrepostos portuários de salgadeiras, constituindo essa empresa pastoril a base da exportação cearense.

Do Jaguaribe ao Acaraú a todos empolgava esse comércio, resultando lucros opulentos para os sesmeiros, que já se fixavam em larga faixa da Ribeira, criando suas famílias em redor das oficinas e fazendas-matrizes das primeiras povoações do Riacho de Guimarães, São José e Caiçara.

A hipótese mais harmônica entre os historiadores que abordam a curva evolutiva da Ribeira, é a de que o fluxo que ocorreu para as margens do Acaracu, liga-se à corrente do sertão, vinda de Pernambuco, sequiosa de afirmação agro-pastoril, acossada que estava por perseguição política ou mesmo enxotada pelos terrores da guerra. Tocante a esse aspecto, da corrente migratória que se incrustou nas margens férteis do Acaraú é esclarecedor Antônio Bezerra, ardente peregrino das terras cearenses: "O que parece é que em conseqüência das vexações da guerra dos Mascates, diversas famílias da Bahia e Pernambuco procuraram o interior do Ceará, estabelecendo-se primeiramente nas margens do Jaguaribe, caminho obrigado dos exploradores de um país desconhecido, e daí passaram depois para o norte".[9]

Monsenhor Fortunato Alves Linhares, venerando pesquisador das tradições sobralenses e sócio correspondente da Casa do Barão de Studart tem nas, preciosas mas suscintas, **Notas históricas da cidade de Sobral**, ponto-de-vista idêntico ao de Antônio Bezerra, ainda seja levado a identificar que foram as conseqüências da guerra holandesa o móvel que afastou diversas famílias da Bahia, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte do litoral para o vale do Jaguaribe e depois, para o do Acaraú. Acentua, com razão, o Padre-Mestre sobralense: "Confirma-o uma antiga data concedida a 8 de Novembro de 1682 pelo Capitão-mor Bento de Macedo Farias ao Capitão Bento da Silva, Jorge Coelho de Souza e a outros, moradores todos nas capitanias de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, em 50 léguas de terras pela costa abaixo, a contar do rio Pará ao rio Mundaú, nelas compreendida, entre outras, a bacia do Acaraú".[10]

A reduzida historiografia sobralense, iniciada com as **Notícias da Freguesia de N. S. da Conceição da Caiçara**, do Padre João Ribeiro Pessoa, tem seu momento fulgurante com o operoso prelado Dom José Tupynambá da Frota, que coligiu a gesta do seu berço natal na opulenta **História de Sobral**, sendo, no prólogo desta obra denominado, por Monsenhor Fortunato Alves Linhares, o terceiro fundador de Sobral, pela solidez do seu episcopado dadivoso, pontilhado de indefectível dedicação ao bem-estar de sua gente.

Dom José traça, em descrição telúrica, o panorama bucólico da região onde surgiu a Fazenda Caiçara: "Árvores seculares cobriam a região. Cedros, aroeiras, pau d'arco, freijó, pau-branco, oiticicas, carnaubeiras, sabiás, umburanas, arapiracas, pereiros, e muitas outras madeiras de lei formavam o rico tesouro de uma flora exuberante, quase desaparecida hoje, protegendo o solo com a frescura de suas sombras, entre as quais vagueavam inúmeros representantes da nossa fauna, como sejam onças, gatos maracajás, raposas, guaxinins, capivaras, pacas, veados, caetitus, macacos, cotias, e um sem número de aves de toda espécie, como emas, seriemas, sericoras, papagaios, jacus, maracanãs, araras, jandaias, periquitos, canãs etc. Além de variados tipos de pássaros de lindas e variegadas cores, como sejam cupidos, graúnas, corrupiões, canários, cabeças vermelhas ou galos de campina, sanhassus, bem-te-vis, pintassilgos, etc.

"Pela margem do rio e à beira das lagoas, garças, jaçanãs, socós, guarás, marrecas e patos selvagens viam-se a cada passo.

"O rio Acaraú, (Rio das Garças) era então mais estreito. No decurso dos anos foi-se alargando o seu leito, do lado direito, onde as ribanceiras foram pouco a pouco desmoronando, o que ainda em nossos dias se verifica".[11]

Felix da Cunha Linhares, Domingos da Cunha Linhares, Antônio Rodrigues de Magalhães, Manuel Vaz Carrasco, Domingos Rodrigues Lima, Manoel Madeira de Matos são os bandeirantes tropicais da zona norte que se alojaram em São José (Patriarca), Riacho de Guimarães e Caiçara, onde fize-

ram florescer, sob a proteção do orago de Nossa Senhora da Conceição, diversos povoados, quase todos, hoje, aglutinados à Sobral epicentro urbano do sertão norte do Ceará.

Frei Cristóvão de Lisboa tornou-se, após a publicação dos **Anais** de Berredo, o ponto inicial de referência da catequese dos gentios da Ribeira do Acaraú (1626), sobretudo pela aura de simpatia que lhe adveio pelo seu trucidamento nas cercanias da Povoação de Caiçara, ocorrência que não escapa a Antonio Bezerra, Barão de Studart, Monsenhor Fortunato Alves Linhares e Dom José Tupynambá da Frota. O fim trágico desse missionário está envolto na penumbra lendária da imprecisão histórica desse evento, conquanto se saiba que esteve nos Fortes de São Sebastião e no de Moreno, anteriormente.[12]

Sabe-se hoje, porém, que Frei Cristóvão de Lisboa faleceu na capital portuguesa a 14 de abril de 1652, sendo evidente o erro tantas vezes por tantos repetido.

O Padre João de Matos Serra, "vigário do Ceará", e descrito, no perfil veraz que fez Aires de Montalbo, como "missionário denodado, homem corajoso, de gênio acre e turbulento, vida agitada e tumultuosa", indicou como seu coadjutor na Ribeira do Acaraú, o sobrinho Padre João de Matinhos, que lá se demorou por 4 ou 5 anos, tornando-se, por insistência dos seus fregueses junto ao Cabido, o primeiro cura do Acaraú, cuja extensão alcançava desde as margens do rio Mundaú até a Serra da Ibiapaba, consoante as afirmações do Padre João Ribeiro Pessoa, nas suas **Notícias**. Cinco eram as capelas do Curato do Acaraú: São José (1718) Beruoca (1728) Santa Cruz (1732) Riacho de Guimarães (1735) e Sant'Ana (1738), [13] servindo algumas dessas como sede do Curato, por não existir, na Povoação de Caiçara, igreja para o culto.

É Antônio Rodrigues Magalhães o fundador da Povoação de Caiçara e um dos seus primeiros habitantes, merecendo a nossa reverência cívica, pelo gesto nobilitante. Patriarca de força moral invulgar, vivia entre as atividades pastoris, voltado para o desenvolvimento agrário de suas fazendas, na ambiência cordial de sua família, instalada no sítio Macaco. Perdulário, não media forças nas benemerências para com o seu arraial de Caiçara, com certeza antevendo formar-se vigorosa vila. A doação de parte das terras da Fazenda Caiçara ao patrimônio de Nossa Senhora da Conceição, Orago da Freguesia do Acaraú, foi efetivada por escritura pública, no dia 10 de dezembro de 1756, por Antonio Rodrigues Magalhães e sua mulher, Quitéria Marques de Jesus, revogada que foi a anterior, a das terras de Pedra Branca, por conveniência forânea da sede do Curato fixar-se no Povoado de Caiçara, localizado à margem do rio Acaraú, e nas proximidades da Serra da Meruoca.

O gesto amorável do casal fundador do burgo — Antônio Rodrigues Magalhães e Quitéria Marques de Jesus — percutiu com generosidade no coração do laicato sobralense e em todos aqueles que na cidade se fixaram por eleição pessoal, em sucessivas gerações, sempre devotadas às igrejas, obras pias e assistenciais para as quais nunca faltou o tributo generoso.

João Evangelista da Frota, Senador Francisco de Paula Pessoa, José Sabóia, João de Matos Amaral, Domingos Bessa Guimarães, Jeronymo José Figueira de Melo, José Figueira de Sabóia e Silva, João Thomé da Silva, Dr. Francisco de Paula Pessoa Filho, Dr. José Sabóia de Albuquerque, Alexandre Soares, José Silvestre Gomes Coelho, Galdino de Lira Pessoa, Raimundo Oswaldo Rangel, Francisco Rangel Parente, Julio Ferreira Gomes, José Inácio Alves Parente, José Modesto Ferreira Gomes, Luisa Amélia de Albuquerque Barros, Maria Delmira Soares e Maria Marphisa Mont'Alverne, constituem o rol edificante de doadores de imóveis, retábulos, relógios, sinos, imagens, cruzeiros, lâmpadas-de-prata, vitrais e sacrários que embelezam o culto da cidade das igrejas.

Francisco Fernando Pereira Mendes, meu antepassado paterno, foi, sem dúvida, o maior benemérito da Santa Casa de Misericórdia, Seminário e Igreja do Patrocínio, deixando-lhes quase a totalidade de seus bens, incluindo seu palacete de azulejos maranhenses, que causou excelente impressão a Antônio Bezerra, quando visitou Sobral.[14] Reconhecido, Dom José Tupynambá da Frota presidiu ao ofício religioso de seu funeral, autorizando, posteriormente, a inumação dos despojos de Fernando Pereira Mendes e sua mulher Maria Carolina do Monte, na Igreja do Patrocínio, templo de sua dedicação especial.

Sobral, lamentável é acentuar, descurou, por demais, o reconhecimento público ao seu nobre fundador — Antônio Rodrigues Magalhães — relegando-o ao esquecimento, preterindo-lhe a consagração póstuma tão merecida, esmaecendo a memória dos feitos cívicos desse tronco robusto de nossa ancestralidade. Agora, felizmente, mas com tardança, os edis da Casa da Câmara e o Chefe da Municipalidade,

louvavelmente, erguem-lhe uma herma no sítio histórico da Fazenda Caiçara.

O Padre João Ribeiro Pessoa, natural de Igarassu e filho de João Ribeiro Pessoa e Genebra de Vasconcelos Castro, era homem de visão larga, educado que fora em Pernambuco, no círculo influente de sua família, onde brilhava o entusiasmo político de seu tio Padre João Ribeiro de Melo Monte Negro, que mereceu pela amizade do botânico Manuel de Arruda Câmara homenagem singular na classificação da mangabeira como **Riberia Serbilis**.[15]

Com a ameaça de ruir a acanhada capela, edificada em 1746, pelo Padre Antônio Carvalho e Albuquerque, sucessor do Padre Lourenço Gomes Lelou no Curato do Acaraú, o Padre João Ribeiro Pessoa devotou-se à construção de um templo amplo e majestoso, à semelhança dos de Pernambuco, seu Estado, lançando, a 5 de novembro de 1778, a pedra fundamental da atual Catedral de Sobral, nas vizinhanças da Capela primitiva, não conseguindo, acentua Dom José Tupynambá da Frota na sua **História de Sobral**, "ver concluída a sua Matriz", estando, entretanto, aduz o benemérito Prelado, sepultado na capela-mor.[16]

Dom José Tupynambá da Frota, pastor dedicadíssimo ao seu redil, foi o arrojado continuador da reforma da Catedral da Diocese, onde jaz piedosamente na capela do Santíssimo Sacramento, talqual indica uma lápide singela, com o epitáfio em latim. Alude, o Bispo pesquisador, com uma ponta de polida reprovação, em sua magnífica **História de Sobral**, ao esquecimento dos sobralenses à obra exponencial do Padre João Ribeiro Pessoa. Com razão, acentua Dom José: "O Pe. João Ribeiro é autor de um apreciado relatório sobre o Curato do Acaracu, que publicamos no apêndice. Trouxe do Recife a planta da nova Igreja, que pretendia edificar, não tendo tido a consolação de vê-la concluída. É de estranhar-se que Sobral, que tanto deve ao Pe. João Ribeiro, não lhe tenha dedicado uma praça ou rua da cidade, quando tal honra dispensou a outros de menor merecimento".[17]

O delineamento histórico da evolução de Sobral, desde os meandros iniciais da Fazenda Caiçara, núcleo urbano do povoamento, demanda do pesquisador uma análise paralela da Fazenda e da Matriz, porquanto é indiscutível ter sido o anseio religioso do primitivo clã pastoril, o alicerce sobre o qual se ergueu a cidade, aglutinada no bucólico quadro à beira do rio Acaraú, sob o orago maternal de Nossa Senhora da Conceição.

A Praça da Matriz é o eixo urbano mais antigo da Povoação de Caiçara. Nas **Notícias** do Pe. João Ribeiro Pessoa se encontra o memorial descritivo dêsse sítio, donde se irradiou a fé e a sociedade sobralenses: "Está sua Matriz quasi no meio da Freguezia, na margem do rio Acaracú da parte do norte, entre o dito rio e a serra da Beruoca, sita om terras próprias, que à mesma Senhora da Conceição e orago da dita Matriz doaram o Capitão Antonio Roiz Magalhães e sua mulher Quitéria Marques de Jesus, a saber cem braças de terra, pegando da esquina da dita Matriz, buscando para baixo à fazenda Caissara, outras cem braças pegando da outra esquina buscando o sítio Fortaleza e as outras cem braças pegando da porta da Matriz buscando a Serra Beruoca, e pegando da Capella-mor até o rio, que será dois tiros de pedra, excetuando-se em todo êste âmbito de xão, que os mesmos doadores excetuaram, e se achão já os seus herdeiros e legatários de posse dos ditos xãos o que tudo consta da escriptura de doação, feita no anno de 1756, que se achava no Cartório secular desta Povoação, e lançada por traslado público no livro 2º da fábrica da Matriz a fl. 2ª".[18]

As raízes dos topônimos envolvem na análise elucidativa, continuada e plácida discussão, como a que se verifica com a palavra Ceará na qual têm participado uma gama de historiadores, tupinólogos, ictiólogos, etimologistas e geógrafos, tentando equacionar a desafiante combinação lúdica da logomaquia.

Acaraú, Caiçara e Sobral é o trinômio que tem merecido as atenções dos estudiosos, alguns dos quais preclaras figuras do Instituto do Ceará.

Flamejam em torno da origem da palavra Acaraú — o antigo Conoribo dos Tremembés[19] — diversas hipóteses, iniciadas com a de Martius, na **Glossaria linguarum brasiliensium** acrescidas das incursões percucientes de Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, José de Alencar, Paulino Nogueira, Tomás Pompeu Sobrinho e Monsenhor Fortunato Alves Linhares.

Rio dos peixes cornos, rio dos peixes grandes, rio das garças, rio ninho das garças, quinta das garças, rio dos acarás, bebidas das garças e raça bovina são as inúmeras denominações do caudaloso Acaracu.

A palavra Caiçara, — diz o magistério de Raimundo Girão e Antonio Martins Filho, exarado no texto do verbete "Sobral" de **O Ceará**, vade mecum do nosso Estado — em

linguagem indígena, significa, segundo José de Alencar, "o que se faz de pau queimado: de cai "queimado", e a desinência ara "que tem ou que faz", anteposto o c, por eufonia. Para Martius, é "pau de juçara": — de caa, pau, e juçara, palmeira; ou "lugar silvestre que em certo tempo se queima": — de cai, queimado e ara, tempo. Paulino Nogueira pensa que a verdadeira origem do vocábulo é uma corrutela de caa-ica: — "estacas de mato, estacada, trincheira, tapume, cerca de pau." ("Vocabulário indígena" **Rev**. do Inst. do Ceará, vol. 1º, pág. 239).[20]

As **Notas históricas da cidade de Sobral,** do acadêmico e vereador Monsenhor Fortunato Alves Linhares, trazem, com referência ao topônimo Caiçara, interessante contribuição que não nos escusamos de transcrever: "Cedo granjearam a fama os produtos da indústria pastoril do Ceará; e mui provável é que a longa adaptação nas várzeas do Ceará de um produto cruzado de gado flamengo, produto capaz de resistir às periódicas e aturadas secas dessas paragens, fosse o princípio dessa excelente variedade, cujo nome nos campos do Sul lembra ainda a terra de origem.

"O nome 'Caracu' é, de fato, uma corruptela, não do nome daquela cidade indiana, tão célebre na epopéia d'**Os Lusiadas**, mas do vocábulo tupi 'Acaraú' de que a última partícula fortemente aspirada, como a pronunciava o gentio potiguara, se corrompeu em lábios portugueses, transformando 'Acaraú' em Acaracu, depois ainda pelo vulgo ignaro em Caracu, como ainda hoje se diz".[21]

Perto da Serra da Ibiapaba e nas faldas da Serra da Meruoca, a Povoação de Caiçara, surgida da fazenda desse nome, à margem do rio Acaraú, desenvolvia-se promissoramente, já contando em 1767 "com 75 casas, das quais 53 são de telhas" e — acentuam as **Notícias** do Padre João Ribeiro Pessoa — "Consta toda a Freguezia de 21 mil almas de confissão e 670 fogos, dos quais 105 são fazendas de gados maiores ou menores".[22]

A incúria administrativa dos capitães-mores, na Capitania do Ceará-Grande, é um destaque indissociável no quadro das insituições político-administrativas. Os contratos, fintas e derramas eram os instrumentos de opressão fiscal que impunham a cupidez voracíssima dos capitães-mores, em constantes conflitos com os Ouvidores, o que causou veementes reclamações à autoridade central ultramarina. Uma das mais válidas impugnações foi a do Padre Acenço Gago, de que resultaram as Cartas Régias de 8 de março e 8 de dezembro de 1693. O veio mais cristalino desse tortuoso período das instituições coloniais cearenses é Guilherme Studart, o grande Barão, nume tutelar do Instituto do Ceará. Explicita, tocante a essa parte, o Barão de Studart, em **Notas para a história do Ceará:** "Não admira, portanto, que o Pe. Acenço chegasse a pedir, como um meio de lhes cohibir os abusos, que taes Capitães-Mores servissem unicamente por espaço de um anno em vez de trez, que por tantos era a nomeação d'elles, nem que a difficuldade de prover-se o cargo com gente limpa chegasse ao ponto de ser elle posto em concurso com as competentes syndicancias, como se deprehende de uma Ordem Régia de 29 de janeiro de 1698".[23]

Homem veraz e impoluto, o Barão de Studart, atento às perseguições à benemérita Companhia de Jesus, vinda no sopro regalista ultramontano, traça, nesse livro precitado, o maravilhoso panegírico do sacerdote, entre nós o campeão da evangelização pátria. Por mais que esbravejem, — acentua o Barao de Studart, ainda no seu precioso **Notas para a história do Ceará** — "e busquem empanar a verdade as coleras partidarias e os ódios sectários, a sotaina foi no Brazil a salvaguarda da liberdade do povo, amparo da justiça, arauto das grandes e generosas idéias, symbolo do patriotismo.

"Na guerra, como na paz, entre as tabas do selvagem como no pulpito da cathedral, no silêncio da floresta como no turbilhão da cidade, nos momentos angustiosos da pátria ou nas suas horas de triumpho a humilde cruz do sacerdote catholico operou mais conquistas para a civilisação e mais glórias para a pátria do que a farda agaloada do fidalgo ou a espada do soldado".[24]

Os tempos estavam maduros à organização administrativa da Colônia, através da descentralização das vilas. Caetano de Melo de Castro e Fernando Martins Mascarenhas de Lencastre são as primeiras autoridades a receber de Portugal indagações quanto à formação de um governo no "Seara", talqual comprova iniludivelmente a Carta Régia de 13 de fevereiro de 1699. Abre-se a esse tempo, em nossa história, a disputa dos repúblicos quanto à localização da primeira vila, àquela altura oscilando entre Iguape e Fortaleza.

A criação da Vila de Santa Cruz do Aracati e a conseqüente delimitação do seu termo, fez eclodir em Aquiraz, em 1748, a possibilidade da transferência da Vila de Fortaleza para a Ribeira do Acaracu, precisamente para a Fazenda Caiçara, o que não se efetivou, sobretudo pelo expedien-

te de 20 de maio de 1752, de Pedro de Morais Magalhães, que embora reconhecendo ter a Ribeira do Acaracu "suficiente número de moradores poderá ser conveniente criarce huma nova Vª. no citio chamado Acayçara adonde está fundada Matriz", preferiu a permanência da antiga Vila, em Fortaleza, por estar situada próxima ao mar, e por ser lugar seguro contra os ataques de índios.[25]

Creio que esse fato histórico pode ser identificado como uma das raízes do autarquismo sobralense, convicto em criar na Ribeira do Acaraú um pólo de desenvolvimento, na ambiência de uma tradição pastoril tão singular em nosso Estado.

O vigor desse bairrismo sobralense teve para a cidade efeitos positivos incontestáveis, criando em seus filhos uma mentalidade positiva, em alguns casos pioneira, como aconteceu recentemente com a implantação da Fundação Universidade Vale do Acaraú — videira cultural do Padre Francisco Sadoc de Araújo e pábulo da juventude.

Persifal Barroso, parlamentar ligado a Sobral, destaca em **O Cearense** essa nuança do nosso bairrismo, para depois aduzir com propriedade: "Poder-se-ia talvez sintetizar essa ordem de conceitos se mais um neologismo viesse envolver e condensar esse esforço coletivo e constante de valorização, que é apanágio do povo de Sobral: sobralização".[26]

O formalismo com que encaramos o nosso desenvolvimento e a aura com que envolvemos as nossas tradições e o que existe em nossa gleba, é analisado por alguns ilustres visitantes como exagerada ampliação de nossa realidade. Antônio Bezerra nas **Notas de viagem**, flagra o bairrismo sobralense: "Um sobralense é bairrista como ninguém: exagera as vantagens de sua cidade e tem o entusiasmo de supor que nem a Capital a vence em adiantamento e beleza".[27]

A "ansiedade" de Antônio Bezerra à porta de Sobral o predispôs para ser tocado pela "mosca azul" do nosso bairrismo, ainda chegasse acautelado pelo exagero das nossas referências. Ninguém, esta é a verdade, descrevendo Sobral, foi tão sobralense quanto Antônio Bezerra nas **Notas de viagem**. A sua observação se deteve no asseio das praças e ruas, ressaltando, o peregrino, a "diferença a esse respeito das mais cidades e vilas!" Ganha proporção o alumbramento de Antonio Bezerra ao avistar a Praça do Figueira, pois para ele, "não tem rival na cidade de Fortaleza". O autor de **O Ceará e os cearenses** não se detém nessas exclamações; ao visitar a rua Dr. José Júlio de Albuquerque Barros, defronta-se com a "morada-inteira" de Francisco Fernando Pereira Mendes e não se escusa em afirmar que "dificilmente se encontrarão na Provincia palacetes e melhores cômodos que o que concluía o Sr. Fernando Mendes".

Ao curioso visitante da velha Caiçara nada escapou. Percorreu o "notável Paço da Câmara e o Teatro São João", do qual diz o mestre "construído segundo o plano do de Santa Isabel, em Pernambuco, sendo porém menor".

A visão da Catedral do Padre João Ribeiro Pessoa, causa a Antônio Bezerra um arrebatamento de sobralense de duzentos anos: "A matriz, na arquitetura interior, é em tudo semelhante à da Capital, mas força é confessar que guarda melhores proporções, não se ressentindo como aquela do efeito de ter a fachada acaçapada relativamente ao corpo do edifício".[28]

Um grupo amigo de "cavalheiros" proporcionou o melhor acolhimento ao historiador em Sobral, o que causou excelente impressão ao visitante, que grato transcreve, no livro magnífico, os seus nomes: Dr. Antônio Ibiapina, Dr. Raimundo Belford Teixeira, João Francisco do Monte, José Vicente Franca Cavalcante, José de Farias Lima, José Lemos, Antonio Siebra, Tomás Pompeu de Souza Magalhães, Joaquim de Albuquerque Rodrigues, Major Francisco Marçal de Oliveira Gondim, José Bezerra de Menezes, José Gomes Parente e Família.

O Conde de Vila Flor, Governador de Pernambuco, nomeou, em 1765, como substituto de João Baltazar de Quevedo Homem de Magalhães, na chefia do Governo da Capitania, Antônio José Vitoriano Borges da Fonsêca.

Borges da Fonsêca, trigésimo-sexto Governador do Ceará, nasceu em Recife a 26 de fevereiro de 1718, sendo batizado na igreja de S. Frei Pedro Gonçalves. São seus pais o Mestre de Campo de Infantaria de Olinda Antônio Borges da Fonsêca e Francisca Peres Figueroa.

Jovem, destacava-se em Fernando Noronha ao tempo da ocupação francesa. Em Portugal, Borges da Fonseca, obteve do Cardeal Nuno da Cunha o título de Familiar do Santo Ofício, em 1744. Voltado para as artes e letras, pertencia à Academia Brasílica dos Renascidos. Francisco Augusto Pereira da Costa delineia em corte clássico, a sua trajetória de militar e político no **Diccionário biographico de pernambucanos celebres**, trazendo luzes ao pesquisador que se abalance ao cotejo de sua gestão profícua: "Em 1765, o go-

verno o distinguio com a honrosa nomeação de governador e capitão general da capitania do Ceará.

"Recebendo a patente de sua nomeação, prestou juramento no Palácio das Torres do Recife aos 27 de Março do mesmo anno de 1765, nas mãos do governador de Pernambuco D. Antonio de Souza Manoel de Menezes, conde de Villa Flor, e seguindo para o seu destino, tomou posse do governo da capitania a 25 de Abril.

"Antonio José Victoriano Borges da Fonseca foi na ordem chronologica, o trigésimo sexto governador e capitão general do Ceará, e depois de um sábio governo de dezesete annos e dezesseis dias; o entregou ao seu sucessor, aos 11 de Maio de 1782, e voltou para Pernambuco".[29]

Diligente, Borges da Fonseca cuidou, chegado ao Ceará, antes decorresse um ano de sua administração, de criar "em todas as freguezias da Capitania um commandante, a cujo cargo estivesse o bom governo e quitação dos moradores e execução das ordens reaes".[30]

O sertão da Zona Norte estava infestado de malfeitores, fugidios aos corretivos da Justiça. A Ordem Régia de 22 de julho de 1766 os agrupou entre as povoações com mais de 50 fogos, visando uma recuperação social dos fronteiriços. O Barão de Studart, no manancial das **Notas para a história do Ceará**, acentua o efeito dessa medida administrativa: "Em virtude das disposições contidas nessa Ordem foi que se crearam as villas de Sobral, Quixeremobim, S. Bernardo de Russas, S. João do Príncipe.

"Uma origem mui semelhante a que teve a poderosa Roma, em principio verdadeiro valhacouto de ladrões e criminosos, e após avassaladora do universo.

"Pena é que somente na primeira parte ficasse a semelhança".[31]

Atentai bem para esse enxerto social, oriundo dos dispositivos contidos na Ordem Régia de 22 de julho de 1766. Guilherme Studart, retificando suposição de João Brígido, no **Resumo cronológico**, quanto às reais finalidades daqueles prescritos legais, resume nas **Notas para a história do Ceará**, o objetivo social que intentou, com o adensamento demográfico artificial, Borges da Fonseca, no corpo da Ordem Régia de 1766. Explicita o Barão de Studart: "Ao mesmo tempo que procurava augmentar a população das diversas villas, encorporando-lhes homens validos embora estragados pela indolencia e pelo vício foi empenho de Borges da Fonseca retirar das brenhas os indígenas e aldeial-os con-

venientemente. O numero dos selvícolas a que aproveitou sua boa vontade pode computar-se em mais de quatro mil, notadamente as reliquias da importante tribu dos Payacus, ou Bayacus, errantes pela ribeira do Choró e que foram recolhidos na aldeia de Monte Mor o velho, tudo de accordo com uma deliberação do governo de Pernambuco, que traz a data de 30 de Abril de 1765".[32]

Dom José Tupynambá da Frota, consagrado historiador da Ribeira do Acaraú, ao transcrever o vexatório paralelo das origens de Sobral, inserido pelo Barão de Studart, nas **Notas para a história do Ceará**, ajunta logo a seguir, uma relação de varões probos, concluindo-se, dessa velada contestação, não ter sido, à semelhança de Roma, "um valhacouto de ladrões e assassinos", os primeiros fundadores de Sobral. Eis a retificação do venerando Bispo Conde de Sobral: "Não se suponha, porém, que taes homens fossem os primeiros fundadores de Sobral. Em 1768, conforme o Relatório do Pe. João Ribeiro Pessôa, já existiam na povoação de Caissara setenta e cinco casas, das quaes cincoenta e três eram de telha. E conforme se deduz dos termos de aforamento, aqui tinham suas casas Domingos da Cunha Linhares, Coronel Vicente Ferreira da Ponte, Capitão Domingos Rodriguês Lima, Antonio Rodriguês Magalhães, Coronel José de Xerez Furna Uchôa, Jeronimo Machado Freire e outros, que eram homens de bôa linhagem e troncos de famílias respeitáveis".[33]

Prazia a Guilherme Studart, levado pelo profundo conhecimento das raízes genealógicas, convizinhar parentescos entre famílias pernambucanas e cearenses quando perfilava homens de real valor, como fez com referência a Paulino Nogueira, ligando o arco da sua ancestralidade a seu bisavô, Antonio José Vitoriano Borges da Fonseca, nome chegado à Vila Distinta e Real de Sobral.

Nesta romagem cívica à história da antiga Povoação de Caiçara, declino com emoção o nome de João da Costa Carneiro e Sá — nono titular da Ouvidoria do Ceará, nomeado por Carta Régia de 12 de junho de 1769, personagem central do evento bisecular que celebramos com alevantado júbilo.

Guilherme Studart, fonte histórica de natural recorrência das origens sobralenses, dá-nos mais um traço da biografia do Dr. João da Costa Carneiro e Sá, aditando: "Aquelle Carneiro e Sá, a quem Cunha Menezes dirigia-se, fora nomeado Ouvidor do Ceará por C.R. de 12 de junho de 1769. Araripe chama-o João da Costa Correia Sá, mas o nome ver-

dadeiro é João da Costa Carneiro e Sá. O dia da sua posse é 1 de Janeiro de 1770. Do Ceará foi despachado para a Relação da Bahia.

"A elle foi commetida a tarefa de tirar residência a Victorino Soares Barbosa. Tirar residencia era o mesmo que syndicar dos actos de alguem e dar conta delles a um funccionario superior".[34]

Chegamos ao contorno final no quadro esmaecido que intentamos colorir, com minuciosas informações, do acontecimento bisecular da elevação de Caiçara a Vila Distinta e Real de Sobral, ocorrido a 5 de julho de 1773, fato histórico que se positivou para posteridade com o Termo do levantamento do pelourinho. Diz o texto notável: "Aos cinco dias do mez de Julho de mil setecentos setenta e tres annos n'esta povoação da Caiçara, Capitania do Ceará Grande, no terreno do meio d'ella onde veio o Doutor Ouvidor Geral e Corregedor da Comarca, João da Costa Carneiro e Sá, commigo escrivão do seu cargo adiante nomeado, e maior parte das pessoas mais capazes do povo d'este termo, e sendo no lugar do pelourinho, que o dito Ministro mandou fazer, e ahi por mim escrivão foi communicado a todas as pessoas presentes o transumpto da Carta do Excelentissimo Governador de Pernambuco, edital e ordem de sua Magestade Fidelissimo, tudo copiado na certidão retro, depois do que por ordem do dito ministro em voz alta e intelligivel pelo meirinho geral da correição João dos Reis foi dito tres vezes Real! Real! Real! Viva o nosso Rei Fidelissimo, o Senhor Dom José de Portugal! Cujas palavras repetio todo o povo em signal do reconhecimento da mercê que recebião do mesmo Senhor pela erecção d'esta nova villa de Sobral. E de tudo para constar mandou o dito ministro fazer este termo em que assignou com todos os que presentes estavão. E eu, Bernardo Gomes Pessôa, escrivão da correição, o escrevi. Carneiro e Sá. — Bento Pereira Vianna. — Jeronimo Machado Freire. — José de Xerez Furna Uchôa. — Sebastião de Albuquerque Mello. — Luiz de Souza Xerez. — Alexandre de Hollanda Corrêa. — Vicente Ferreira da Ponte. — Manoel Coelho Ferreira. — José de Araujo Costa. — Manoel da Cunha. — Antonio Miguel Pinheiro. — João Marques da Costa. — Feliciano José de Almeida. — Manoel Ferreira Torres. — André José Moreira da Costa Cavalcante. — Manoel de Souza de Carvalho. — Miguel Alvares Lima. — Antonio de Carvalho e Souza".[35]

A justificativa na qual se arrimam os doutos, para encontrar o motivo ponderável do nome Sobral, dado à nova

vila, não chega a ser uniforme quando se coteja tais pontos-de-vista, quase nunca sedimentados em comprovações decumentais.

Uns admitem ser Sobral nome comum nos povoados, distritos e vilas portuguesas. Outros há que asseveram ter sido a evocação do distrito de Sobral, da cidade de Vizeu, berço natal do Ouvidor-Geral Carneiro e Sá, o motivo central da escolha da nova vila, levantada na Ribeira do Acaraú.

O repasse da historiografia sobralense nesse aspecto é interessante. Monsenhor Vicente Martins, fundador e Presidente da Academia Sobralense de Estudos e Letras, no seu livro **Homens e vultos de Sobral** aborda, sucintamente, o crivo eletivo da escolha do nome Sobral: "Em 1773 João da Costa Carneiro e Sá, ouvidor geral, corregedor da Comarca do Ceará, em obediencia à Carta Régia de 22 de Julho de 1766, expedida ao governador de Pernambuco — Manoel da Cunha Menezes, erigiu com o nome de Vila Distinta e Real de Sobral, homenageando seu logarejo nativo em terras lusitanas, a povoação de Caiçara, o que foi solenemente feito, com o levantamento do pelourinho, ato em que serviu de escrivão Bernardo Guimarães Pessôa e que assistiram o referido ouvidor e muitas pessoas".[36]

O Padre João Mendes Lira, Diretor do Centro de Pesquisas Históricas e Geográficas da Universidade Vale do Acaraú, continua a indeclinável vocação do clero sobralense para os estudos das origens da velha Caiçara. Publicou um roteiro, que desejamos ver ampliado, sobre a Cidade com o título **De Caiçara a Sobral,** onde aflora o motivo do nome da Vila Distinta e Real de Sobral: "Carneiro e Sá, encarregado de dar o nome à Vila, recém-criada, batizou-a de Sobral, em homenagem, portanto, à sua terra natal".[37]

Dom José Tupynambá da Frota, com certeza nosso mais exaustivo historiador, na **História de Sobral,** tem o mérito de agrupar nesse tocante, junto à sua impressiva opinião, a de Monsenhor Fortunato Alves Linhares e a de Alberto Jaime do Amaral, que reuniu também esparsos estudos sobre a Cidade, debaixo do nome **Para a história de Sobral**. Eis o texto do prelado: "Segundo a tradição conservada nas famílias mais antigas de Sobral, foi o Ouvidor Carneiro e Sá, acima nomeado, quem deu o nome de Sobral à nova vila, por ser ele, segundo afirmava-se, natural do Distrito de Sobral, freguesia de Vizeu, ao Norte de Portugal. Esta opinião sobre a origem do nome dado à antiga Caiçara é partilhada por conscienciosos investigadores da nossa história, como Mon-

senhor Fortunato Alves Linhares e Alberto Jaime do Amaral".[38]

O nome Sobral — qualquer tenha sido o motivo e o critério da escolha deitou raízes tentaculares nos corações de seus filhos e ajustou-se, perfeitamente, à Vila, a tanto se deduz da ausência de calor cívico quando a Lei Provincial nº 229, de 12 de janeiro de 1841, alterou o antigo nome, rebatizando-a como Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú. Logo no ano seguinte, em 1842, Resolução do Presidente da Província, o Brigadeiro José Joaquim Coelho, fazia retornar o nome consagrado.

Em **O Ceará**, de Antonio Martins Filho e Raimundo Girão, verifica-se que o nome da Vila de Sobral, dado por Carneiro e Sá, encerra uma homenagem ao Distrito desse nome, do município de Vizeu, berço do Ouvidor-Geral. A origem de Sobral é latina "de suber, souvereiro (árvore), com a terminação portuguesa al, abundância. Souvereiral alterou-se em Sobral — "abundância de souvereiros".[39]

Com o levantamento do pelourinho — símbolo do poder — incumbia ao Ouvidor Geral e Corregedor da Comarca João da Costa Carneiro e Sá, assistir, presidir e empossar, pelo sistema do pelouro, o juiz ordinário, o de órfãos, vereadores e procurador do Conselho, no dia 5 de julho de 1773, seguindo-se finalmente a audiência geral do Ouvidor. O Barão de Studart é quem nos transcreve, em **Notas para a história do Ceará**, o "Termo da facção do pelouro e abertura de um dos que forão eleitos para servirem cargos da republica até o fin dèste corrente anno nesta Villa distincta e Real de Sobral.

"Aos cinco dias do mez de Julho de mil setecentos setenta e tres annos n'esta Villa Distincta Real de Sobral, Capitania do Ceará Grande e em casas da aposentadoria do Doutor Ouvidor-Geral e Corregedor da Comarca — João da Costa Carneiro e Sá, onde eu, escrivão de seu cargo, fui vindo, e sendo ahi, depois de ter o dito ministro levantado o pelourinho, e creado villa, e procedido o pelouro das pessoas que devião occupar os cargos de Juizes ordinarios e orphãos, veriadores e procurador do Conselho, e estando presentes a maior parte das pessôas principaes d'esta Villa e termo, houve o mesmo ministro por aberto um dos pelouros dos que havião de servir no remanescente do presente anno, no qual se achou estarem eleitos para Juízes ordinários o sargento-mor Sebastião de Albuquerque Mello, e o capitão Manoel José do Monte, para vereadores o capitão Vicente Ferreira

da Ponte, o capitão Manoel Coelho Ferreira, para procurador Antonio Furtado dos Santos, e para Juiz de Orphãos Gregório Pires de Chaves, como consta da mesma pauta infronte, e por se acharem presentes os juizes e Vereadores, e procurador do Conselho, lhes mandou o dito ministro passar Suas Cartas de uzanças por não duvidarem da acceitação dos seus respectivos cargos, de que fiz este termo em que assignou o dito ministro somente. — Bernardo Gomes Pessôa, escrivão da correição, o escrevi. Carneiro e Sá".[40]

O título de Fidelíssima Cidade Januária, adveio da firme oposição sobralense à Revolução Pernambucana de 1817, em que a Corporação da Câmara fez solene protestação dos "mais puros votos da nossa fiel vassalagem", ao Rei e ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve, assistindo, inclusive ao Te Deum, oficiado pelo Vigário da Matriz, Padre João Gonçalves de Medeiros. Cedo a propalada fidelidade do Senado da Câmara de Sobral iria atenuar-se na crise política da nossa Primeira Constituinte Imperial, resistindo, depois, ao pedido da Câmara do Rio de Janeiro, em aprovar o Projeto Constitucional do Príncipe, que depois nos seria outorgado.

Esta é, em suma, a história da nação dos sobralenses, desde os primórdios da Fazenda Caiçara de Antônio Rodrigues de Magalhães até a elevação a Vila Distinta e Real de Sobral, do Ouvidor João da Costa Carneiro e Sá.

Reivindicamos nossas pretensões, junto às Cortes Gerais Constituintes da Nação Portuguesa, protestamos contra a Revolução Pernambucana de 1817 e contra a dissolução da Primeira Constituinte Imperial, juramos a Carta Imperial outorgada, aderimos à Confederação do Equador, socorremos ao Maranhão e Piauí na Balaiada, nos envolvemos na sedição em 1840 contra o Senador José Martiniano de Alencar, recebemos com regozijo o General Tibúrcio, expressamos nossa gratidão aos feitos de Caxias na Guerra do Paraguai, defendemos ardorosamente a Abolição da Escravatura, festejando o 13 de Maio com luminárias, e firmamos o Manifesto do Partido Republicano às vésperas do desabar das instituições imperiais.

Sítio abençoado pelo orago de Nossa Senhora da Conceição, surgido às margens do Rio Acaraú e nas faldas da amena Serra da Meruoca, na moldura distante da Serra da Ibiapaba, Sobral desenvolveu-se, arrostando todas as dificuldades do meio inóspito e do clima tropical, plasmando uma sociedade austera e promissora, criada nos quadrantes

Biblioteca Pública G[illegible]mentel
Setor do Ceará

da moral antiga e dos princípios evangélicos professados por nossos antepassados.

Capital da Zona Norte do Estado e vigoroso pólo de desenvolvimento econômico do "hinterland" cearense, Sobral é um centro populacional de considerável densidade demográfica em seu município, com destacada projeção sócio-cultural, mercê do arraigado bairrismo de sua gente indomável, cuja parte mais representativa se acha recolhida, em agradável síntese, nos Dicionários de Sacramento Blake e Guilherme Studart.

Recolho da arca do tempo nomes respeitáveis de minha terra e que compõem o seu Panteon — pela probidade de suas vidas, pela retidão de seus exemplos e pelos méritos dos seus esforços, o que faz vindicar para eles o nosso respeito e a consagração póstuma: Pe. Antônio da Silva Fialho — Antônio Ibiapina — Antônio Joaquim Rodrigues Junior — Antônio Sabino do Monte — Monsenhor Diogo José de Souza Lima — Domingos Jesuino de Albuquerque — Domingos Olímpio Braga Cavalcanti — Esmerino Gomes Parente — Felinto Alcino Braga Cavalcanti — Monsenhor Fortunato Alves Linhares — Francisco de Paula Rodrigues — Jerônimo Martiniano Figueira de Melo — Dom Jerônimo Tomé da Silva — Dom José Tupynambá da Frota — João Evangelista da Frota e Vasconcelos — Padre João Scaligero Augusto Maravalho — João Thomé da Silva — João Tomé de Sabó'a e Silva — Padre José Antônio de Maria Ibiapina — José Júlio de Albuquerque Barros — Dom José Lourenço da Costa Aguiar — José Vicente Franca Cavalcanti — José Saboya de Albuquerque — Vicente Alves de Paula Pessoa — Vicente Cândido Figueira de Saboya — Virgílio Augusto de Morais e Vicente Ferreira de Aruda.

Eis a minha terra.

Eis a minha gente.

NOTAS

1 — GIRÃO, Raimundo. **Pequena história do Ceará,** p. 69. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1971.

2 — ———— . Op. cit., p. 73.

3 — BARROSO, Parsifal. **O cearense,** p. 61. Rio, Record, 1969.

4 — SERAINE, Florival. "A 'Relação do Maranhão' do Padre Luís Figueira e o falar cearense atual", in **Revista do Instituto do Ceará,** Fortaleza, vol. 88, 1970, p. 21

5 — BARROSO, Parsifal. Op. cit., p. 83.

6 — ARAÚJO, Oswaldo. "Descendência do casal José Lourenço de Araújo/Maria do Carmo de Araújo", in **Revista do Instituto do Ceará,** Fortaleza vol. 85, 1967, p. 207.

7 — OLÍMPIO, Domingos. **Luzia homem,** p. 5. São Paulo, Melhoramentos, 1964.

8 — MACEDO, Nertan. **O clã de Santa Quitéria,** p. 16. Rio, O Cruzeiro, 1967.

9 — BEZERRA, Antônio. **Notas de viagem,** p. 316. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1965.

10 — LINHARES, Fortunato Alves (Mons.). **Notas históricas da cidade de Sobral,** p. 17. Sobral, Comercial Gráfica, 1945.

11 — FROTA, José Tupynambá da (D.). **História de Sobral,** p. 23. Fortaleza, Pia Sociedade de São Paulo, 1953.

12 — MONTALBO, Aires de. "Influência da religião no Ceará", in **Revista do Instituto do Ceará,** Fortaleza p. 158. Vol. 83, 1965.

13 — PESSOA, João Ribeiro (Pe.). "Notícias da Freguesia de N. S. da Conceição da Caiçara", in **História de Sobral,** p. 68—73 (cit.)

14 — BEZERRA, Antônio. Op. cit., p. 306.

15 — PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto. **Dicionário biográfico de pernambucanos célebres,** p. 477. Rio, Tip. Universal, 1582.

16 — FROTA, José Tupynambá (D.). Op. cit., p. 91

17 — ———— . Op. cit., p. 136.

18 — PESSOA, João Ribeiro (Pe.). Op. cit., p. 66—7.

19 — STUDART FILHO, Carlos. "Aborígenes do Ceará", in **O Ceará,** p. 56. Fortaleza, Instituto do Ceará, 1966 (livro de Antônio Martins Filho e Raimundo Girão).

20 — MARTINS FILHO, Antônio, e GIRÃO, Raimundo. **O Ceará**, 505.
21 — LINHARES, Fortunato Alves (Mons.). Op. cit., 25.
22 — FROTA, José Tupynambá (D.). Op. cit., 67.
23 — STUDART, Guilherme. **Notas para a história do Ceará (segunda metade do século XVIII)**, p. 144—5. Lisboa, Tip. do Recreio, 1892.
24 — ———— . Op. cit., p. 144.
25 — ———— . .Op. cit., p. 165.
26 — BARROSO, Parsifal. Op. cit., p. 130.
27 — BEZERRA, Antônio. Op. cit., p. 307.
28 — ———— . Op. cit., p. 309.
29 — PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto. Op. cit., p. 130.
30 — STUDART, Guilherme. Op. cit., p. 253.
31 — ———— . Op. cit., p. 254.
32 — ———— . Op. cit., p. 254
33 — FROTA, José Tupynambá (D.). Op. cit., p. 301.
34 — STUDART, Guilherme. Op. cit., p. 263—4.
35 — ———— . Op. cit., p. 258.
36 — MARTINS, Vicente (Mons.). **Homens e vultos de Sobral**, p. 15. 1941 (sem dados de imprenta).
37 — LIRA, João Mendes (Pe.). **De Caiçara a Sobral**, p. 4. 1971. (sem dados de imprenta).
38 — FROTA, José Tupynambá (D.). Op. cit., p. 313.
39 — MARTINS FILHO, Antônio, e GIRÃO, Raimundo. Op. cit., p. 504.
40 — STUDART, Guilherme. Op. cit., p. 258—9.

JOSÉ SABOYA DE ALBUQUERQUE *

Toda a zona Norte do Estado, liderada por Sobral, celebra, hoje, com manifestações cívicas, literárias e religiosas, o centenário de nascimento do Doutor José Saboya de Albuquerque, figura oracular do udenismo cearense, que polarizou, por duas décadas, na Princesa do Norte — cidade que lhe serviu de berço — ponderável liderança política, mercê de suas irrecusáveis qualificações pessoais, o que propiciou, evidentemente, maior dimensionamento de sua influência política, por todo o sertão, até alcançar ambiência de acolhimento fraternal, com o Brigadeiro Eduardo Gomes, Octávio Mangabeira, Prado Kelly, Milton Campos, Senador Fernandes Távora, Governador Faustino de Albuquerque, Gentil Barreira e Paulo Sarasate, corifeus da antiga União Democrática Nacional.

Nasceu José Saboya de Albuquerque, em Sobral, a 6 de agosto de 1871. Filho do Cel. Ernesto Deocleciano de Albuquerque e Dona Francisca Saboya de Albuquerque. Iniciou os estudos primários com o conhecido Mestre-Escola Vicente Arruda, prestando, a seguir, em Fortaleza, os exames propedêuticos no tradicional Liceu do Ceará. Concluindo os preparatórios, ingressou na histórica Faculdade de Direito do Recife, bacharelando-se a 19 de setembro de 1891, exercendo, durante o final do seu período acadêmico, o Ministério Público, em Sobral. É designado Juiz Substituto, a 2 de maio de 1892, da Comarca de Sobral. Exerceu, a partir de 1899, a judicatura plena, como Juiz de Direito, em cuja vara permaneceu até 1935, afastado, compulsoriamente, na idade limite. Casou-se, em Sobral, a 30 de novembro de 1893, com Maria da Soledade Miranda Pessoa, hoje nome de populoso bairro sobralense. Da união do casal registra-se o nascimento de sete filhos: Francisco, Evangelina, Nazinha, Ernesto, Maria

* **O Povo** (Fortaleza-Ce), 6.8.71.

da Soledade, Lúcia e Francisca, falecida, recentemente, na Guanabara.

De porte alto, levemente curvado, esguio, de discreta elegância no trajar, José Saboya praticou, até a velhice, equitação e natação, práticas esportivas que lhe garantiram, até se finar, uma aparência saudável e hígida. Apaixonado do "turf" foi um dos fundadores do Derby Club Sobralense, o primeiro do Ceará, contribuindo nas programações do Prado, com parelheiros de sua apurada coudelaria.

É o exercício da magistratura, na vida de José Saboya de Albuquerque, período dos mais copiosos, em que pôs todo o seu vigor laboral, aliado à sólida cultura jurídica. Historiador arguto que se abalance a pesquisar a vida e o raio de influência do Juiz Sobralense terá, nessa fase, manancial inexaurível, nos autos dos frondosos processos onde encontrará suas sentenças, exaradas na melhor quadratura legal, sedimentadas em incontestável base jurisprudencial, realçadas, pela escorreição da forma vernacular e por evidente senso do Direito. Mereceu, na sua judicatura, cabal acatamento do Colendo Tribunal de Justiça do nosso Estado, sobretudo, por não lhe haver sido reformada sentença por ele prolatada, fato que se positivou no comparecimento grupal dos integrantes daquela Corte nas festas comemorativas de suas Bodas de Ouro matrimoniais, ocorridas em Sobral no ano de 1943. Escrupuloso, levava José Saboya, muito a sério os atos judiciais, dando-lhes entono especial à exteriorização do rito processual, principalmente, às Sessões do Tribunal do Júri Popular, ao qual, quando as presidia, vestia-se com fraque, ou roupa preta com impecável colete, dando, assim, exemplo ao corpo de jurados e à assistência.

Polido, habitualmente, de gestos largos e generosos para com os amigos desvalidos, contudo, inadmitia as defecções partidárias, por ter em alta conta a sua fidelidade ao grêmio político que abraçara. Estocado, nas campanhas políticas, por adversários seus, punha-se de florete crítico, nas polêmicas que aceitava, defensivamente, sem contudo descer à linguagem ácida e causticante, nem a termos surrados ou a lugares-comuns. A veemência, a explanação clara e concisa era o seu forte, e na fase política, quando os ânimos estavam mais acirrados colocava na fímbria da frase, trocadilhos, nos quais se vislumbravam, longes de psicologia caricatural, faceta do seu caráter, relembrada, com regalo, no seu círculo íntimo de amizade.

Há momentos e fatos em sua liderança política, exercitada em Sobral, que se não deve recordar, tão-logo, sobretudo, para não ferir melindres ou, ainda, por não se haver concluído o ciclo histórico em que se incrustou o fato desencadeante, conquanto, não há dúvida, se anteveja agigantado seu desempenho na direção do grêmio que comandou, tão denodadamente. Viu o líder cearense arder em torno de si, também, incompreensões, que estão a merecer, do analista político, revisão crítica e histórica.

Emprestou, o sobralense ilustre, parcela de sua contribuição ao Governo João Thomé, ocupando, com exação, a Secretaria do Interior e Justiça e exonerando-se, sem alardes, por discordar de ato governamental, mantendo, aplacada a crise, cordialidade com o Chefe do Executivo, de quem era aparentado.

A Fábrica de Tecidos Ernesto Deocleciano, empreendimento que a índole mercantil de seu pai fez nascer nas cercanias de Sobral, inicialmente sob a razão comercial Ernesto & Ribeiro, dada a participação econômica, no empreendimento, do caxiense Cândido Ribeiro, recebeu, também, de José Saboya como seu Diretor-Presidente e acionista majoritário, os influxos do seu tirocínio, chegando, até mesmo, a iniciar o intercâmbio comercial com os Estados do Sul do País e com o Exterior, nas priscas eras em que o comércio exportador era privilégio de poucos. Adotava, para os empregados, uma política social preventiva, assistencial e securitária, independentemente de legislação impositiva que lhe compelisse à concessão de vantagens e benefícios, somente conquistados, pela classe obreira, posteriormente. Continuando o ciclo expansionista empresarial, impulsionado por José Saboya, o Doutor José Maria Mont'Alverne, seu genro, com aprumo e dedicação foi durante algum período seu Diretor-Presidente.

Quando o calor, no final do ano, abrasava Sobral, o líder popular, se deslocava para a Serra da Meruoca, buscando não sem razões, uma trégua que o retemperasse para novas porfias, nos futuros prélios eleitorais. Na Pedra Furada, sítio de sua predileção, entregava-se, descontraidamente, ao convívio acolhedor dos filhos e, às vezes, deleitava-se, ternamente, em conversas com os netos. Nesse período do ano acordava em seu espírito lúcido o gosto pela leitura, com que harmonizou, tão bem, com o da política, dando provas do seu espírito de pesquisador no discurso que proferiu, em Sobral, saudando, por ocasião do Jubileu Episcopal de Dom

José Tupynambá da Frota, 1941, o Senhor Núncio Apostólico, Dom Bento Aluísio Mazella. As elites culturais do Ceará aplaudiram, com encanto, ao ser publicada, nos periódicos, a peça literária, onde, ao lado da frase tersa e enxuta, constatou-se a análise sócio-cultural de Sobral, inserido naquele documento literário, como epiciclo econômico do Estado, mercê do berço de sua gente, em cujas raízes foi identificar, em Pernambuco, com a vinda de Arnaud de Holanda, ao lado de Manoel Vaz Carrasco, Antônio Rodrigues Magalhães, Manoel Feitosa, Marques da Costa, os peregrinos que se instalaram na Ribeira do Acaraú, construindo a velha Caiçara.

Dobrado pela doença, José Saboya de Albuquerque, procurou na ex-Capital da República, o valimento médico que, infelizmente, não conseguiu, expirando, para a consternação do Ceará, no dia 26 de abril de 1950, na residência do Doutor Massilon Saboya, seu irmão.

Por saberem seus filhos do seu entranhado amor a Sobral, recolheram no Rio de Janeiro, em preito a sua amada memória, seus despojos, que hoje repousam ao lado de sua esposa Dona Sinhá Saboya e do seu genro José Maria Mont' Alverne, no sítio mortuário, nas proximidades do mausoléu do seu pai.

A força moral de varão bíblico, a honestidade profissional, as iniciativas de cunho industrial e recreativo e, sobretudo, a incontestável liderança política, criaram em torno do Doutor José Saboya de Albuquerque, uma aura de respeito e admiração que se viu ampliada, com a sua morte, pela saudade e vazio que deixou no coração de sua gente, tornando-se um nume tutelar, pelo inigualável exemplo de sua vida.

FRANCISCO ARAÚJO, VINDIMEIRO DE SOBRAL *

Francisco Araújo é nome respeitável do Ceará, mercê de sua projeção nos círculos médico e educacional e inscrito nos forais da Princesa do Norte como dileto cidadão de Sobral, por haver sido de seu brilhante espírito e de suas mãos dadivosas que surgiu a UVA — Universidade Vale do Acaraú — ao tempo do seu laborioso exercício na Câmara de Ensino Superior do Colendo Conselho Estadual de Educação, a que tanto honrou, com a experiência do seu magistério, de que tinha largo tirocínio, como de resto fez em tudo em que participou, sempre voltado para o bem comunitário, sem eiva demagógica que deslustrasse a iniciativa, sem a empáfia que esmaecesse a pureza de suas intenções altruísticas.

O Ipu — terra bucólica, abençoada pela Mártir-Santo — foi o berço de Francisco Araújo, nascido em 1903, penúltimo rebento da prole honrada do venerando casal José Lourenço de Araújo e Maria do Carmo de Araújo ambos vindo das margens da Ribeira do Acaraú, pois que santanenses eram.

Cedo faltou a Francisco Araújo o olhar materno e, já em Fortaleza, quando estagiava com sucesso no Colégio Cearense, com presença marcante no grêmio literário, onde encontrou tempo para fundar a revista **Verdes Mares**, a morte arrebatou-lhe o pai, assumindo José Oswaldo Araújo a tutela do pupilo irmão, encaminhando-o para os horizontes médicos da Escola da Praia Vermelha, a que estava decidido a freqüentar Francisco Araújo.

Menino de pé de serra, acostumado aos ventos dos canaviais, ao refrigério da garapa e dos banhos do Gangão após os folguedos no Quadro, Francisco Araújo, vibrátil como

* Pronunciado no Instituto do Ceará, sessão de 20.9.74; publicado na Revista do Instituto do Ceará, t. LXXXVIII, ano LXXXVIII, 1974, p. 182—6.

era, viu-se no paquete "Rodrigues Alves", para alcançar o Rio de Janeiro, aportando na Lapa, enxameada de cortiços estudantis e repúblicas acadêmicas, ingressando, após reduzido tempo, na Faculdade de Medicina, cedo adaptando-se aos encantos da Cidade Maravilhosa, sem contudo ser arrojado nos excessos tão comuns à juventude, pois sempre conservou o caráter inteiriço e a fé cristã inabalável, que nunca o abandonaram, exaltando-lhe a nobre personalidade.

A fé em Francisco Araújo foi um parâmetro de sua vida, visível a todos os que o conheceram, que o freqüentaram, que o ouviram, na prosa exuberante ou no magistério, enfim. Na Igreja dos Padres Sacramentinos, em Fortaleza, era fácil ver-se o jubilado Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará, contrito na prática de sua confissão religiosa. O carisma batismal que lhe impôs o Padre Maximiano Pinto da Rocha, sempre iluminou-lhe a inteligência, até mesmo quando o "cristalino opaco" dos seus olhos reduziu-lhe a visão e não temeu a "noite do éter", por tanto confiar na claridade de novas alvoradas, que a fé lhe assegurava.

Durante o curso médico viu, Francisco Araújo, o buliço da Avenida Central que, no Governo Rodrigues Alves reduziu a inveja carioca causada pela Avenida de Mayo. Assistiu aos lances angustiantes do Governo Arthur Bernardes. Acompanhou o crescimento das Praias do Flamengo, Botafogo e Copacabana, a primeira em movimento e nudismo. Voltado às letras, o ipuense entrevistou Marinetti, no Pálace Hotel, bandeando-se, no Ceará, com o grupo aglutinado na revista **Maracajá**, pelo modernismo. Não dispensava nas folgas as galerias da Câmara dos Deputados, admirando o verbo de João Neves da Fontoura e o do grupo gaúcho.

Médico, médico-doutor, antes Francisco Araújo fora aluno-interno no Hospital do Corpo de Bombeiros, onde galgou, em interinidade, o cargo de Oficial-Médico, tudo por esforço próprio e pelo olhar compreensivo do sobralense Maximino Barreto.

Atraído pela força telúrica da terra natal, irresistível como a queda da Bica, o filho do Ipuçaba trazia sonhos adormecidos e logo os realizou, casando-se com Francelina Martins, vivendo um amor que dava gosto de ver, por feito de ternura, de delicadeza e que, aos quarenta anos de casados, ainda era amor de noivos.

Ipu, Granja, Massapê foram itinerários de Francisco Araújo antes que chegasse a Sobral, àquela altura já identificado com a problemática sanitária do Estado, sob a orientação de Amilcar Barca Pellon, ao tempo da interventoria Carneiro de Mendonça.

O Posto de Higiene de Sobral é fruto da tenacidade de Francisco Araújo, devotado em propiciar à gente de minha terra as condições para a higidez da saúde, numa linha de atividade de saneamento básico, construindo fossas sépticas e chafarizes públicos. Nesse primeiro estágio o sanitarista ipuense cuidava da saúde da comunidade, pois que depois iria preparar a vindima da UVA, estruturando com o Cônego Francisco Sadoc de Araújo as vigas mestras das unidades de ensino superior das Faculdades de Ciências Contábeis, Engenharia Operacional e Obstetrícia, compondo um mosaico universitário funcional, fugindo ao organograma clássico, por melhor servir aos anseios da juventude da Zona Norte. É a esse labor fecundo, grande para o tempo de três anos em terra sobralense, é a essa vida modelar que Sobral tanto deve e que tão agradecida ficou.

Cresce em realizações a operosa vida de Francisco Araújo voltada para os legítimos interesses do Ceará. Diretor de Saúde, em Fortaleza, Francisco Araújo depois chegou à Comissão do Plano-Diretor da Cidade, ao tempo de Paulo Cabral. Novos Postos de Higiene e de Endemias foram criados no Estado, além do Laboratório Central do Departamento de Saúde e do Centro de Tratamento Rápido, em Fortaleza. Sempre disponível no seu desprendimento, Francisco Araújo participou dos elevados propósitos da Legião Brasileira de Assistência, dirigindo durante o governo do seu fraterno amigo Paulo Sarasate, o Departamento Estadual da Criança, em cujo cargo multiplicou lactários, sempre pautado no humanismo cristão de que era possuidor, mas debaixo de inflexíveis critérios de probidade, infenso a preferências zonais ou a inclinações afetivas.

A criança sempre exerceu em Francisco Araújo um fascínio desmedido. Ele mesmo, senhor da língua, dominando-a com o favo do seu coração ipuense, dela disse na X Jornada Brasileira de Puericultura e Pediatria, em 1958, em Fortaleza: "Bendito é aquele que serve à criança sem dela esperar recompensa outra que não o encanto de vê-la sorrir, na glória de sua vitalidade".

A Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, foi um sonho a que não faltou a vigorosa contribuição de Francisco Araújo em torná-la realidade, bracejando ao lado de Jurandir Picanço e de um valoroso contingente médico que tanto engrandece ao Ceará. Ao tempo da gestão

Ocelo Pinheiro, o Professor Francisco Araújo, docente de Higiene, assumiu as relevantes incumbências de Chefe de Departamento, integrante do Conselho Departamental, alçando-se, por duas vezes, em caráter eventual, à Direção da Faculdade de Medicina, para finalmente extrapolar o raio de suas atividades no Conselho Universitário da Universidade do Ceará, representando aquela unidade.

Virgílio Távora, homem de forte tradição política no Ceará, levou Francisco Araújo, ao tempo do seu governo desenvolvimentista, para a área educacional, para o convívio diligente do Conselho Estadual de Educação, quando o mestre ipuense da Faculdade já havia se retirado, depois de representá-la em congressos nacionais e no Seminário de Medicina Preventiva, no Chile.

A frente da Câmara de Ensino Superior, o Cônego Francisco Sadoc de Araújo, continuando a tradição sobralense de padre-mestre, em cuja relação se destacam Padre Fialho, Dom José Tupynambá da Frota, Monsenhor José Aloísio Pinto e Monsenhor José Gerardo Ferreira Gomes, encontrou em Francisco Araújo o amigo leal para a autorização do funcionamento da Faculdade de Ciências Contábeis de Sobral, primogênita da Universidade Vale do Acaraú. O parecer do educador ipuense é da maior valia como estudo sociológico, no qual se ressalta o equilíbrio do julgamento do corpo docente, a análise detalhada das instalações do benemérito Seminário da Betânia, em tudo antevendo os frutos de sua videira cultural, amanhada com o seu esforço intelectual, regada com as águas da afetividade do seu Ipu, que em Sobral tinha uma lídima representante, em sua irmã, Maria Marphisa Mont'Alverne, por quem sei, aumentava-lhe o ânimo de servir a Sobral.

A Universidade Vale do Acaraú, a qual pertenço com o meu bisonho magistério, reconhecidamente pôs em Francisco Araújo o capelo de um doutorato honorífico, laureando ao seu mais elevado amigo.

Quando a Caiçara, a 5 de julho de 1973, comemorava o bicentenário de sua elevação a Vila, outorgou-lhe, na Casa da Câmara, o título de Cidadão de Sobral, justa homenagem a uma vida modelar, rica de atividades comunitárias, e que na Princesa do Norte foi fecunda, por haver sido Francisco Araújo o vindimeiro de Sobral.

Entre o verbo e o verso foi a despedida de Francisco Araújo, ofertado à cultura cearense, como síntese de sua vida operosa, em que se pode detectar o cristão, o cidadão,

o esposo, o pai, o avô, o médico, o professor e o educador. E mais ainda o poeta tão colorido como o arco-íris que se forma no arrebentar da Bica do Ipu, quando o sol abraça as águas.

Com a acolhida de Walter de Moura Cantídio, Jurandir Picanço, Cláudio Martins, Milton Dias, Plácido Castelo, Francelina Araújo lança o livro do memorialista, em Fortaleza, e, recentemente, em Sobral, lá com a presença da Fundação Universidade Vale do Acaraú, Academia Sobralense de Estudos e Letras e Centro Médico Cearense — Seção de Sobral, certa de que está cultuando uma memória muito amada e propagando um exemplo tão dignificante.

Raramente o freqüentava, mas o fazendo a acolhida era fraternal e o assunto, não sendo sobre a UVA, chegava de imediato: era o Ipu. Trouxe-o ao Maranhão, para testemunhar, com Francelina, o meu casamento, na Catedral de Nossa Senhora da Vitória em cujo sólio os maranhenses já ouviram as prédicas de Dom Xisto Albano, cearense da Serra da Aratanha. Desse tempo então a correspondência entre nós era intensa, pois que, não me inibo de acentuar, provindo da grei dos Araújo, muito o admirava, na prosa, nas atividades e na sua fé, que sempre vi robusta.

SOB AS ARCADAS DO TEATRO SÃO JOÃO *

"Sente-se aqui a solenidade dos grandes cultos, a impressão das catedrais anoitecidas pelos séculos, a elevação interior para o infinito" — Rui Barbosa — **VISITA À TERRA NATAL**.

No largo e maravilhoso praial oceânico do Maranhão, rumorejante entre os renques de palmeiras, chegou-me ao ouvido, tangida pelos alíseos, a voz amiga do mecenas da cultura da Ribeira do Acaraú, Padre-Mestre Francisco Sadoc de Araújo — rebento operoso do nobre sangue cearense do Clã dos Araújo — a pedir a mim, filho desta bicentenária Vila Distinta e Real de Sobral, palavra que traduzisse gratidão àqueles que, nesta unção cívica, serão crismados com o mosto desta UVA, no decurso do sétimo ano da constituição jurídica da Fundação Vale do Acaraú, por tão largas terem sido as benemerências com que premiaram a juventude sobralense.

Por crer na exeqüibilidade econômica da epopéia mareante do Porto do Itaqui, empolgado que estou no processo de desenvolvimento do Meio-Norte, pressuroso, liberei-me do exercício técnico da profissão que elegi, pois o convite, tão honroso para tantos, o é mais para mim que a outros, vinculante em reforçar a aliança que me liga à Fundação Vale do Acaraú, por ser eu integrante do Corpo Docente de duas de suas Unidades.

A insopitável emoção desta solenidade traz à minha alma de sobralense anelante lembrança que me motiva o ponderável desejo de revelá-la, quando canto, com júbilo, mas com rouca voz, os vossos méritos. Aludo, com precisão cronológica, que detenho o decanato do magistério da Funda-

---

* **Revista da Academia Cearense de Letras**, ano LXXXII, n.º 38, 1977, p. 168—74.

ção Vale do Acaraú, iniciado à noite do dia 16 de março de 1970, com a disciplina de Direito Público, na Faculdade de Ciências Contábeis, instalada no Sítio Betânia, no prédio do venerando Seminário São José.

No prelúdio deste saudar esmaecido, e preocupado com o vosso olhar receptivo às minhas palavras, muito me agradaria que, aqui, sob as arcadas seculares do Teatro São João, me acometesse um fluido pentecostal, inflamando-me a mente, dourando as palavras para ajustá-las, como desejava fazer, ao generoso agradecimento do Colégio de Docentes da Fundação Vale do Acaraú, aos vossos nobilitantes gestos.

Guarda, ficai disto certos, a memória desta nobre e leal Cidade de Sobral, os vossos nomes no seu armorial, como exemplos altruísticos que tanto se esforçaram para mais enobrecê-la.

Peregrino que vem ao Ceará, notará, sem delongas, que a sua fisiografia possui, nitidamente, três zonas: o litoral, as serras e o sertão.

O seu regime térmico é de intenso calor, amenizado, no Sertão, pelo sopro vespertino do Aracati. A luminosidade é dardejante, sem o manto protetor da nebulosidade. O solo é argiloso, portanto impermeável às fontes. Aqui, temos, pela vizinhança, a amenidade da Serra da Meruoca, as faldas da Ibiapaba e o mais antigo dos sobralenses, o Rio Acaraú.

No enfoque sociológico da formação histórica de Sobral, constata-se, mesmo sem os arroubos do criticado mas construtivo bairrismo, que a tenacidade, o espírito de luta, a pertinácia em atingir os objetivos planejados e o amor a esta Capital do Sertão, são traços característicos da nossa personalidade grupal, que por serem virtudes cívicas, cimentam e enrijam o nosso caráter, hauridas e transmitidas dos arcanos da velha Caiçara, ao tempo em que atraído pela saga agropastoril, aqui chegou o bandeirante-mor e fundador da Povoação: ANTÔNIO RODRIGUES DE MAGALHÃES.

Não me arreceio de acentuar que a fé cristã e o espírito de fraternidade são componentes indissociáveis da psique do sobralense. Tão vigorosos são esses sulcos em nossa personalidade, que retratam espírito comunitário e ânimo de brasilidade e, de último, servem como elemento catalizador de empreendimentos, além de atrair lideranças e de motivar o deferimento de benefícios e favores para o núcleo urbano. Disso decorre, atentai bem, uma conclusão: mais que o gesto cativante, mais que o ajuizar da grandeza de vossas almas, o exemplo de vossa porfia, no conceito das gerações futuras, há de ser mais um serviço prestado à gleba natal, à Nação, o que ligará, em suma, vosso nome à memória do gesto generoso.

Sob as ardências deste sol estival, surgiu, cresceu e desenvolveu-se o burgo sobralense, à margem do Rio Acaraú, sob a proteção da Senhora da Conceição, Orago da Cidade. Aluindo obstáculos, cedo firmou-se o Povoado como centro capaz de reivindicar, como de fato o fez, a estrutura administrativa de Vila e, depois, de Cidade.

Os sólidos princípios da moral pública e privada estearam uma sociedade austera e dinâmica.

Não faltou à Pátria a denodada colaboração dos nossos antepassados, nos momentos mais graves em que lutou para ser a Nação que hoje é. Lutamos em 1817, na Revolução Pernambucana; levantamos o nosso protesto na dissolução da Constituinte Imperial; irmanamo-nos aos ideais da Confederação do Equador. Quando a resistência lusa ameaçava a unidade do Império, à época da Independência, não faltou a contribuição sobralense ao Maranhão e ao Piauí. O ideal abolicionista deitou raízes redentoras em Sobral. Já no final do Império, nesta Cidade, que Januária foi de nome, acordou o ideal republicano, em manifesto que se pode ler nos anais da Casa da Câmara.

Mais recentemente, vibramos com a Revolução de 1930 e esse entusiasmo foi tamanho que Felinto Alcino Braga Cavalcanti, publicista que se liga ao fio cronológico iniciado com exercício parlamentar nas Cortes Portuguesas do santanense José Mariano de Albuquerque Cavalcanti, publicou o **Projeto de Constituição para a Nação Brasileira,** apresentando-o aos constitucionalistas da República. Agora, confessamos nossa admiração ao ideário da Revolução de 1964, que o Presidente Castello Branco, lúcido estadista da Terra da Luz, semeou destemidamente.

A instituição da Aula Régia e da Cadeira de Gramática Latina preparou, desde o início do século XIX, o incipiente núcleo educacional desta Cidade das Igrejas. Relembro os nomes de Padre Antônio da Silva Fialho, Vicente Ferreira de Arruda, Professor Luiz Filipe, Dona Mocinha Rodrigues, Monsenhor José Gerardo Ferreira Gomes, Monsenhor José Aloísio Pinto e Cônego Francisco Sadoc de Araújo, a quem deve Sobral a sua Federação Universitária, tão patente é em todos que a Fundação Vale do Acaraú vive do seu constante e

Biblioteca Pública G[illegible]imental
Setor do Ceará

profícuo dinamismo, cujo reconhecimento já se extrapola para Fortaleza, no convívio do Conselho Estadual de Educação.

Francisco Sadoc de Araújo, padre virtuoso e culto, desempenha em Sobral missão apostolar: idealizou e estruturou, da aprovação às exigências do reconhecimento, as Unidades que compõem o mosaico da Fundação Vale do Acaraú. Posso, fraterno amigo, calcular o vosso contentamento interior, em alcançar esse mister.

Se o seu exemplo de vida já não nos fosse suficiente para o apontarmos, como luzeiro à juventude, dá este Padre de Roma, um total devotamento ao ensino superior, encontrando, nas madrugadas, tempo ainda para pesquisar os fastos da nação dos sobralenses, editando, sob os aplausos do Ceará, obra de tomo, como é a **Cronologia**.

Creditam, a Sociedade e, em especial, o Corpo Docente da Fundação Vale do Acaraú, a Jerônimo Medeiros Padro, comovido agradecimento pelo inspirado ato de sancionar o Diploma n.º 214, aos 23 dias de outubro de 1968, constituindo a nossa Instituição, quando no exercício do Executivo Municipal, ligando, por tal fato, o seu nome, definitivamente, à gesta dos líderes da Princesa do Norte.

Em decisão do mais elevado mérito, a Fundação Vale do Acaraú concede-vos medalha de benemerência.

E, com razão, merecedor desta distinção universitária, ele, o patriarca exemplar, o comerciante vitorioso, o prefeito dinâmico e, mais que tudo, o campeão da nobre causa da educação sobralense.

Sete anos já decorrem do "flatus legis" que instituiu a Fundação Vale do Acaraú e, tão grandes são as promessas desta Videira Cultural, tão vitais já foram os sazonados frutos para o processo do desenvolvimento da Zona-Norte, que, aqui estamos, comungando do contentamento desse evento feliz, ao mesmo tempo em que reafirmamos as promessas de servir à Terra de Domingos Olímpio.

Quando o "placet" do Conselho Federal de Educação sagra, com as forças do vigor da lei, a aprovação e o reconhecimento pleno de suas Unidades, a Fundação Vale do Acaraú traz o seu reconhecimento público, concedendo distinções e outorgando títulos aos filhos desta RIBEIRA e a expressões nacionais, que também carrearam decisiva colaboração ao processo germinativo da UVA.

Fiel à consciência, relembro, comovido, o nome do Professor Francisco Araújo, que eu, no Instituto do Ceará, chamei de Vindimeiro de Sobral, ao traçar-lhe o perfil,

acentuando os ângulos coloridos de sua fascinante personalidade. Francisco Araújo, filho do Ipu, recebeu, no decorrer de bicentenário de Sobral, as armas da cidadania na Câmara, quando já se achava anteriormente revestido do doutorado honorífico que lhe concedera a UVA, por tê-lo tido como dedicado amigo, por haver sido de sua lavra o Parecer nº 356, proferido em 1969, na Câmara do Ensino Superior, de que foi Presidente e Relator. Defendia, Francisco Araújo, naquela análise, a autorização para o funcionamento da Faculdade de Ciências Contábeis de Sobral.

Retomo o suscinto perfil dos homenageados.

Luciano Tebano Barreto Lima,

Vosso nome ecoa nas ruas de Sobral, como fanfarra a agitar a mocidade, agradecida que está ao gesto amorável da alocação de recursos para bolsas de estudo e aquisição de equipamento técnico, proporcionando melhor magistério nas Unidades da Fundação Vale do Acaraú.

Tendes, sabemos, a mesma fibra e o largo coração do vosso Pai, Francisco das Chagas Barreto — velho juazeiro sobralense, enramado na afeição coletiva, pela frondosa sombra onde agasalha a Família e os que lhe são caros.

Recebei vós, Luciano Tebano Barreto Lima o título de Doutor Honoris Causa da Fundação Vale do Acaraú.

Jorgelito Cals de Oliveira,

O Ceará, no berço, recebeu o carisma da evangelização, impregnando-se do sangue do martírio do Padre Francisco Pinto, como estigma a assinalar a nossa vocação cristã.

A Mitra Cearense soube ter, de Dom Antônio Luiz dos Santos ao nosso atual Prelado Metropolita, como preocupação, ao lado do pastoreio, a formação de um clero exemplar, sensível aos anseios comunitários e permeável ao processo de desenvolvimento, tal como Vossa Excelência, líder católico lúcido, com presença marcante que teve na Presidência do Conselho Estadual de Educação.

Oportunidade feliz foi termos, àquela época, Vossa Excelência, no tirocínio daquele Conselho, apondo o selo da aprovação nos fundamentados pareceres de Francisco Araújo, que examinavam a viabilidade de instalar-se, aqui, Unidades da Fundação Vale do Acaraú. A Fundação Vale do Acaraú outorga-vos o título de Doutor Honoris Causa.

Não se restringe à tríade ilustre nomeada a gratidão dos sobralenses e o agradecimento da Fundação Vale do Acaraú.

Outros há que muito a ajudaram, múltiplos e indispensáveis foram os seus favores e gestos.

José Parsifal Barroso,

Laços de sangue ligam o nome de Parsifal Barroso a esta Cidade. O seu exercício político, de consagrada projeção nacional, aqui, sob o impulso de Francisco de Almeida Monte, foi início promissor.

Líder católico, Parsifal Barroso é, no exame perspectivo de sua personalidade, consumado professor com as galas de sólida cultura humanística, que a todos encanta e ensina.

Político, o autor de **O cearense,** já exerceu mandatos no Legislativo, com passagens crescentes, da Assembléia do Ceará à Câmara dos Deputados, representação onde, retornando, agora se encontra. No Senado, honrou a representação federativa do Ceará. Foi Ministro do Trabalho, emprestando eficiente colaboração ao Governo da República.

A Fundação Vale do Acaraú tem, de Parsifal Barroso, se valido para solucionar pendências, para urgenciar reivindicações. Eis o motivo por que tem distinção especial o ex-Governador do Ceará e recebe, cunhando nossa gratidão, medalha de reconhecimento.

Manoel Rodrigues dos Santos,

À mão de Quirino Rodrigues, seu pai, industrial em Sobral, deve Manoel Rodrigues dos Santos o treino na atividade mercantil. Logo revelou-se líder e permutou esse cometimento pelo nobilitante exercício da política, comprovando operosidade e fortes traços de político vocacional.

Válida e eficiente tem sido a colaboração prestada por ele à Fundação Vale do Acaraú, sobretudo, no avigoramento orçamentário de que se necessita. Nesta manhã, a juventude assiste à distinção recebida por Manoel Rodrigues dos Santos, atento e vigilante amigo de Sobral.

José Cordeiro Damasceno,

Concluía na Salamanca da Praça da Bandeira o seu bacharelato, no mesmo ano em que eu ali ingressava. Medeia dessa fase nosso convívio fraterno, com os aplausos de minha admiração, meu nobre Diretor, que assim ainda o chamo, por marcante haver sido sua administração na Faculdade de Ciências Contábeis. Advogado probo, vigilante aos legítimos interesses da sua banca advocatícia. Na Faculdade,

quantas vezes ao procurá-lo em seu Gabinete, não o encontrava, que ele a tudo provendo, agitava-se pelos imensos corredores da Betânia, com a sua necessária presença. Ao lume da memória ocorre a imagem que me sugeria o seu dinamismo: era Damasceno um fogoso monge florentino a encarneirar os alunos às normas regimentais.

A Faculdade de Ciências Contábeis tem, depois de sua passagem, a marca do seu entusiasmo, reconhecida pelo troféu que agora lhe é conferido.

Professor Antônio Leite dos Santos,

Nas Gerais, em Juiz de Fora, adquiristes o adestramento técnico de Engenheiro Civil, especializando-vos no transporte rodoviário tendo, por comprovada habilitação, desempenhado relevantes funções no setor local da autarquia do DNER.

Na Faculdade de Engenharia Operacional fostes o primeiro Diretor, ajustando, pela experiência, aquela Unidade aos requisitos exigenciais do bom magistério.

Flexível, permeável a sugestões de professores e alunos, foi ponderável a parcela de contribuição do Professor Antônio Leite dos Santos à Fundação Vale do Acaraú, o que veio a merecer o nosso reconhecido agradecimento.

A Fundação Vale do Acaraú — donatária das benesses dos nossos homenageados — preenche, em Sobral, especialmente no setor sócio-intelectual, relevante missão. Lúcida e das mais salutares foi a idéia de instalar-se no Torrão de José Saboya de Albuquerque, as Faculdades de Ciências Contábeis, Engenharia Operacional e Obstetrícia. O que foi este labor, o que foi esta porfia ingente é fácil de se aquilatar compulsando as **Documenta,** judiciosa publicação do Conselho Federal de Educação.

Leda é a Cidade e feliz o Povo que possui armados cavaleiros na defesa de seus interesses como vós o sois.

Retornai, em breve, a Sobral, que não tardará muito e as várzeas estarão floridas de pau-branco, mofumbo e unha-de-gato. E que vos espera? Vinde, insisto, vinde para ver. O Rio Acaraú, descerá para vos abraçar, matutando, na voz do seu marulhar, o agradecimento que vos dirigirá.

Deixai que vos diga, por um instante, antes que me vá para o Maranhão:

Eu vos saúdo, defensores da causa da Fundação Vale do Acaraú. Eu vos bendigo pela messe cultural que amanhastes, com a semente dos vossos corações, nesta RIBEIRA DO ACARAÚ.

BATISMO EM ATENAS (*)

Confesso-vos, prezados consócios, nesta hora candidíssima ao meu coração, atendendo ao generoso chamado para desfrutar do vosso convívio fraterno, no fulgor dos vossos concílios, que não encontro, por tão falto de atributos, razões que motivassem o aceno cativante, senão que identificassem nele o reconhecimento ao amor que dedico a esta Ilha feiticeira, que elegi como centro de minhas atividades profissionais, como templo para a pouquidão de minhas pesquisas, como berço amorável para os meus filhos, pois que eu, vos adito com orgulho, há muito sou um dos vossos, cantando, a tanto possa, vossas glórias, desde os arcanos de vossa formação histórica.

Ardilosamente, mas sem desconfiar da acolhida que, agora se reveste das pompas de vossas atenções, travei o meu ao braço do grão-vizir dos vossos salões, e subi as arcadas deste sodalício em companhia do Mestre Rubem Ribeiro de Almeida, vade mecum da história maranhense, fonte de recorrência de toda dúvida suscitada, tamanha a precisão da memória que lhe salta precisa, ao lume da indagação imediata, entremeada de "boutades", com a "aísance" de historiador de tomo.

Chego a vossa Casa já identificado com o vosso processo de desenvolvimento econômico, e venho a vós com as mãos molhadas das águas impetuosas do Itaqui, porque eu cedo, acreditando nas excelências topo-hidrográficas do vosso ancoradouro, vim da Província do Ceará para a aventura mareante do Maranhão, como operário de vossa grandeza econômica, para delinear a quadratura legal, que corporifica, no milagre da ficção jurídica, o arrojo do Porto do Itaqui — a vossa Porta Atlântica do Meio-Norte.

---

* Discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, proferido em São Luís, em 31.08.74; publicado na **Revista do Instituto do Ceará**, t. LXXXVIII, ano LXXXVIII, 1974, pág. 178—82.

Os Institutos Históricos e as Academias de Letras são, de comum, os cenáculos onde se assentam os valores regionais e as celebrações nacionais, ao tempo em que o reconhecimento lhes bate à porta, em companhia da idade outoniça.

Trago ainda comigo uns longes de juventude, conquanto por premonição já esteja consciente da arte de envelhecer e de saber que é de maior valia, senão mais difícil, que ser jovem. Nem assim se me torna difícil o convívio convosco, porquanto sei que serei, no meio de vós, um discípulo e reconheço que, só mais tarde, quando em mim se avigorarem, em processos de decantação, os vossos ensinamentos, poderei seguir vossa trilha, ainda costeando dificuldades, mas impelido pelos exemplos dignificantes.

Mal nos encontramos, diletos consócios, e os legados do sangue me põem o coração aos pulos de contentamento, para exaltar uma memória muito amada desta Instituição, e que no fio cronológico dos seus anais é o elo afetivo que me liga ao Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão.

Estatura mediana, um pouco recurvo, rotundo, indefectivelmente portando chapéu e guarda-chuva, Thucydides Barbosa tinha o rosto plácido e o olhar azul que refletia a fortaleza do chefe de família, todo a ela dedicado, o amigo fidalgo, o funcionário probo e o cidadão que, pela verticalidade de sua vida, se alçou para sua descendência como um nume tutelar, e para os seus concidadãos como um prohomem do Maranhão, como tão verazmente acentuou Antenor Bogéa.

Como lamento, permiti-me dizer-vos, empolgado que estou nessa digressão afetiva, não o haver conhecido, pois sei que haveríamos de falar dos encantos de Loreto, do Rio Balsas, do calor da minha velha Caiçara, das vossas glórias, da sua luta e de tudo aquilo que faz do vosso Estado uma terra de leite e mel.

Sei que a sua sombra amiga há de estar rindo ao ver-me, sem conhecê-lo, prestar-lhe a primeira homenagem no hemiciclo desta Instituição a que pertenceu, ocupando a poltrona 35, cujo patrono é Domingos de Castro Perdigão. Mas eu compreendo toda a magia desse riso agradecido, pois agora mesmo vejo transmudado nos olhos de sua neta Maria Gerviz, que é o grande encanto de minha vida.

Ajudai-me a atravessar o Rubicon dessas emoções,

para que possa me desincumbir da missão tão enlevante desta hora, que é um pablo para o meu espírito.

Dom José Tupynambá da Frota, Bispo Conde de Sobral, honroso componente deste Instituto, como sócio correspondente, é a quem devo o primeiro contacto com a obra do professor de alta ciência, que foi Francisco Sotero dos Reis, patrono da Cadeira 48, onde hoje, nesta sagração, me assento por vossa galante mercê.

Dedicado a Sobral, o seu Bispo-Instituição testava os conhecimentos da juventude da terra de Domingos Olímpio, exigindo-nos a leitura de excertos das obras de Ovídio, Virgílio, Tácito e César, aferindo da nossa leitura trôpega as deficiências que a emoção inibitória ainda frenava.

Tenho comigo o juízo de que Dom José, no íntimo, enquanto nos ouvia, desejava recordar, na solidão da Avenida Senador Paula, os tempos de sua mocidade no Colégio Pio Latino e na Universidade Gregoriana, e perturbava-se de ver atropelada, pela nossa claudicante dicção, a sonoridade da língua de Cícero, irritando-se, mais ainda, por não dominarmos a nossa Língua Portuguesa. Ainda me soa aos ouvidos a sua voz: "Leiam a tradução de Sotero dos Reis". E o velho pontífice sobralense levantava-se e, lépido, chegava à sua biblioteca, correndo a mão nas lombadas de percalina dos seus preciosos livros, procurando encontrar a edição de 1863, dos **Comentários de Caio Júlio César**, traduzidos por Francisco Sotero dos Reis. Parece que estou a vê-lo, entregando-me o livro magnífico, tão igual a um exemplar que mais tarde vim a possuir, ao tempo em que já havia elegido a Faculdade de Direito para centro dos meus estudos universitários.

Afigura-se-me, procurai entender-me, por ser mais informal, senão que mais agradável, tentar grupar, pelo fio evolutivo de minhas reminiscências, a cadeia de fatos que me une a Sotero dos Reis, porquanto fazer-lhe o panegírico é tarefa honrosíssima a tantos, mas que a mim é porfia desmedida, relevando os ricos veios do componente do Grupo Maranhense e as reduzidas forças de que sou possuidor.

Optando pelo Direito, por ser a carreira que mais se ajusta às minhas inclinações e por crer que o advogado é, entre muitos, o lídimo representante dos ideais de liberdade e do exercício da democracia, vi, no vestíbulo da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, ao tentar ingressar nela, como obstáculo a transpor, a prova de Latim, conquanto já estivesse munido das excelentes traduções de Manoel Odorico Mendes e de Francisco Sotero dos Reis.

Ao recordar a manhã vexatória do meu encontro com o Professor José Amorim Sobreira, ainda me perpassa a sombra daquele terror. Amorim Sobreira era romanista de renomeada, afeito às pesquisas das **Pandectas**. Latagão, ereto, Amorim Sobreira assomava às escadarias da Faculdade de Direito, mamando um charuto e conduzindo, sempre, um texto de Latim.

Ao sentar-me à mesa para o exame oral, o latinista que tanto honrou ao Ceará, disse-me em tom mavórtico: "Leia-me no **De Bello Gallico**, o 'Argumentum' do Livro II". Mal pude, prezados consócios, abrir o livro e encontrar o texto solicitado, quando os fumos do charuto injetaram-me os olhos. Acostumado às sabatinas de Latim, presididas por Dom José, embatuquei-me no texto que era de minha intimidade, traduzindo-o, a seguir, nem me havia pedido o meu Mestre.

A sua alma que cria ser tão hermética, abriu-se como um pálio sobre mim, dizendo-me: "A pronúncia não me desagrada, mas a tradução é ótima, é do melhor Sotero dos Reis". E desse dia em diante, o temor desapareceu e, no final do curso, às vésperas de me ser conferida a fé do grau, disse-lhe em tom de confidência, tentando repelir o trauma de sua angustiante visão dos primeiros dias de Faculdade: "Professor Amorim Sobreira, foi durante o bacharelado, mas só no seu final, que entendi que o seu porte prussiano era faceta dos nossos olhos atemorizados: sua alma é álacre, é doce como um coco da Praia de Iracema". E, entre a sua gargalhada, convidou-me a ir ao Instituto do Ceará, onde, depois nos tornamos consócios. O coração parou-lhe a vida, traindo ao Ceará, que se viu privado de um filho de escol.

Sotero dos Reis é nome que pompeia em largo período da literatura maranhense, mas soube ser o mestre consumado do vosso Liceu, o autor das **Postilas**, o jornalista do **Publicador Maranhense**, do **O observador**, da **Revista** e d'**O Maranhense**.

Henriques Leal traçou-lhe o perfil no contexto do **Panteon maranhense**, obra que está pedindo, no decurso do seu centenário, uma reedição anotada.

O historiador em Sotero dos Reis tem de ser analisado no prisma cultural, em que se incrustou, ou mesmo pela recolta de seus trabalhos jornalísticos, enfim, no talento que punha em suas traduções, onde, creio, muito se deleitou, conversando com os generais de César, acantonados no bivaque da sua sala de estudos.

Mede-se em Francisco Sotero dos Reis o publicista

infatigável, o jornalista lúcido e o crítico do **Curso de literatura portuguesa e brasileira,** avantajando-se como um purista de valor expressional reconhecido pela Nação.

Chapadinha deu-vos, com José Mata Roma, o primeiro e único ocupante da Cadeira 48, sob o patronato de Sotero dos Reis, que se estenderia na Cadeira 17, da Academia Maranhense de Letras, de que foi também detentor o poeta de **Velhos ritmos**.

O exercício do magistério e a inclinação para a política, em José Mata Roma, são os pontos que convergem para a identificação com Sotero dos Reis.

O Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão não deve ser centro de antiquária. Capistrano de Abreu, nos **Caminhos antigos e povoamento do Brasil** já varrera o europeísmo, tão a gosto de Varnhagem, colocando a historiografia nacional nas vertentes do nosso processo evolutivo.

Diversas correntes historiográficas alcançam ambiência nacional, entre as quais a ideológica e a culturalista vingam com raízes de propagação. No Maranhão parece-me que a historiografia biográfica está estacionada, mas pode, com o vosso concurso, tornar-se vigorosa.

A missão do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão é a de ser o fermento de um centro de pesquisa polivalente, que estude a história da nossa geração ou que analise as antecedentes, vinculando-a à presente, pois só assim este Grêmio será frutuoso.

Das terras do Ceará trago o desejo de trabalhar convosco, arrimado nas vossas diretrizes objetivas e fecundas. Já conheço esta Ilha, há muito venho pisando as tábuas corridas de bacuri deste Museu Histórico e Artístico e vendo o estendal dos vossos babaçuais.

Entrando em vossa Casa, no nosso Instituto, vos trago o abraço fraternal da Ribeira do Acaraú, onde está plantada pela tenacidade dos seus filhos, a minha bicentenária Vila Distinta e Real de Sobral.

Biblioteca Pública G [illegible]
Setor do Ceará

JOSÉ DE ALENCAR E OS MARANHENSES

Machado de Assis, tão coibido aos extravasamentos emotivos na sua prosa enxuta, guardou, numa página repassada de saudade, a recordação dos últimos tempos de José de Alencar, quando o romancista cearense, já afastado do prestígio popular, remoía nas alamedas do Passeio Público, em amarga meditação, o desenvolver rutilante dos seus sucessos literários, os dardos da crítica injusta e pertinaz e o aulicismo dos grêmios partidários, corroídos pelo aceno do paço imperial, em tom de pungente ceticismo em que se debatia naqueles dias.

O mestre do **Memorial de Aires** não esconde que o autor de **Iracema** era, ao termo de sua vida, uma figura amarga, já afastada do convívio das rodas literárias, vivendo consciente a sua tragédia cotidiana de misantropo.

José de Alencar sangrava no remoque crítico que lhe atirou Joaquim Nabuco, ao tempo do drama **O Jesuíta**. Mais que o motejo de ser chamado de "fauno de terracota", feriu a José de Alencar a desenvoltura, o topete e a intransigência do fogoso "Apolo de gesso". Nabuco reconheceu, depois, os seus excessos.

Aquele juízo tão duro, que de Alencar fazia Machado de Assis, não correspondia à estima que ao mestre cearense tributava o Rio de Janeiro, e que bem o atestou quando se viu preso de forte emoção, no frêmito da notícia de sua morte, ocorrida às 10 horas da manhã do dia 12 de dezembro de 1877.

Quando se ergueram os brandões junto ao catafalco do romancista cearense, no nº 50 da antiga Rua Guanabara, constatou-se a presença comovida de Machado de Assis, Alencar Araripe, Francisco Otaviano, Visconde de Taunay, Ferreira de Araújo e do maranhense Joaquim Serra, entristecidos pela morte da figura principal do romance brasileiro.

Machado de Assis, que ia esculpir o perfil literário do escritor de **O Guarani** para a **Gazeta de Notícias**, ficou

abismado ao ler o necrológio que fizera de José de Alencar, Capistrano de Abreu.

No elogio póstumo que traçara o fecundo historiador dos **Caminhos antigos e povoamento do Brasil** do picante autor de **Cartas de Erasmo,** há uma nota rociada de agradecimento, pois o jovem Capistrano de Abreu recordava a acolhida afetuosa que lhe dispensou, em Maranguape, José de Alencar, na sua despedida cearense.

"Apenas em 48 anos de idade — diz Capistrano de Abreu na sua página de saudade — que tantos completara no 1º de março do corrente ano, baixou à sepultura, deixando vazio o seu lugar. Apagou-se da constelação dos grandes homens uma faiscante estrela, e ainda, no horizonte, não desponta brilho que a substitua.

"Parecia que ele sabia que a morte o roubaria cedo à admiração de dois povos; por isso aproveitou o mais que pôde o seu tempo em produzir muito para deixar de si a memória que aos pósteros há de afirmar que foi José de Alencar o fundador da literatura brasileira.

"Essa pressa de produzir, essa sede insaciável de viver do povo, inspirando-se nas suas tradições, estudando-lhe os usos, costumes, tendências, prejuízos e abusões, e para o povo a quem se dedicou produzindo obras imortais, agravou-lhe a enfermidade, e os tubérculos, desenvolvendo-se e enfraquecendo aquela enérgica organização, roubaram-lhe a vida ontem às 10 horas da manhã".

O destino literário de José de Alencar, após um século de sua morte, cresce de importância pelo realce expressional de sua obra, marcantemente romântica, dividindo com Gonçalves Dias o pontificado dessa escola literária.

E diga-se , também, que o Timbira muito admirava o Cearense. Quando faleceu o Senador Padre José Martiniano de Alencar, pai do romancista, seu filho pede a Gonçalves Dias uma poesia que fale da memória paterna. Eis a carta de Gonçalves Dias seguida da poesia:

"Amº e Sr. Alencar

"Desculpe-me de lhe escrever apenas duas linhas: levantei-me de uma enfermidade, que me deixou prostrado, e ainda me sinto mal convalescido.

"Remeto-lhe a poesia que me pede, feita às carreiras, o quando já me achava enfermo. Sinto somente que ela se deva a um motivo, que tanto desgosto lhe terá causado. Perdi meu Pai; ainda criança, deixou-me esse acontecimento uma impressão tal que me faz bem compreender o

que será tal golpe para aqueles que, por desgraça, melhor podem avaliar quanto perderam.

Aceite os meus sinceros pêsames, e acredite-me
De V. Exa.
muito afeiçoado amigo e admirador
A. Gonçalves Dias

Ceará, 27 de junho de 1860.

Traz zeloso Pastor ao moribundo
Da nossa Religião final conforto:
Mas vê do amigo o transe, e deixa o mundo
Feliz a unir-se desta sorte ao morto.

Ambos felizes! Com viçosas palmas
Remontam ambos aos longínquos Céus;
E qual a morte as extremosas almas
Juntas descansam na mansão de Deus.

Tu, porém, ALENCAR, serás querido
E dos teus na lembrança suspirado
Enquanto o amor da Pátria, não movido
De prêmio vil, for pelos bons honrado.

Prestante Cidadão, Herói, exulta!
Pois foste escudo à liberdade, quando
Ser escravo era glória! Agora escuta
A Pátria em torno os restos teus chorando!"

No Maranhão, da pena de tinta clássica do autor do **Panteon,** viu José de Alencar crescer o número de críticos que o tinha como possuidor de estilo frouxo e despoliciado da travança das regras gramaticais.

Henriques Leal, afeito ao rigorismo estático dos cânones de Sotero dos Reis, desfiou, nas páginas de **O País,** a sua crítica tecida na intolerância de análise obtusa, que a época permitia construir, tomada, no momento inicial, pelo autor do **Tronco do ipê,** como "garridice literária" ao invés de "crítica refletida".

Não satisfeito de atirar os dardos de seu juízo desatento sobre a obra monumental que vinha levantando o ficcionista de **As minas de prata,** o Plutarco Maranhense transferiu os raios das colunas efêmeras do jornal para a resso-

nância do seu livro **Locubrações,** enviando-o a Alencar, que logo encontrou razão para aduzir que "o Sr. Dr. Leal buscou um sinônimo que lhe soasse melhor e não incorresse em vulgaridade. Adotou — acrescenta José de Alencar — o termo latino, de uso moderno; e para inová-lo alterou-lhe a ortografia etimológica de lucubração."

Houve tempo em que Henriques Leal foi leitor atento e confessado admirador da obra de José de Alencar:

"Ilmo. e Exmo. Sr. Consº José de Alencar.

"Desde que estou aqui desterrado pela enfermidade que me afugentou da pátria, que não tive mais o prazer de ler os primores escritos da sua fecunda e brilhante pena, além da 2ª edição de **Iracema**, que me foi remetida por um amigo. Quisera no entanto ter à mão tudo quanto V. Exa. tem escrito, quer com o seu nome, quer sob o pseudônimo, e isso para dá-lo a ler a alguns literatos, como para matar saudades da pátria, tendo um pedaço dela tão bem representado pelas esplêndidas produções de V. Exa. para ufanar-me ainda mais de ser brasileiro.

"Se lhe não parecer estranho e importuno este pedido, e aceder a ele, poderá entregar a coleção ao Sr. Antônio Enoque dos Reis, à Praça da Aclamação nº 29, que de certo ma remeterá com toda a segurança.

"Pedindo a V. Exa. mil desculpas, rogo-lhe considerar-me

Sincero admirador e Rev.te Crº
De V. Exa.
Dr. Antônio Henriques Leal
Lisboa, 19 de dezembro 1871".

José de Alencar, reconhecido ao empenho de Henriques Leal em obter exemplares de sua obra, envia ao ilustre leitor os seus discursos. A cortesia em ambos era freqüente. A carta do autor do **Panteon,** que se vai ler, a seguir é veniosa e recomprova o interesse do missivista em ler José de Alencar:

"Ilmo. e Exmo. Sr Cons. José d'Alencar.
Lisboa, 19 de maio, 1873

"Não respondi há mais tempo ao delicado e inesperado favor com que V. Exa. honrou-me; porque, não querendo interromper suas tão bem aproveitadas horas senão com uma carta minha, aguardei a remessa do precioso e riquíssimo brinde de V. Exa. Beijo-lhe as mãos por ele que me tem proporcionado tão deliciosos momentos.

"Dos seus Discursos vieram-me 3 volumes; um da sessão de 1869, e dois exemplares das de 1871. Foi para mim surpresa e grande. Revelou-se-me V. Exa. por mais este aspecto, novo e desconhecido de mim, na altura do romancista e do dramaturgo que muito aprecio e admiro.

"Com a leitura do seu **Til** deixa-me sedento pela continuação de tão bem arquitetado e engenhoso livro. Já conhecia do **Tronco do ipê** o 1º volume. Visitando-me S.M. no lazareto, conversamos largamente sobre literatura, dando-me ele para ler esse volume, tecendo ao mesmo tempo merecidos louvores ao autor.

"Quanto a mim, V. Exa. não tem feito às letras pátrias apenas o serviço de opulentá-las em tão riquíssimos tesouros, porém outro maior — o de ter criado uma escola, nacionalizando de todo em todo a nossa literatura. E felizmente para ele, que a política ativa não tem morto esse fecundíssimo e imaginoso talento. Creia V. Exa. que é isso um fenômeno, não só raro, senão único de que eu tenho notícia. Faço votos ardentes para que se a política preponderar algum dia no espírito de V. Exa. a ponto de esterilizar a fantasia, deixei-a antes V. Exa. Percamos embora o estadista, mas conserve-se sempre nessa primavera florida a frutear tão esplêndidos e saborosos primores quem pode e deve levar longe e bem alto a arte brasileira.

"Conto que V. Exa. tomará minhas palavras pelo que valem e pelo que são — sincera expressão de um seu patrício que se desvela pelas nossas cousas e aplaude as manifestações de gênio onde quer e como se expandam.

"Resta-me reiterar os meus agradecimentos e pedir a V. Exa. que me considere

"Atº ven.or adm.or sincero e cr.do obr.º e Rev.º
Dr. Antônio Henriques Leal"

É José de Alencar quem recebe o pedido de Henriques Leal, para diligenciar junto ao novo ministério em que teria trânsito com alguns dos titulares, uma comissão em Paris, que, àquela época, atendia aos interesses do maranhense. Em contrapartida, lê-se, na mesma carta de Henriques Leal, o seu empenho em ultimar pesquisa no Arquivo Ultra-

marino, o que vinha a atender solicitação de José de Alencar:

"Exmo. amigo e Sr. Cons. José de Alencar
Lisboa, 8 de setembro de 1877

"Obrigadíssimo pela sua estimada carta de 21 de julho deste ano. Ainda mais obrigado pelos esforços que empregou para que me fosse mantida a comissão. Com a sinceridade de suas promessas contava eu, e por essa parte estava tão descansado que entendi ser-lhe ofensivo o importunar com cartas solicitando sua eficaz intervenção.

"Tenho lido com muito interesse e indizível prazer seus triunfos oratórios, e admira-me que tenha tido forças para estar sempre na brecha: só entranhado patriotismo e a consciência do dever obrigam-no a sacrificar assim uma saúde tão necessária e preciosa para a família e para as letras.

"Com a chegada do Imperador é possível que haja mudança ministerial, e se entrar algum de suas íntimas relações e que se evente mandar comissários à exposição de Paris, rogo-lhe que interceda por mim lembrando que já está na Europa, sendo a ajuda de custo para passagens muito mais módica, que com mais umas 60 libras mensais de gratificação, além das que já tenho, e isto durante 3 ou 4 meses, será bastante. Com os conhecimentos de ciências naturais e outros mais creio que poderei observar e traçar um relatório que diga um pouco mais do que outros que têm aparecido sem trazer ao menos alguma utilidade prática.

"Com suas ocupações e lidas parlamentares nem mais se lembrou de mandar-me dizer a data da prisão do padre e do príncipe encoberto de que trata a **Sinópsia** do Abreu e Lima para que eu possa descobrir alguns pormenores no Limoeiro ou no Arquivo Ultramarino.

"Está a parecer-me que com a mudança de gabinete, terá fim o meu degredo e que valversei (sic) à pátria. Então estreitaremos nossas relações, sendo tão semelhantes nossos hábitos de retiro e aconchego de família.

"Queira ter a bondade de receber e transmitir à exma. esposa e aos filhos os sentimentos de estima e de saudade de minha, filhos e meus.

"Creia-me com a maior estima e gratidão.
De V. Exa.
Amº obrº confr. e atº e admirador
Dr. Henriques Leal"

Na hora em que a inteligência nacional se volta para a memória de José de Alencar, no transcurso do Primeiro Centenário de Morte, podemos, sem rigor cronológico, ainda alinhar evocações que vinculam o escritor de **Ubirajara** aos maranhenses.

Já no final da vida, andou Alencar, depois de varrer com sucessos os territórios da ficção histórica, da fabulação romanesca urbana e regionalista, da crítica política e literária, do folhetim e do teatro, inclinado, no Ceará, aos estudos folclóricos, dividindo o seu entusiasmo com Joaquim Serra, em 5 cartas, motivando ao maranhense que instasse junto a Salvador de Mendonça, para a publicação de **O nosso cancioneiro** no periódico **O Globo**. É primoroso o pedido de Joaquim Serra, datado de 7 de dezembro de 1874, para a publicação do texto do autor de **A pata da Gazela:**

"Meu caro. Destino ao **Globo** a série de cartas que me dirigiu o nosso comum amigo e mestre, o Sr. conselheiro José de Alencar.

"Versam elas sobre assunto literário de magna importância: a naturalização de nossa literatura; o estudo da poesia popular.

"O talento e perspicuidade do critério que tão bem analisou o poema dos **Tamoios,** fulgem com todo o seu brilhantismo nessas cartas de um valor inestimável como lição e como estilo.

"Estou certo de que, assim como eu já agradeci a lembrança do nome nesse trabalho, agradecerás a mim o precioso mimo que faço ao jornal, que tem a fortuna de contar-te no número de seus redatores e que tanto se interessa pelas cousas pátrias. Teu de coração, Joaquim Serra."

O Apostolado jornalístico de Joaquim Serra, que se pode lastrear inicialmente na atmosfera provincial, com brilhante colaboração nas páginas do **Publicador maranhense, A imprensa, Ordem e Progresso** e **Coalisão,** se espraia e ganha força, com sua fervorosa participação como defensor e apóstolo da questão servil, quando o seu nome já tinha retumbância de uma celebração nacional, no Rio de Janeiro.

Antônio Lopes, na **História da imprensa do Maranhão** deixou numa página de evocação, o perfil de Joaquim Serra:

"A sua nomeada provém principalmente do fervor, da humanidade, da firmeza e coragem com que deu combate à escravidão da raça negra no Brasil. Político e homem de letras, colocou acima de todos os seus ideais o da libertação dos míseros cativos, sendo um dos líderes do movi-

mento antiescravista, quer na imprensa, quer no parlamento, quer nos clubes abolicionistas fundados para a luta contra a instituição nefasta. E na sua campanha jornalística em prol dos escravos pôs todo o seu talento, a sua cultura, os dons do seu estilo claro e comunicativo, todos os elementos, em suma, da sua brilhante mentalidade."

Joaquim Serra foi dedicado a José de Alencar desde os tempos da venturosa juventude de ambos, até a morte do romancista, quando o velou no nº 50 da Rua Guanabara.

Na correspondência do escritor cearense, reunida por Raimundo Menezes, em livro denominado **Cartas e documentos de José de Alencar,** há uma carta de Joaquim Serra onde é evidente a solidariedade, a cativante delicadeza do maranhense ao cearense, pronto em dar, na hora do desencanto de José de Alencar, o entusiasmo de sua sincera estima:

"Exmo. amigo.

"Li os fragmentos e confesso-lhe que esperava aquilo mesmo. A pintura do Amazonas e da floresta virgem abalaram-me. Não sei e nem devo importuná-lo com banalidades encomiásticas.

"Precisávamos de alguma coisa nacional e grandiosa que nos reabilitasse depois dos **Tamoios** e **Colombo**. Em boa hora aparecem **Os filhos de Tupã**.

"Amanhã sairão os trechos em folhetim. Posso mandar-lhe as provas hoje às 5 horas da tarde? Onde?

"Como deixou-me liberdade na escolha das variantes, adotei as que sairão impressas. As notas não julgo indispensáveis na publicação do jornal, sendo aliás boas como comentário e elucidário quando sair o livro. Se, porém, quer que as imprima, fá-lo-ei.

"Até sempre. Felicita-o quem é com estima
Amigo, colega e admirador
J. Serra
S. C. junho 18, 1872."

Pagou o Ceará a moeda do favor maranhense, quando publicou trabalhos alencarinos, editando, nos prelos da Universidade Federal, os ensaios de Josué Montello, reunidos na unidade do livro **Santos de Casa**.

No curso de um dos seus estudos, a que deu o título de "'A comédia humana' de José de Alencar", o romancista do **Cais da sagração,** depois de agrupar em vivas e lúcidas considerações críticas sobre a técnica poemática da fatura da tela romanesca, não esqueceu de louvar a consciência de escritor que existia no mestre de **Sonhos d'ouro:** "O conhecimento dos manuscritos de José de Alencar autoriza-nos a proclamar que nenhum escritor brasileiro trabalhou mais que ele, e com tão porfiada perseverança, para bem cumprir os desígnios de sua vocação.

"Há ali um glossário inteiro de língua portuguesa para uso privativo do escritor. E estudos de tupi, e estudos de heráldica, e desenhos, e notas de leitura, tudo a documentar as porfiadas vigílias alencarinas, no esforço para dominar a língua e moldar-lhe um estilo harmonioso e plástico, que refletisse as peculiaridades brasileiras e espelhasse ao mesmo tempo a nossa formação histórica e os nossos usos, e os nossos costumes, e os nossos tipos, e as nossas tradições, além de captar o esplendor de nossa natureza, na inconfundível opulência tropical.

"Alencar não foi um filho da fortuna, que encontrasse aberto o caminho por onde deveria passar: coube-lhe abrir esse caminho com o seu gênio e a sua tenacidade indomável, a que se contrapôs muitas vezes o juízo parcial dos contemporâneos."

Ao retomar o estudo da obra do romancista de **A viuvinha,** Josué Montello, identificado com a livraria alencarina, antes de se tornar lúcido exegeta dos textos jurídicos do cearense, traça em vigorosas linhas o seu perfil, fascinado pela opulenta obra que ele levantou em menos de meio século de existência. "Nascido em 1829, — refere o crítico de **Estampas literárias** — faleceu Alencar em 1877. Tinha, assim, pouco mais de quarenta e oito anos, à hora do silêncio definitivo de sua pena. E a verdade é que tudo quanto esta deixou no papel seria respeitado pelo tempo — no romance, na novela, no ensaio, nos estudos históricos.

"Dificilmente aceitamos que o escritor haja morrido tão cedo, tendo em conta que a vastidão de sua obra e a gravidade de sua figura física nos transmitem a impressão de que, para escrever tantos livros, seu autor devia ter vivido muito.

"A barba intonsa, que adornava o rosto magro de Alencar, tornava-o ainda mais velho, na severidade da figura meditativa que o bronze fixou na estátua sedestre de seu conhecido monumento."

Em outro passo deste estudo, que leva o título de "O jurista José de Alencar", enfeixado no contexto de **Estan-**

te giratória, o ensaísta maranhense faz o balanço de algumas peças forenses da lavra do teorista da **Questão de Habeas Corpus,** para, em seguida, com a justa medida do boleio lúdico de sua frase cerzida, chamar a atenção para a coexistência do jurista com o político, em paralelo exato quanto feliz. Vale transcrever o texto de Josué Montello: "A língua de Alencar, em 'Uma tese constitucional', contrasta, de certo modo, com a língua dos seus escritos puramente literários. Aqui não é a palavra que conduz o escritor, na fluência de seu assunto. É o escritor que se coíbe e retrai, na linha da sobriedade estilística, sem exaltações verbais, sem raptos de eloqüência discursiva."

O convívio do escritor de **O sertanejo** com os maranhenses nem sempre correu na ondulação de críticas ou louvação. Caiu sobre José de Alencar, quando tentava o sucesso do teatro, a ira de Inácio Martins Ferreira, que se viu, da platéia do Teatro Ginásio Dramático, representado no palco, no perfil picaresco que dele fez o autor de **O Rio de Janeiro** (Verso e reverso).

Um dos biógrafos de José de Alencar, R. Magalhães Júnior, reconta o vexatório incidente no capítulo "A Estréia no Teatro". Aduz, o escritor de **José de Alencar e sua época,** reviverido o episódio: "Por ocasião de um dos espetáculos de **O Rio de Janeiro** verificou-se um curioso incidente. Correra pela cidade a notícia de que, na peça de Alencar, o principal ator cômico do Ginásio, Antônio Francisco de Sousa Martins, mais conhecido pelo último nome e a quem fora entregue o papel de um dos parasitas, o poeta Pereira, sempre à cata de subscritores para o seu livro, aparecia caracterizado exatamente como um tipo popular da cidade, Inácio Martins Ferreira, vate de água-doce que tinha a mesma mania. Esse poetastro era também conhecido como "O Maranhense" e "O Poeta do Bacanga". Avisado disso, logo correu ele ao teatro e tomou lugar na platéia. No primeiro ato, na cena em que surgia o poeta Pereira, levantou-se o "maranhense" na platéia, exclamando: "Têm razão! Sou eu mesmo, sem tirar nem pôr!" E, enquanto os espectadores olhavam ora para um, ora para o outro, comparando com admiração a espantosa semelhança dos tipos: "Bravos a você, Martins! Bravos! É uma grande caracterização! Você é um ator magnífico! Mas, quanto ao autor, esse me pagará!" Já se tinha rompido o anonimato e José de Alencar, em lua-de-mel com a glória de neocomediógrafo, estava no teatro, "lambendo" a cria, como se diz na gíria dos bastidores

quando um autor novato acompanha enlevado as primeiras representações de suas peças. No intervalo, aos berros, o "Poeta do Bacanga" investiu contra ele, de bengala em punho, e o teatrólogo, pequenino e fraco, não teve outro remédio senão o de desandar a toda pressa, pela rua a fora, escapando à agressão... Por muitos dias mais seria ainda representada a comédia, com um sucesso como só as melhores criações de Martins Pena tinham alcançado, pouco mais de um decênio antes".

Raimundo de Menezes transforma a sua pena de biógrafo em pincel e deixa, em uma das páginas do seu livro **José de Alencar — literato e político,** os traços do Poeta do Bacanga: "Um dos personagens mais desopilantes, o Poeta Pereira, é a caricatura de uma figura deveras popular no Rio de Janeiro, de então: o celebérrimo Inácio José Ferreira Maranhense, ou o "Vate do Bacanga", um indivíduo de mais ou menos 50 anos, baixo, reforçado, de rosto redondo e risonho, barba rapada e cabelo à escovinha, natural da vila do Brejo, no Maranhão. Tendo estudado latim no seminário da sua província, vem ter na Corte, engajado como marinheiro de um navio mercante."

O iracundo maranhense perde-se no atropelo da Rua do Ouvidor, enquanto José de Alencar prossegue a sua "peregrinação literária", rindo-se da "mediocridade agaloada", como já o fizera, ao tempo da aula de Januário Mateus Ferreira.

O tempo guarda a memória do gesto impensado do Poeta do Bacanga, agora só lembrado como um favor póstumo de José de Alencar, que o traz preso ao carro do seu triunfo literário.

Nas páginas de **Como e por que sou romancista,** recolhidas e dadas à estampa pela dedicação filial de Mário de Alencar, percebe-se o traço de amargura na confissão do romancista cearense, que não reprimiu a queixa da "conspiração do despeito", que substituiu "a antiga conspiração do silêncio e da indiferença", que cercou a sua obra por algum tempo.

A mais de uma vez, mal pôde José de Alencar suplantar a depressão que alcançou o seu espírito atribulado, antes de vir a ser glorioso escritor: "Não sabia eu então que em meu país essa luz que dizem glória, e de longe se nos afigura radiante e esplêndida, não é senão o baço lampejo de um fogo de palha".

Abre José de Alencar, nestas notas autobiográficas,

o cofre em que, no curso de sua porfiada existência, acumulou recordações, desde as mais fagueiras, como as da infância, no "pátrio Ceará" até as mais acerbas, como a da rejeição da senatoria pelo lápis fatídico de Pedro II, cevando ódio velho.

Vale a pena a transcrição do texto que guarda o refletir do momento de desânimo que se abateu sobre o criador de **Lucíola:** "Hoje em dia, quando surge algum novel escritor, o aparecimento de seu primeiro trabalho é uma festa que celebra-se na imprensa com luminárias e fogos de vistas. Rufam todos os tambores do jornalismo, e a literatura forma parada e apresenta armas ao gênio triunfante que sobe ao Panteão.

"Compare-se essa estrada, tapeçada de flores, com a rota aspérrima que eu tive de abrir, através da indiferença e do desdém, desbravando as urzes da intriga e da maledicência".

O indianista de **O Guarani** pôde sentir as volutas de incenso da crítica encomiasta, mas, por outro lado, amargou quando cresceu sobre a obra o desfavor da crítica azeda.

Alceu de Amoroso Lima grupa as duas correntes da crítica que julgou a obra de José de Alencar e afirma a excelência conceitual do estudo de Araripe Júnior: "Em vida, teve Alencar críticos apologistas, ou simpáticos, como Machado de Assis, Francisco Otaviano, Joaquim Serra, Luís Guimarães, Salvador de Mendonça ou Ferreira de Menezes. Teve, sobretudo, pela cega audácia dos ataques, detratores sistemáticos, como Tobias Barreto, Franklin Távora, Fernandes Pinheiro, Castilho, ou a princípio, Sílvio Romero, e contraditores severos como Joaquim Nabuco, Pinheiro Chagas ou Antônio H. Leal. Só depois de desaparecido esse grande centro de atividade, disperso por tantos domínios, foi possível o estudo desinteressado e agudo de sua obra. Veio acabado e admirável nas páginas de Araripe Júnior, que até hoje constituem a fonte luminosa e inigualável para a compreensão do criador do nosso romance. Amigo, e até parente do 'poeta', nunca perdeu Araripe a isenção de ânimo, julgando sem condescendência, mas conservando sempre o maior carinho pela obra literária do malogrado político de 16 de julho, a quem rendeu toda justiça."

O criador de Iracema se julga renegado pela "crítica de esquina", mas não se rendeu ao seu fascínio, nem se entregou às concessões de momento, à guisa de esfriar o ferrete da pena que assinalava a sua obra com a marca de juízo

desprimoroso, para quem, como ele, fazia do seu ofício a ara do uma devoção contrita.

Cria o escritor de **Cinco minutos** no elogio póstumo, pois as letras tiveram para ele o encanto irresistível a que não pôde recusar a sua vocação de romancista.

A pena de Machado de Assis imprimiu, nas páginas do **Diário do Rio de Janeiro,** quando veio a lume a prosa sonora de **Iracema,** um juízo consagrador para Alencar, que lhe valeu, com certeza, como unção literária: "Tal é o livro do Sr. José de Alencar, fruto do estudo e da meditação, escrito com sentimento e consciência. Quem o lê uma vez, voltará muitas mais a ele, para ouvir em linguagem animada e sentida, a história melancólica da 'virgem dos lábios de mel'. Há de viver este livro, tem em si as forças que resistem ao tempo, e dão plena fiança do futuro. É também um modelo para o cultivo da poesia americana, que, mercê de Deus, há de avigorar-se com obras de tão superior quilate.

Que o autor de **Iracema** não esmoreça, mesmo a despeito da indiferença pública; o seu nome literário escreve-se hoje com letras cintilantes: **Mãe, O Guarani, Diva, Lucíola,** e tantas outras; o Brasil tem o direito de pedir-lhe que **Iracema** não seja o ponto final. Espera-se dele outros poemas em prosa. Poema lhe chamaremos a este, sem curar de saber se é antes uma lenda, se um romance: o futuro chamar-lhe-á obra-prima."

À vista do conceito machadiano sobre a obra de José de Alencar, se pode aquilatar quão justa e completa é a frase de Alceu de Amoroso Lima: "De José de Alencar se tem dito todo o mal e todo o bem. Prova isso apenas que a sua figura está acima de louvores e censuras."

Iracema traz uma ressonância maranhense, ora relacionada com as fontes históricas de Berredo, para a urdidura da fabulação do tema, ora no rebater da crítica sisuda que lhe moveu Antônio Henriques Leal, e de que se não esqueceu o cearense, ou, ainda, o que é mais importante, no conceito que o escritor exarou modelarmente sobre Gonçalves Dias e o seu indianismo: "Gonçalves Dias é o poeta nacional por excelência; ninguém lhe disputa na opulência da imaginação, no fino lavor do verso, no conhecimento da natureza brasileira e dos costumes selvagens. Em suas poesias americanas, aproveitou muitas das mais lindas tradições dos indígenas; e em seu poema não concluído d'**Os Timbiras,** propôs-se a descrever a epopéia brasileira." A seguir, a pena do

mestre do romance deixa transparecer a sua crítica sobre a linguagem clássica que o Marabá pôs na boca dos Timbiras: "Entretanto, os selvagens de seu poema falam uma linguagem clássica, o que lhe foi censurado por outro poeta de grande estro, o Dr. Bernardo Guimarães; eles exprimem idéias próprias do homem civilizado, e que não é verossímil tivessem no estado da natureza."

Consagrado por uns, agredido por outros, José de Alencar sentiu a sua hora de desalento, e o seu consolo mais radiante, foi encontrá-lo no refúgio dos livros, que lhe davam entusiasmo desmedido.

Mas, na sua escalada literária, ao lado da fauna política, que lhe não deixou saudades, e da crítica injusta, de visão aldeã, José de Alencar se viu, mesmo como mestre esquivo, cercado de um reduto de amigos que acompanhava a visão ciclorâmica e sua fantasia literária.

João Duarte Lisboa Serra foi um deles e trouxe o seu generoso entusiasmo para a obra alencarina. Vinha ele da geração de Gonçalves Dias, dos tempos de Coimbra, onde, juntamente com Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, Pedro Nunes Leal, José Joaquim Ferreira Vale, Antônio Rego, Antônio Ferreira d'Araujo Jacobina, Joaquim Ferreira Lapa e José Hermenegildo Xavier de Morais, cercou o poeta da "Canção do exílio" de fraternal acolhida, em Ultramar.

Lúcia Miguel Pereira traça no seu **A vida de Gonçalves Dias**, rápido perfil do Conselheiro Lisboa Serra: "João Duarte Lisboa Serra, a quem é dedicado um dos primeiros poemas de Gonçalves Dias, fez carreira rápida; deputado-geral pelo Maranhão aos vinte e nove anos, presidente da Bahia aos trinta, foi depois presidente do Banco do Brasil, lugar que conservou até morrer, tendo recusado o convite do Marquês do Paraná para fazer parte do Ministério de 1853".

Na correspondência de José de Alencar há uma carta de Lisboa Serra, onde ainda se sente o frêmito da sufocante depressão que se abateu sobre o banqueiro maranhense antes da sua morte prematura. A carta foi escrita do Andaraí, quando já estava condenado por galopante nefrite. Não se descuidou o missivista de transcrever a sua poesia "**Domine, exaude orationem meam**", inspirada no desespero de quem sabe que está partindo, deixando filhos e mulher e com a resignação placitante da fé cristã.

É Henriques Leal, no curso do **Panteon maranhense**, quem nos indica a dolorosa circunstância em que Lisboa Serra compôs os seus pungentes versos: "Um dia assistia ao

jantar da família, acudiu-lhe ela ainda mais despedaçadora, e excitando-lhe a fantasia traçou aí mesmo a lápis este cântico repassado da mais pura evangelização evangélica quanto elevada unção moral."

A carta de Lisboa Serra a José de Alencar atesta sua admiração à obra do romancista e flagra o desespero em que se debatia seu espírito atormentado e que fez rebrotar a fonte intermitente da inspiração poética. O final da missiva revela o nome de mais um maranhense que estava preso ao círculo de amizade do cearense:

"Am.º e colega

Andaraí, 8 — março — 1855

"Amo tanto o seu estilo fácil, natural e fluente, tanto me seduz a cadente harmonia do seu sempre espirituoso dizer que por ela me deixo embevecer, mesmo quando reconheço a supina exageração do pensamento, como nas lisonjeiras palavras do seu obsequioso bilhete, acusando a recepção do meu primeiro (e talvez último) relatório sobre a penitenciária, pobre trabalho, filho da mais incompleta e longínqua observação durante o mês em que me coube a inspeção do estabelecimento.

"Desde então uma moléstia grave (e talvez mortal) me veio por inteiramente fora da lei, entregando-me corpo e alma ao despótico e arbitrário poder da Medicina. Se tivesse certeza de que esta imprevista ocorrência já houvesse chegado ao conhecimento do nosso amabilíssimo Presidente, não teria motivo para ir ainda do meu leito de dores aborrecê-lo com a leitura destas linhas, cujo único fim é pedir-lhe que lhe explique a razão por que não chegaram ao seu complemento os trabalhos de que por essa ocasião se dignou ele com tanto favor encarregar-me.

"Adeus.

"Bem quisera terminar mandando-lhe em paga deste obséquio alguma viçosa flor, colhida como por encanto no meio das vastas e monótonas campinas deste meu prosaico retiro, mas deparo apenas com ramos de ciprestes verde-negros; e não irei por certo plantar o emblema da morte em meio dos floridos jardins do jovem poeta benquisto das musas dos amores, nem empanar com o hálito subterrâneo dos túmulos a límpida atmosfera de fragrâncias em que bebe as suas inspirações.

"Acode-me porém neste momento uma reminiscência, que me faz mudar de resolução: — O meu amigo tem

uma veia romântica e os poetas românticos misturam todas essas cousas admiravelmente. Ainda bem. Sempre farei o meu brinde. E leia o doce cantor, que também simboliza a esperança, as duas e secas estrofes do desengano; e receba neste grito de moribundo uma lembrança indelével do amigo: é a minha oração da manhã.

'Domine, exaude orationem meam'

Morrer tão moço ainda! quando apenas
começava a pagar à pátria amada
o escasso tributo que devia
a seus doces extremos!

Morrer, tendo no peito tanta vida!
tanta idéia na mente, tanto sonho,
tanto afã de servi-la, caminhando
ao futuro com ela!...

Se ao menos de meus filhos eu pudesse,
educados por mim, legar-lhe o esforço...
Mas há! que os deixo, tenras florezinhas
à mercê dos tufões!

Vencerão das paixões o insano embate?
Sucumbirão na luta do egoísmo?
As crenças, a virtude, o sentimento
quem lhes há de inspirar?

Não te peço, meu Deus, mesquinhos gozos
deste mundo ilusório, mas suplico
tempo de vida, quanto baste apenas
para educar meus filhos.

É curto o prazo; dai-me embora o fel
dos sofrimentos — sorverei contente:
lúcida a mente, macerai-me as carnes,
estortegai meu corpo.

E após tranqüilo, volverei ao seio
da eternidade. A fímbria do teu manto,
face em terra, beijando, o meu destino
ouvirei de teus lábios.

(Andaraí, 28 — fevereiro — 1855)

"P.S. Ainda um pedido. E vem a ser que denuncie ao nosso Conselheiro Presidente o Dr. José Hemenegildo Xavier de Morais, que além de ser moço talentoso e instruído, acaba de fazer na Europa estudos especiais sobre a questão penitenciária, para substituir-me efetiva ou interinamente na nossa comissão, pois ainda, na hipótese mais favorável para mim, não poderei tão cedo voltar ao trabalho.

Acredite na profunda simpatia que soube impor
ao seu colega muito obr.º
João Duarte Lisboa Serra"

Relevante seria o encargo de quem, consciente da missão de historiador literário, se debruçasse com garra e paciência sobre as copiosas páginas de velhos e esquecidos jornais maranhenses, pertencentes ao acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite, com o objetivo de extratar a contribuição de José de Alencar, ainda não de toda arrolada na sua extensa bibliografia.

A proximidade com o Ceará, as relações de amizade de José de Alencar com Joaquim Serra, Gonçalves Dias, Lisboa Serra, a polêmica de feição filológica mantida com Antônio Henriques Leal e a repercussão da obra do romancista cearense, que da Corte se espalhava para o noticiário dos jornais provinciais, são veredas que podem conduzir a largos caminhos para o esclarecimento da vida ou da obra do infatigável escritor que foi José de Alencar.

O desenvolver de pesquisa de tal magnitude revelará, como esses caminhos vicinais que se interligam e se multiplicam na capilaridade de caprichosa malha, fecundos veios, que mergulham em profundidades desconhecidas e que podem mostrar, na surpresa do encontro pelo revolver de sulcos profundos, a novidade de detalhes desconhecidos ou mal compreendidos, que podem aclarar ou retificar a biografia e iluminar a obra, com a força que provoca o refluir das águas ao leito do tempo em que se acha inserido o autor que se busca porfiadamente.

A compreensão da obra alencarina mereceu o exame crítico de várias gerações de ensaistas, presas ao encanto da teia da fabulação dos seus romances de feição nitidamente nacionalista. O exame dos escritos de José de Alencar mostrará, entretanto, que, ao longo de sua vida, afanosa, o exercício poético, se não foi preocupação ou inclina-

ção para a medida do seu talento de escritor, serviu ao menos como distração íntima para desafogo de mágoas afetivas, ou como o caminho para alguns momentos de enternecimento religioso ou como, no final da vida, tirocínio para levantar a ossatura poética d' **Os filhos de Tupã**, que deixou, lamentavelmente, incompleto.

Mas não se afirme que o reexame do discurso poético de José de Alencar possa colocá-lo dentro do feitio consagrado como autor de arte feérica, pois, na obra do misantropo da Tijuca, a árvore poética não foi frondosa e bem reduzidas foram também as células rítmicas de suas composições. O campo poético, que trouxe consagração para José de Alencar, foi o de sua prosa ritmada, de que **Iracema** é exemplo consumado e reconhecido ao longo de um século de releituras.

A grandeza, a fama, a inventividade léxica, a consagração póstuma estão na fantasia de seus romances bem construídos e de que se não precisa reexumá-los, pois vivem na alma do povo.

Interesse que venha levantar a reduzida produção poética de José de Alencar, inserta nos semanários maranhenses, constitui uma faceta saliente em torno da obra do romancista cearense, pois bem se sabe que a sua inspiração poética era circunstancial. Alencar, na verdade, quis ser fundamentalmente um romancista tal como Sousândrade, que, conscientemente, no outro pólo da vertente da criação literária, desejou e foi poeta vanguardista, embora tenha minguadamente se exercitado nos jornais e no romance **A casca da caneleira**

Manoel Albano Amora, em um dos passos do seu ensaio "José de Alencar, Poeta", incluído no livro editado pela Academia Cearense de Letras, em 1977, com o título de **Alencar 100 anos depois**, chega a roçar, com justeza, a temática da fugidia inspiração poética do autor de **Iracema:** "Qualquer, porém, que seja o valor de todos os seus versos eles deixam crer que não houve da parte de Alencar a preocupação de ser poeta, mas somente a de aproveitar momentos de inspiração, salvo no caso do poema épico, equivalente a uma lição dada aos pretendentes ao indianismo.

Depois do 'Cenário' onde se desenrola a história de Ceci e Peri e da página eterna dos 'Verdes Mares Bravios'... tais versos, devem aparecer como simples diversões de espírito, devidas ao homem genial a quem o trato constante com os Códigos e os Decretos não teve a força para impedir

a criação de uma original obra literária de que tanto se deve orgulhar o Brasil."

A **Civilização**, jornal criado em São Luís, sob a inspiração pastoral de Dom Antônio Cândido de Alvarenga, onde a clerezia maranhense se encastelou aguerridamente contra o regalismo e a irreverência da juventude d' **O Pensador**, publicava poemas de inspiração religiosa, instigando a que o povo, como o rebanho bíblico do Senhor, tornasse ao redil episcopal. O intuito de Dom Antônio Alvarenga era o de coibir a tibieza do seu rebanho e emprazar os seus clérigos ao rígido princípio do celibato.

José de Alencar, tal como Fagundes Varela, Valentim Magalhães e Ovídio Mello, teve, ao longo do decênio de 1880 a 1890, estampado nas folhas devotas da **Civilização**, seus poemas com a temática da Ave Maria, repetindo a saudação angélica sob o impulso de contrito fervor religioso.

A "Ave Maria" de Alencar foi publicada no n.º 313 do Jornal **Civilização**, no dia 18 de setembro de 1886. Vale a pena a transcrição da poesia religiosa:

I

Ave, Maria,
Cheia de graça!
Em cada dia
Que vem, que passa,
Minha alma implora
Á vós, Senhora!

II

Convosco está
Sempre o Senhor,
Que o pão nos dá
Por vosso amor.
Nossa alegria
Vós sois, Maria!

III

Bendito é o fruto
Do vosso ventre.
Na terra eu luto;
Mas dá que eu entre
Com vossa guia
No céu, Maria!

Biblioteca Pública [illegible] Setor de Obras

IV

Amém, Jesus
Em vós gerado,
Morto na cruz,
Quando o pecado
Em nós remia,
Por vós, Maria!

De quem seria a iniciativa de estampar nas páginas da **Civilização** a poesia do mestre cearense? Duas são as hipóteses plausíveis. Vejamos.

É possível que o interesse na publicação da "Ave Maria" de José de Alencar na **Civilização** se deveu ao empenho de D. Ana Serra, irmã de Joaquim Serra, que emprestava colaboração ao periódico maranhense e que bem sabia da amizade entre seu mano e o cearense.

Josué Montello, no seu livro **Aluísio de Azevedo e a polêmica d' "O Mulato"**, acentua a colaboração de D. Ana Serra, o que vem em arrimo da nossa suposição:

"O Professor Jerônimo de Viveiros, que sobre o assunto escreveu um de seus **Quadros da vida maranhense,** adianta-nos que, entre os colaboradores do jornal do bispo, com redação e tipografia no Seminário de Santo Antônio, destacavam-se duas senhoras, que escreviam sob os pseudônimos de Judite e Samaritana: respectivamente, a esposa do Dr. Santos Jacinto, e D. Ana Serra, esta última irmã do jornalista Joaquim Serra, que foi amigo de Machado de Assis e escreveu sobre a imprensa maranhense uma preciosa monografia, **Sessenta anos de jornalismo** (Faro & Lino, Rio de Janeiro, 1883)."

A outra conjectura da publicação do texto poético de Alencar se inclina para o nome de Monsenhor João Tolentino de Guedelha Mourão, a quem coube, por incumbência do seu Bispo, fundar e dirigir, juntamente com o Padre Raimundo Alves Fonseca, o jornal **Civilização**.

O romancista Josué Montello, que se debruçou sobre as coleções da **Civilização**, buscando reunir textos para editar, como o fez, sob o título de **A Polêmica de Tobias Barreto com os padres do Maranhão,** captou o tirocínio que animava Monsenhor Mourão:

"Na realidade a alma do jornal era Monsenhor João Tolentino de Guedelha Mourão, vigário-geral da diocese e diretor do Seminário de Santo Antônio. O bispo do Maranhão,

Dom Antônio Cândido de Alvarenga, foi buscá-lo em Belém, onde era auxiliar de Dom Antônio de Macedo Costa, como chantre da catedral, cargo que renunciou para regressar à sua terra natal.

"Em Belém Monsenhor Guedelha Mourão dera a medida de sua fibra de lutador fundando um periódico, **Boa Nova,** que duraria de 1872 a 1880, consagrado à defesa e à propaganda da fé católica. Ali travaria combate áspero com a Maçonaria, contra a qual publicou um opúsculo de 84 páginas. **A Maçonaria revelada por si mesma no Manifesto do Grande Oriente** (Belém, 1872).

"E é Monsenhor Mourão quem vai fundar em São Luís, com apoio de Dom Antônio, o hebdomadário **Civilização,** que durará de 1880 a 1890. A folha terá atuação tão ampla e tão profunda que obrigará a Maçonaria a fundar outro órgão para lhe dar combate. **O Pensador,** entre cujos redatores jovens se destacará Aluísio Azevedo, conforme minudentemente historiamos em **Aluisio Azevedo e a polêmica d' "O Mulato, já** anteriormente referido."

Qual, independente do título da poesia de Alencar, a motivação que se possa arguir como capaz de motivar o empenho de Monsenhor Guedelha Mourão em publicá-la no seu jornal? A indicação do local do nascimento do fogoso redator trará um fio de luz para essa questão interpretativa.

É do Barão de Studart a primeira afirmativa de que Monsenhor João Tolentino Guedelha Mourão nasceu no Ceará. E tão certo estava o Doutor Guilherme Studart de sua afirmativa, que incluiu o nome do fundador da **Civilização** no **Dicionário biobibliográfico cearense**.

Eis o escorço biográfico que traçou o Barão:

"JOÃO TOLENTINO GADELHA MOURÃO — Monsenhor e Doutor em Canones pela Universidade de Roma.

"Nasceu em 1842 na fazenda Olho d'Água dos Gadelhas, riacho da Carnaúba, confluente do riacho do Mato, águas do Poti, a sueste da antiga matriz de S. Gonçalo dos Cocos, termos do Ipu. Foram seus pais João da Silveira Gadelha e D. Euphrosina Mourão.

"Aos 2 anos de idade a família levou-o para Pastos Bons, no Maranhão, em cujo Seminário iniciou seus estudos eclesiásticos, que concluiu em Roma.

"De volta ao Brasil tornou-se notável na chamada questão religiosa, cabendo-lhe a honra de ficar como governador do Bispado do Pará durante a prisão de D. Antônio de Macedo Costa. Aí no Pará redigiu a **Boa Nova**. Anteriormen-

te prestara em Maranhão relevantes serviços à Igreja, cujos direitos advogou como redator-chefe do jornal **Civilização**.

"Monsenhor Mourão ocupou mais de uma vez uma das cadeiras da Assembléia dos Deputados Federais como representante do Maranhão.

"Além de discursos pronunciados na Câmara conheço dele as **Conferências** pregadas na Igreja de Santo Antônio e publicadas na Tip. da **Civilização:** Maranhão, 1887.

"No **Apóstolo,** Rio, ns. 77 e 78, de julho de 1878, encontra-se também a **Oração Fúnebre** por ele proferida nas exéquias de S. S. o Papa Pio IX.

"Faleceu a 4 de dezembro de 1904 no Estado da Bahia."

A circunstância de ser Monsenhor João Tolentino Guedelha Mourão, comprovadamente, filho de cearenses e de não estar afastada a hipótese dele próprio ser, também, cearense são aspectos ponderáveis que nos levam a induzir sua simpatia pela Terra da Luz. Homem culto, teria razão maior para publicar poesias cearenses, especialmente as religiosas. Não se esqueça que, publicando Monsenhor Guedelha Mourão a "Ave Maria" de autoria de José de Alencar, na **Civilização,** estivesse ele retribuindo o gesto do romancista cearense que colocou Iracema senhoreando as terras de seus pais e avós.

O Barão de Studart não é a única fonte cearense a proclamar que Monsenhor João Tolentino Guedelha Mourão não é maranhense.

Monsenhor Quinderé, no seu estudo "História eclesiástica cearense", e Aires de Montalbo, em "Influência da religião no Ceará", ambos inseridos no livro **O Ceará,** documentário organizado por Antonio Martins Filho e Raimundo Girão, atestam a cearensidade ipueirense do famoso redator da **Civilização**. Disse, finalmente, que os três citados autores cearenses grafam desta maneira o nome do famoso clérigo: João Tolentino GADELHA Mourão.

O que quisemos demonstrar no final deste estudo é que, nas excelentes coleções de jornais maranhenses, ainda existem ressonâncias da produção literária alencarina, de que demos pequeno exemplo, com referência ao seu poema "Ave Maria".

No centenário de nascimento de José de Alencar, o Ceará ergueu, na Fortaleza, à frente do Teatro, que leva o nome do mestre de **O Guarani,** a sua estátua sedestre por iniciativa arrojada da Associação Cearense de Imprensa, que,

agora, novamente juntando-se à Academia Cearense de Letras, lança iniciativas que enaltecem a sua memória e a sua obra portentosa.

É na comovida iniciativa cearense de erguer um monumento a José de Alencar, que vamos encontrar o entusiasmo maranhense, na participação de Nogueira da Silva, que, com Gustavo Barroso e Ronald de Carvalho, desmediu-se naquela memorável campanha.

Esse gesto cativante, que irmana o Maranhão ao Ceará, traduz simpatia à obra de José de Alencar, tão semelhante à que os cearenses dedicam à lira de Gonçalves Dias.

ESTANTE MARANHENSE

1. OS APONTAMENTOS DO ARTESÃO *

As mudanças não pressentidas que operou o tino gerencial de Jomar Moraes no Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado — SIOGE, transformando-o, em reduzido tempo, de setor anêmico em vigorosa autarquia, ainda não davam a perspectiva do exato contorno do artesão irrevelado, já agora visualizado à luz de um mecenato, pelo patrocínio acolhedor que dispensou a Frederick G. Williams, autor de **Sousândrade: vida e obra** e do testemunho que deu de si mesmo, como estudioso vigilante e aplicado, como pesquisador de tomo, autor que é do livro **Apontamentos de literatura maranhense,** já incorporado como fonte de alta recorrência na bibliografia ludovicense.

Temperamento avesso a concílios sociais, de que só participa raramente e com o ar levemente contraído é também, por outro lado, o atual diretor do SIOGE, o que se deve louvar; arredio a promoções pessoais, de que não precisa, com certeza, pois sempre costeou dificuldades com galhardia, munido do arsenal de forças que detém no espírito.

Jomar Moraes tem, entretanto, excelente inclinação para aglutinar ao seu redor valores voltados para as manifestações humanísticas, sempre se impondo como defensor de iniciativas promissoras. Nos grêmios culturais de que participa é Jomar Moraes um inovador que se não dobra a atitudes acomodatícias nem, menos ainda, se rende aos obstáculos que surgem aos seus intentos, por saber bem transpô-los à guisa da consecução do que pretende.

Não nega Jomar Moraes sua origem humilde e as vicissitudes do seu caminho, ao contrário, as acentua sempre o que só o engrandece e motiva, a quem bem possa servir-se do seu molde, bom exemplo. Possui excelente emba-

---

* **O Estado do Maranhão** (São Luís), 6.2.77 (suplemento **7 dias**).

samento cultural e é senhor de prosa limpa e enxuta. Se estocado, não refoge à luta em que bem sabe lançar golpes fundos com o florete de sua pena, às vezes, molhada em incontida mordacidade de tom folhetinesco, que já se vai rareando nesta Atenas, lamentavelmente.

O sol da crítica montelliana já o sagrou em "O novo ostio de Atenas", publicado no Rio e nos jornais do Meio-Norte, como o continuador das esquecidas mas notáveis arremetidas gráficas de Belarmino de Matos, Frias e Alfredo Teixeira, que tanto engrandeceram o Estado com o friso ático de suas publicações e encadernações de alto requinte.

Bom seria que, um plano de publicações de obras maranhenses, de difícil acesso ou aquisição, tais como o **Panteon**, a **Poranduba**, **A casca da caneleira** e outras, se enquistasse no espírito do ensaísta de Antônio Lobo, aliado a outro, de linha atual, que editasse, também, os nossos grandes poetas: Nauro Machado, Bandeira Tribuzi e José Chagas, que são uma refulgência ateniéia neste Brasil.

Apontamentos de literatura maranhense (1976 — SIOGE — 187 páginas), de excelente feição gráfica, com surpreendente capa de José Marcos Pereira Matos, é o largo painel cronológico da literatura do Maranhão, que vem preencher um claro, como aduz, à justa, o autor, "enquanto persistir a quase completa carência de informações acerca de nossa vida literária".

O estudioso de Graça Aranha teve, ao debruçar-se sobre as instituições literárias de sua província, a feliz idéia de dividir o livro em duas partes: Situação Colonial e Autonomia Literária, adentrando-se nesses caminhos, desde o período dos viajantes e cronistas até a geração dos "Novos atenienses", trazendo e desfiando notáveis fontes bibliográficas da mais alta valia, o que, na verdade, enriquece e atualiza a publicação.

As "Notas e leitura complementares", bem como o "Contexto do período" são outros vértices que afirmam o prumo do artesanato intelectual de Jomar Moraes.

Tem Jomar Moraes o mérito de reduzir proporções míticas de determinadas figuras, sem arrostar iras iconoclastas, colocando-as na devida proporção do merecimento da obra. Revolveu, por outro lado, da pátina do esquecimento, outras colunas que estadeiam o edifício literário do Maranhão.

Estamos informados, pelo próprio autor dos **APONTAMENTOS** que, em breve, será publicada a segunda edição

desse livro* e, para tal ocasião, é que esperamos um maior levantamento do quadro das instituições literárias do Estado, com a inclusão das origens do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e da Academia Maranhense de Letras.

Apontamentos de literatura maranhense é livro que se recomenda aos maranhenses como vade mecum de imediata e irrecusável consulta, certos de que, quantos o compulsem, encontrarão desde o reboar das prédicas barrocas de Claude d'Abbeville e Yves d'Evreux até o magistério profícuo do velho Nascimento Moraes e os editoriais ardentes que Antônio Lobo publicava na **Filomatia** e **O Século**.

2. REENCONTRO DO CAMINHO **

Confirmando uma vocação de escritor, reteimadamente retardada, Viegas Netto dá-nos, no retorno à sua querência maranhense, dois livros: **A última esperança** e **Velhos retratos**, enfileirados no Programa de Ação Cultural do SIOGE — estante que o arrojo editorial de Jomar Moraes nos vem proporcionando como Messidor.

Do Grupo Escolar Nina Rodrigues ao tempo em que, em São Paulo, com popularidade e prestígio, Viegas Netto surgia na TV — Record com seu "Preto no branco", pode se identificar, como fio condutor no repasse das recordações deste escritor maranhense, que se lança na literatura como quem, como ele, já possui largo tirocínio e treino na arte de bem escrever, um irresistível apego ao Maranhão de seus pais e seu também.

Este enfeitiçamento telúrico pelo Maranhão, de que não se pode nem sequer libertar Viegas Netto, como tantíssimas vezes já provou, rebenta agora no "fartar os olhos nas ruínas e sobradões azulejados de Alcântara" ou em São José de Ribamar onde vive como bacharel em casa grande, mas sempre vindo a São Luís para alumbrar-se remirando a "maré de moça" das nossas praias sem igual.

Prosa aberta, haloada na decantação das lições de provectos mestres maranhenses, dos quais de Antônio Lopes guardou, com fidelidade de discípulo diligente, o temor ao recheio adjetival, o que tornou o seu discurso limpo e enxuto e de fluidez transparente.

---

* A 2a. ed. desse livro apareceu em 1978, revista, corrigida e consideravelmente ampliada.

** **O Imparcial** (São Luís), 4.11.78.

Da geração maranhense do Cenáculo Graça Aranha, Viegas Netto foi dos últimos, com certeza, a romper as amarras da inexplicável inibição que mora nele, sem se atrelar ao carro dos que usam e abusam de modelos literários farfalhantes, e sem tomar o barco da marinhagem rebelada na adoção de códigos que tornam a frase sincopada e descuidada. É ele, ao contrário, escritor cuidado, consciente do seu ofício, desejando, como consegue, transmitir sua mensagem na transparência de uma arte bem maranhense.

Não esconde Viegas Netto, no capítulo inicial de **A última esperança** (Co-edição SIOGE — Revista dos Tribunais e EDIBRA — São Paulo — SP), como confissão de fervor romântico, que desejou romper planuras maranhenses refestelado numa carruagem, reconstituindo em clima onírico os caminhos de sua infância na Fazenda São Tomé, bem que à procura do velho Franklin ou do avô João Alexandre de quem herdou o nome honrado e o gosto de galantear mulheres, arte em que o neto se refinou como poucos, com as tintas do seu engenho e arte.

No início de **A última esperança**, livre de golpes dialéticos e sem temperatura nostálgica, como é comum em escritores de sua geração, Viegas Netto nos ensina que o mundo "nunca foi muito diferente do que é hoje, isto é, jamais foi melhor, jamais será pior", embora se tenha enredado numa visão inortodoxa na exegese da culpa inaugural de Adão e Eva e do fratricídio de Caim.

No fecho desse livro tonificante, Viegas Netto inculca na juventude uma mensagem de fé e de esperança, projeção do seu belo credo de fraternidade e do bom viver, que todos que o conhecem podem bem testemunhar. Reinsistindo nestas verdades provindas dos arcanos, acentua Viegas Netto: "Tudo que se disse aqui cabe, na verdade, em algumas poucas palavras: se permitirmos que a fé vacile, dentro de nós, uma fé que implica, também, na confiança de que o homem ainda se pode restaurar no amor, para que, na essência do seu ser, refloresça o próprio Éden — estará igualmente perdendo sua última oportunidade e não mais haverá lugar para esperança. Nesta seqüência de idéias, não há medida para o amor — amor maior ou amor menor, há amor. Não é verdade, porém, que o mundo de hoje seja pior que o mundo de ontem e que estejamos às portas de um cataclisma, como se soltas estivessem as bestas do Apocalipse. Enquanto houver amor, haverá razões para esperança. É só não permitir que se apague essa chama divina na intimidade dos nossos corações, para não sermos os últimos a viver."

Estava ao seu lado no SIOGE, quando o escritor entregava ao linotipista o oferecimento do seu livro **A última esperança** aos netos queridos e presenciei que Viegas Netto tinha os olhos alagados e o coração verrumado de saudades, mas não abandonava a feliz e santa crença de que "essas palavras possam levar ao coração de cada um deles a esperança e a fé que desertaram do nosso."

3. VERBO SINGULARISSIMO *

O território poético em que se espraia o verbo de Nauro Machado, como voz singularíssima que aflige com perfurantes interrogações a alma do homem desesperado, não se limita ao insulamento do sítio provincial, no qual se cumpre inexoravelmente a sua edificante vocação, mas ganha as praias, percute nos centros cosmopolitas, perturba e incomoda pelo vigor a muitos, aos tíbios, como os candentes temas dos velhos profetas, até alcançar as encostas da consagração nacional, quando é justamente considerado como apóstolo do verso, vivendo o estado poético que a muitos fascina pela cosmovisão de sua arte, de que tem plena consciência.

Tido ingenuamente por alguns, no teatro da exposta e saliente mediocridade local, como autor de projeções oníricas, na busca do seu credo imagético, cai, por igual, sobre o alto poeta de **Campo sem base,** como sussurro apasquinado, a desrazão de falsamente ser identificada sua modelar e reconhecida contenção vocabular, como preocupação estéril de ordenar a fatura de um léxico sísmico capaz de, propositadamente, impermeabilizar o campo sonoro em que trabalha.

Fiel ao seu compromisso poético, construído exemplarmente em múltiplas publicações, Nauro Machado atira a verdade da universalidade de suas preocupações éticas à face bestificada dos que se acardumam em propagar aquela heresia salaz. A vertente que o mestre maranhense contrapõe pode mensurar a altitude de sua mundividência: "Dentre em mim há um pomar / de tempo, o eterno tempo, / grito, vácuo e reza / de uma flor animal." (**Zoologia da alma** — 1966 — pág. 17).

---

* **O Imparcial** (São Luís), 11.11.78.

Nem nega o atormentado vate o quanto está afeiçoado à branda luz de sua ilha, onde se vem imolando para a reconquista do perdido prestígio literário que outrora lhe deu a fama de Atenas, pregando em suas ladeiras, em seus becos tortuosos. o evangelho poético do seu ofício, mesmo que sofra, como sofre, o escárnio da indiferença, renitente em desconhecer seu mais ardente poeta: "Meu São Luís, Santo-Rei, / padroeiro deste chão: / tira o grude de meus olhos / e a saliva desta boca, / põe-me o beijo dos mendigos / pelos lábios de uma noite. Meu São Luís, Rei de França: / leva-me ao reino da infância, / onde um galo cante em chuva / sobre o peito de meus braços, / salva o branco destes ossos, / herança da minha carne." (**Necessidade do divino** — 1967 — pág. s/n).

O afeto de Nauro Machado a São Luís corre em sua obra como um rio de leite. Ora o poeta roga ao "Santo-Rei" que o transporte ao "reino da infância", ora canta as vinhas do Bacanga e do Anil num assomo potâmico: "São Luís, Maranhão, ó terra minha!, / onde nasci e onde bebo e embriago a vinha / do Bacanga e do Anil, dois ébrios rios." (**Os parreirais de Deus** — 1975 — pág. 111).

Mas a tortura existencial em que se consome indenimente Nauro Machado, no testemunho da predestinação poética a que se viu sitiado desde a adolescência, chega a um grau de incandescência que o poeta se permite em desejar a renúncia do seu ferrete apocalíptico: "Já estou farto de me ser / um Caim para mim mesmo / ó mundo! Um Caim (sem saber / de Abel) solitário e ao esmo / do viajar, seguir rotas, / quaisquer que sejam as velas. / Eis: na imaginação ou nas / pernas inda que contra elas, / dos centímetros aos metros, / as coisas, todas, medi-as, / desde os longes quilométricos / aos curtos pés, para os dias / de pouco ser, pois que sou / pelo tempo comet do. / Ladra o nada, aonde vou, / como um cão sem ser ouvido." (**Do eterno indeferido** — 1971 — pág. 28).

Quem vê o poeta de **Noite ambulatória** retrilhar itinerários na companhia de seus versos, bem conclui, se o vê ligado aos passos de Frederico, que a Ilha lhe está dando, ao lado do momento supremo de sua constante realização poética, a infância feliz do filho amado: "não saberás do meu rosto / de agora no teu amanhã, / nem também, com que desgosto!, / dou-te escárnio ao invés de lã, / dou-te pedra sem cordeiro / balindo no escuro quarto, / onde, se acordo primeiro, / lembro tua mãe em dor de parto, / vejo

tua mãe te querendo / como se a um mundo quisera, / e ti nela, enfim crescendo / qual estrela numa esfera, / qual pendão numa bandeira / erguida por sobre o sangue / de quem sente a dor primeira / da maternidade: um mangue." (**Os órgãos apocalípticos** — 1976 — pág. 58/59).

A individualidade poética de Nauro Machado o transforma em um ser atormentado, vivendo o seu calvário, exposto nas entranhas de suas dúvidas. Mas sem desânimo o poeta caminha para o seu holocausto: "Sei que, no alto, uma lua renasce sempre em lua, / depois do sol. Porém, em mim, o dia se apaga / e desce à terra na órbita dos meus olhos. / Sinto: sei que não vou poder nascer de novo." (**Testamento provincial** — 1973 — pág. 47).

No leque intimista da poesia do autor d'**O exercício do caos,** o problema da morte alcança seus versos com as tintas de acerba melancolia. Vem, por anos e anos, o poeta maranhense trazendo o verbo-pão na tentativa de saciar, desenganadamente, a sua "faminta solidão". Mas o verso sufocado pela angústia acusa que não o consegue, mesmo no desespero de uma morte que renega: "A morte próxima é morte sedenta, / cruel e má, e imortal, por ser divina, / se o verbo é pão que em vísceras rebenta / o cadáver que à boca se arruina. / O verbo é pão, mas só diz "me alimenta!" / à estéril esperança, em mim ruína, / que erguendo ao século a face cruenta, / masturba a Virgem, hiena assassina. / O verbo é pão — mas para minha boca, / faminta solidão de viva pouca, / no pensamento onde me sei sozinho. / Sozinho, à dor resisto em ser mortal, / sozinho em dor de mim, e não plural / para saciar o pão que descaminho." (**A vigésima jaula** — 1974 — pág. 103).

Sem caráter de obscenidade indaga sobre o sexo com desassossegada lucidez e o mostra na crueza de sua força, sem rebuços e sem felonias: "O amor não tem júri, / o amor não tem pena. / Logo o cio o fure, / resta a água serena." (**Os órgãos apocalípticos** — 1976 — pág. 19).

No rimário de Nauro Machado corre uma avassaladora crítica social, vindicativa do pobre espoliado pela cupidez voracíssima do rico inescrupuloso. E o poeta não recusa o uso do bisturi para estiletar a carne apodrecida da humanidade desumanizada e repropõe, a cada poema, em cada verso, a verdade em que acredita e que o consome: "Há uma róstia de luz na alma apagada. / Há um conduzir de sacos e alimentos / para a semana que, ao fim renovada, / abençoa sete dias de excrementos. / Há um trevo em treva, a moeda

Biblioteca Pública G ...mental
Setor do Ceará

entronizada / com o sangue negro de cruéis eventos, / e, sobretudo, onde a dor sobrenada, / há a fome insaciável dos sedentos. / Subseqüente sede de água insana / sobre a maré afogada na semana, / qual se lhe fora só de lodo a foz, / há o desfastio da alma, desfastio / quando no término de escuro cio, / para o domingo vindo em cruz, após." (**Os órgãos apocalípticos** — 1976 — pág. 85).

O verbo demiúrgico de Nauro Machado se despoja a cada dia e surge nos livros do poeta despido de extravagâncias verbais, pungente e aquecido pelo fogo que o abrasa: "Eu merecia a paz da madrugada, / o sol feliz da festa circundante, / onde rebrilhasse, pedra escancarada / além da treva, o rútilo diamante. / Eu merecia o oposto deste nada, / deste tremor de patas, deste guante / de fera presa e de água estagnada / e que de mim devera estar distante. / Só este pendão de feira vagabunda, / só esta bandeira de asco, nauseabunda / bandeira erguida dia-a-dia nos meus mastros, / coube-me pois na única existência / imerecida, e minha, e que vence a / palavra tempo, onde falo, de rastros. (**A antibiótica nomenclatura do inferno** — 1977 — pág. 76).

Isolado, na solidão atemporal, o autor de **Segunda comunhão** penetra no seio do Cosmo, levando contritamente o seu madeiro, numa fatalidade confessional inarredável. É o carisma de quem se sabe poeta e cumpre a vocação com exemplaridade invulgar.

Já é hora de se recolher na unidade de um livro a obra completa deste poeta maranhense que se ergue entre nós como uma coluna de fogo, oferecendo o rostro da visão apocalíptica que o consome e o torna um alto poeta e das maiores expressões literárias nascidas no Maranhão. Essa iniciativa há de, com certeza, revicejar as vertentes da nossa poesia provindas do fluido gonçalvino e das virtudes sousandradinas.

4. TEIXEIRA MENDES *

Na obra de Renan há uma página de muita recorrência na análise propedêutica de um dos institutos da ciência política, em que o mestre francês traça as componentes conceituais de nação. Entre outras é ressaltado o culto aos homens que emprestaram comovido e exemplar serviço a um

* O Imparcial (São Luís), 25.6.77.

povo que, porisso mesmo, ao relembrar tal memória, a identifica como traço marcante que alicerça determinada nacionalidade.

A mais de uma razão se pode identificar Teixeira Mendes, cujo cinqüentenário de morte transcorre a 27 de junho, como robusta personalidade cujo consagrados serviços permitem e ensejam uma relembrança, à guisa de exemplo para a Nação, tão comprometida foi a sua vida com o processo histórico brasileiro, especialmente no final do Segundo Reinado e no início e na consolidação da República, permitindo, pela ressonância da sua obra, quadrar o seu nome dentro do conceito renaniano, pois foi integralmente um homem identificado com a Nação brasileira.

Acrescente-se mais que Teixeira Mendes é homem historicamente vinculado à nossa bandeira, um dos símbolos que nos irmana e por que já lutamos nas praias e nos mares na defesa dos nossos legítimos interesses que ela corporifica.

Mais justificadamente deve o Maranhão memorar, enaltecer e difundir a vida e a obra de Teixeira Mendes, seu filho ilustre, nascido em Caxias a 5 de janeiro de 1855 e enramado, pelo costado materno à família Leal Vale, à Ana Amélia, musa impossuída do Poeta, cujos preconceitos de cor e de berço fizeram arder uma desejada mas impossível união conjugal, provocando por este fato de soberba do patriciado da época a vocação mais romântica da literatura brasileira.

Acreditamos que o Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, a Academia de Letras e a Fundação Culturai venham a realizar, oportunamente, sessões e exposições consagradoras à memória de Teixeira Mendes, vulto que orgulha e honra as tradições culturais do Estado.

Esperamos que as realizações ora sugeridas venham a ser a continuação do culto ou da difusão da obra do Apóstolo, já encetados por Pedro Pestana Mendes, Jerônimo de Viveiros e Luso Torres, cujas conferências estão a exigir novas edições.

Ressalte-se, à guisa de forcejar merecidas comemorações pela decorrência do cinqüentenário de morte do positivista maranhense, que o Professor Pedro Neiva de Santana, no tirocínio do seu governo, trouxe ao Maranhão Paulo Berredo Carneiro, filho ilustre desta Atenas, ligado aos antepassados de Teixeira Mendes, para pronunciar palestra na ocasião em que, justificadamente, se consagrava uma praça a Teixeira Mendes e também nela se erguia a sua herma, testemunhando o tardo mas terno agradecimento maranhense.

Conhecemos Paulo Berredo Carneiro na Academia Brasileira de Letras, à vespera de sua viagem para aquela comemoração cívica no Maranhão, e dele recebemos o seu oportuno trabalho sobre Teixeira Mendes, editado pela Imprensa Nacional e à festa maranhense também estivemos presentes, aplaudindo a iniciativa, reverenciando, enfim, a memória de um filho venerando desta terra que elegemos, por adoção, como terra natal.

Teixeira Mendes foi menino pobre que abriu o seu caminho com tenacidade e esforço diuturno, chegando a ser aluno do Imperial Colégio Pedro II, conquanto se negasse, com pertinácia, a receber a fé do grau do bacharelado a que tinha direito por conquista meritória, mas que estava vinculada ao juramento de respeito às instituições imperiais de que ele não partilhava. Era geômetra, mas o que lhe mais enaltece a fascinante personalidade é o anseio da fraternidade, tão bem exarado na sua obra dispersa e inorgânica, por isso mesmo pouco difundida.

Espírito conciliante, Teixeira Mendes aplaudiu a proposta de Benjamin Constant ao Governo Provisório para a devolução ao Paraguai dos troféus de guerra conquistados pelo nosso Segundo Império.

Está o líder do Apostolado na vanguarda dos que pleitearam sensíveis melhoras para os trabalhadores, não só quanto à salubridade mas quanto ao salário, gratificações, estabilidade após sete anos de serviço e aposentadoria remunerada.

O círculo de influência dos positivistas, na manhã republicana, possibilitou a que Teixeira Mendes organizasse o calendário de feriados nacionais e defendesse os nossos índios, pedindo para eles uma reserva florestal.

No plano cultural lançou-se o positivista maranhense às iniciativas de erguer monumentos à memória de Benjamin Constant e à de São Francisco, esta quando as forças já lhe faltavam.

Mas, diga-se também que Teixeira Mendes mantinha um culto exarcebado a Clotilde de Vaux, exercendo em suas prédicas, em que foi imbatível, um rigor quase inquisitorial, o que o levou à esquisitice de manipular uma missa positivista e uma semana santa.

Não me fujo de acentuar e me dou o prazer de louvar, que encontrei em Almir Moraes Correia, que tem intimidade com a obra de Teixeira Mendes, um exemplo, quando arregimentava as entidades culturais do Maranhão, para prestarem uma homenagem por ocasião deste cinqüentenário. Acolhi a idéia e a fiz também minha, ainda que esmaecida nesta nota.

Edmund Burke acentuava que o Estado é uma comunidade de vivos, de mortos e de futuros homens. Nós maranhenses celebremos a memória de Teixeira Mendes — um grande morto — para que motive do exemplo de sua vida e obra, vigorante perfil para novos grandes filhos do Maranhão.

A 27 de junho de 1927 morria Teixeira Mendes, vitimado de subitânea "angina pectoris". Venha, pois esse cinqüentenário a ser comemorado como é do nosso dever.

Qualquer que seja o posicionamento filosófico que se tenha, não se pode negar que Teixeira Mendes é um facho de luz que alumbra o Maranhão, e que dele, do seu povo, deve merecer justas homenagens.

O sistema de Augusto Comte é identificado por alguns como ancilosado, o que não intimida que, por outro lado, fogosos paladinos o tenham ainda como religião da humanidade.

O cinqüentenário de Teixeira Mendes — corifeu do positivismo brasileiro — ensejará um balanço atual, sério e isento, desta corrente de idéias em nosso país. Melhor ainda que, entre nós maranhenses, surgisse ensaio com tal escopo, enfocando o raio de incidência da doutrina comteana no Meio-Norte. Melhor homenagem não se poderia tributar a Raimundo Teixeira Mendes, se a sugestão viesse a se transformar em realização. Esperamos que a semente caia em terreno fértil, pois afinal, os gregos sempre gostaram de filosofia e nós nos ufanamos do título de Atenas.

A Universidade do Maranhão tem excelente oportunidade para promover pesquisa cujo objetivo fosse o de levantar o painel do positivismo no Estado, o que, de resto, representaria uma contribuição valiosa à bibliografia nacional. Velhos jornais maranhenses guardam o ardor de prolongadas polêmicas entre o clero e a juventude positivista, a que Aluísio de Azevedo pertencia.

A pesquisa a que nos referimos, e que desejamos ver iniciada sem tardança, faria a recensão de, pelo menos, estes jornais: **Ordem e Progresso, Juvenília, o País, Semanário Maranhense, Mequetrefe, Civilização, Pacotilha, Diário do Maranhão** e **O Imparcial**, sem esquecer, de outro ângulo, o lastreamento biográfico de maranhenses positivistas, cujo rol se inicia com José Patrício de Almeida, aluno de Augusto Comte em Paris, em 1839.

A influência do positivismo maranhense não se reduz às fronteiras do Estado, alarga-se, como veremos, penetrando em outros territórios, nos quais a presença maranhense se destacou. Prova disto é a participação do jurista Francisco José Viveiros de Castro em Pernambuco e a de Domingos Teófilo de Carvalho Leal, este de marcante projeção política no Amazonas, nos dias inaugurais da República.

O Ceará surgirá neste estudo através de Capistrano de Abreu que, durante certa fase de sua vida, foi atento ouvinte da pregação de Teixeira Mendes no Apostolado. Aluda-se, ainda, no que respeita a contribuição cearense ao positivismo exercitado no Maranhão, que Rocha Lima, jovem animador do movimento literário denominado Academia Francesa e positivista confessado, publicou, em São Luís, em 1878, na Tipografia d'O País, o seu livro **Crítica e literatura**.

Outra iniciativa que poderia prosperar, esta no campo editorial, seria a reedição do **Esboço biográfico de Benjamin Constant**, com certeza o melhor trabalho da lavra de Teixeira Mendes.

Justifiquemos nossa legenda cultural. Entremos no templo da filosofia maranhense, não para acender os brandões do pieguismo saudosista, mas para conversar com Teixeira Mendes, para ouvir as preclaras verdades que ainda nos anuncia das páginas de sua obra. Assim é que poderemos vestir o manto grego. Assim é que seremos reconhecidos como filhos desta Atenas Brasileira.

MEMÓRIA DA FÉ MARANHENSE *

> "Não és tu o Reino dos Lírios, ó França? E não adornam esses lírios o Reino de França? Do mesmo modo essa França Equinocial é, entre os demais, o Reino do Sol, e o sol o embeleza especialmente, pois daí não se retira jamais e aí se deita perpetuamente. Porque, pois, não colocar no frontispício deste livro: Indis sol splendet, splendescunt lilia Gallis." Claude d'Abbeville — **HISTOIRE DE LA MISSION DES PERES CAPUCINS EN L'ISLE DE MARAGNAN ET TERRES CIRCONVOISINES**.

A refulgência do Reino do Sol a que alude a página veneranda do cronista capuchinho, que chegou a esta terra de São Luís para abençoar em 1612 a fundação da França Equinocial, é o Evangelho, de cujo carisma se impregnou, em notável catequese, a gentilidade que nestas plagas senhoreava, e que data do mesmo tempo da constituição do poder civil, como se no Plano Divino houvesse sido determinado que a Civitas Dei surgiria paralela a Civitas Terrena, garantindo aos habitantes e às gerações futuras uma abençoada predileção e um penhor como Povo de Deus.

A memória da data que hoje celebramos — O tricentenário da ereção da Diocese de São Luís — é também a certeza de que se vem cumprindo, com a força dos anúncios proféticos, as palavras de Claude d'Abbeville, quando gravou no pórtico da sua **História da missão dos padres**

---

* Discurso proferido no Palácio Arquiepiscopal em 30.08.77, data do Tricentenário da criação da Diocese de São Luís, no momento da instalação do Arquivo da Cúria Metropolitana, publicado na **Revista maranhense de cultura**, ano II, n.º 2, janeiro — junho de 1978, p. 45—51.

capuchinhos, o vaticínio de que o Sol, daqui desta Ilha, não se retira.

A cruz foi aqui chantada ao som do "Vexilla Regis" ao mesmo tempo em que os louros normandos a cercavam com as Armas e o Estandarte de França. A Cruz significou o compromisso comunitário do Maranhão com a Igreja. O "labarum" de Maria de Médicis selava a posse de França e de Navarra. "Este estandarte — diz o padre conspícuo — era enriquecido e semeado de grandes lírios de ouro que o embelezavam maravilhosamente. Foi esse mesmo que os índios fincaram com suas próprias mãos, cheios de alegria e devoção, junto da cruz na Ilha do Maranhão."

A França — filha primogênita da Igreja — deu-nos, com os forais da dominação que repudiamos, a mensagem da Boa Nova que acolhemos, que professamos e que agora nos enseja, na celebração do transcurso da data magna do Tricentenário da criação da Diocese de São Luís, entoar, com o mesmo entusiasmo dos nossos avoengos, o "Te deum laudamus", como no dia em que esta Cidade elevou a Cruz e alteou, nas adriças do estendal das palmeiras, o estandarte onde se leu: "Tanti duz faemina facti" — símbolo da epopéia mareante francesa logo esfacelada pelo arrojo lusitano. E foram os portugueses que colocaram a Cidade sob a proteção de Maria, com a invocação de Nossa Senhora da Vitória.

A fé — dom de Deus — caiu nos corações maranhenses, como a boa semente da parábola evangélica, propagada pelos discursos missionários dos Capuchinhos, Franciscanos, Jesuítas, Carmelitas e Mercedários, florecendo, nos primórdios da Igreja Maranhense, em templos como a Capela do Convento de São Francisco, Ermida de Nossa Senhora da Guia, Capela de Nossa Senhora da Luz, Igreja do Carmo, Igreja das Mercês, Igreja de São João Batista, até que, com a Matriz, se organizou a Paróquia de Nossa Senhora da Vitória.

A Igreja do Maranhão esteve inicialmente jurisdicionada pela Prelazia de Olinda, dizem os historiadores César Marques, Dom Francisco de Paula e Silva e Dom Felipe Conduru Pacheco, mas efêmera foi a vinculação, se existiu, pois a "Bula Romani Pontificis Pastoralis sollicitudo" do Papa Inocêncio XI, que separou a Diocese de São Salvador da Bahia, até então sufragânea da Igreja de Lisboa, elevando-a, nas mesmas letras, à categoria de Sede Arquiepiscopal e Metropolitana de toda a Província, desmembrando e também criando as Dioceses de Olinda e do Rio de Janeiro, a nada alude que se possa comprovar aquela afirmação.

Já a esse tempo a Igreja Militante Maranhense tinha ouvido aterrada o verbo inconfundível dos Sermões do Padre Vieira, em cuja biografia clássica o nosso João Lisboa traçou com vigor o perfil duradouro do famoso orador sacro.

Frei Cristóvão de Lisboa já fundara a Custódia do Maranhão. Foi o abnegado missionário franciscano o construtor do Convento de Santa Margarida, onde depois, quando já tinha o nome de Convento Santo Antônio, veio a se instalar o Seminário Diocesano. **A história dos animais e árvores do Maranhão**, obra monumental, escrita em 1627, o qualifica como o primeiro naturalista do Brasil, fato de que está desatento o Maranhão, que lhe não dedicou ainda, como é justo fazer, uma rua ou praça desta Capital que ele tanto nobilitou.

Crescia o fervor da Igreja Maranhense e o "nobre Varão Pedro, Príncipe e Governante de Portugal e dos Algarves, interessou-se com piedoso afeto pelas populações daquela região do Brasil que se chama Província do Maranhão", diz um dos consideranda da Bula de Inocêncio XI que criou a Diocese de São Luís do Maranhão.

A veneranda "Bula Super Universas Orbis Ecclesias", do Papa Inocêncio XI, libera "da autoridade, jurisdição, poder, subordinação, visitação e correção do Bispo do Brasil" a Vila de São Luís elevando-a a cidade e criando a Diocese, por considerar "digna do título Episcopal e Civil". Ressalta ainda o Documento Pontifício que a Vila chamada São Luís tinha dois mil habitantes e, a seguir, faz o comovido elogio da Cidade e do seu Povo: "Destaca-se pelo bom clima, desenvolvimento do povo e do comércio. Conta com vários conventos de homens. Seus habitantes se distinguiam pela nobreza de origem e pela cultura, como também pelos Brasões. Na dita Vila de São Luís, foi, há muito tempo ereta sob a invocação de Nossa Senhora da Vitória, uma única Matriz, maior que as outras Igrejas ali existentes."

Fixemos a data histórica tal como está escrita no final da Bula que nos deu esta Diocese Tricentenária: "Dado em Roma, em Santa Maria Maior, a trinta de agosto do ano de mil seiscentos e setenta e sete da Encarnação do Senhor e primeiro de nosso pontificado".

Colorido é o elenco episcopal dos vinte e nove bispos da Sé Maranhense. Frei Antônio de Santa Maria, franciscano, nomeado Bispo do Maranhão, não tomou posse. O se-

guinte, Dom Gregório dos Anjos, tomou posse na Catedral de Nossa Senhora da Vitória em 1679, aqui pastoreou o seu rebanho e, entre nós, na Catedral, jaz aos pés do Senhor.

A Igreja Particular do Maranhão — mãe e mestra dos seus filhos — foi se dilatando, alargando a sua militância evangélica, se interiorizando, criando paróquias, com o fervor pentecostal, a que nos relatam os Atos dos Apóstolos.

Acompanhando o processo histórico e social, a Igreja testemunhou: o Estanco, as Temporalidades, o Regalismo Pombalino, a operosidade de Gabriel Malagrida, a Invasão Holandesa, fatos que possibilitaram, no meio eclesiástico deste período, excelentes fontes de estudos como são os livros de José Moraes, Francisco dos Prazeres Maranhão e Felipe Bettendorf.

O carrilhão do tempo registrava, em cada centúria, a propagação da fé maranhense, nos extensos limites da Província do Maranhão, que alcançavam "desde o cabo Norte, pela orla marítima e por terra a dentro até a Fortaleza do Ceará exclusive."

Tempos depois deu-se a criação do Cabido Diocesano, a expulsão dos Jesuítas, a instalação da Paróquia de Vinhais e de São José dos Índios.

A Fundação do Império, a Adesão do Maranhão à Causa da Independência, a Balaiada, a Guerra do Paraguai, foram ocorrências comemoradas pela Igreja do Maranhão com luminárias e missas de ação de graça.

Aos 5 de junho de 1827, quarto ano do Pontificado de Leão XII, foram, por "petição do caríssimo filho em Cristo, Pedro I, Imperador do Brasil", separadas do Patriarcado de Lisboa, de que eram sufragâneas, as Dioceses de Belém do Pará e de São Luís do Maranhão, para vincularem-se, como sufragâneas, ao Arcebispado de São Salvador da Bahia.

A Diocese de São Luís, sempre assistida pela dedicação constante e zelo de seus Pastores, foi crescendo em fervor cristão, pelo devotamento do Clero Secular, pelas Ordens Religiosas, pelas Irmandades, pelo Laicato atuante e cioso de sua cooperação.

Houve também dias de defecções, em que sangrou o Pelicano, mas houve épocas de intensas alegrias, como aquelas em que, na Catedral, se ouviam os cânticos do "Tu Es Sacerdos", pois mais operários chegavam para a Seara do Senhor.

Ao lado destas ocorrências, espelhando o intercâmbio da jurisdição canônica do Bispado e desse com os Po-

deres do Estado, se avolumavam os registros de batismo, crisma, casamento, além dos processos de impedimentos, anulações, oposição, como também os processos "de genere", "devita et moribus". Crescia, de igual modo, a correspondência com a Corte, com as Irmandades, o registro do Livro do Tombo, as Bulas Papais, Cartas Pastorais, estatísticas missionárias e demais atos e documentos que ficavam expostos à destruição, pela poilha, pelo trabalho pertinaz das traças, pela incúria, feita de desinteresse, quando não pelo abandono de autêntico arquivo morto, sem possibilitar consultas diligentes, sem manuseio da frondosa documentação, sem qualquer interesse senão o da liquidação dos documentos, no ousado desserviço à história da comunidade e à memória da fé, no largo tempo de três séculos.

Era de se lamentar e de se esperar a reprovação severa das gerações futuras se assistíssimos indiferentes a destruição de arquivo tão precioso. Felizmente tal não ocorre, pois a Igreja, a tudo diligente, é, e quis ser no Maranhão, fonte fundamental de sua história, pois ambos se plasmaram, ao influxo da fé, no dia inaugural da fundação desta Cidade, que tomou o nome do Bon Roi.

A organização do Arquivo da Cúria Matropolitana do Maranhão, cuja inauguração hoje assistimos, constitui um marco inesquecível do Tricentenário da Ereção da Diocese de São Luís, instalado no Palácio Arquiepiscopal, que foi construído quase todo no Episcopado de Dom Antonio Xisto Albano, primeiro Bispo do Século XX dessa Diocese, que ao renunciar à mesma, não se quis, por benemerência, ressarcir das vultosas quantias que no prédio investiu, gesto desprendido que o engrandece, que sagra a sua dedicação ao Maranhão e afirma o zelo para com a Diocese a que assistiu dedicadamente.

José Honório Rodrigues, em um dos passos da **Teoria da História do Brasil**, ao analisar os Arquivos Eclesiásticos, enumera o do Maranhão entre os oito dessa espécie que "possuem as principais fontes primárias para a história da Igreja do Brasil". E diante aponta o estado em que se encontram. Aduz o historiador: "A situação dos arquivos da Igreja é tão lastimável quanto a dos arquivos públicos".

A ausência de um inventário do acervo da documentação existente, de um catálogo, de um índice, de um bulário, de uma bibliografia, enfim, impossibilita quantificar o volume da documentação, além de vedar aos pesquisadores o conhecimento das fontes.

O Maranhão, que teve grandes pesquisadores, e dos quais destacamos João Francisco Lisboa, Antônio Gonçalves Dias e Antônio Henriques Leal, viu partir o primeiro grito de denúncia da queima do arquivo da escravidão, autorizada pelo Ministro da Fazenda, Rui Barbosa, de Nina Rodrigues, seguindo quase uma tradição da Terra, quando Cândido Mendes de Almeida apontou que a tomada da Bahia, pelos holandeses, acarretou a perda de valiosa documentação. A Cidade deve preservar as fontes de sua história civil e religiosa.

Ressalte-se por justiça, que várias foram as tentativas de organizar o Arquivo da Cúria Metropolitana, mas a deficiência de técnicos, as despesas com a classificação das peças e a indisponibilidade de tempo foram óbices que dificultaram a conclusão da tarefa encetada, com esforço, pela Arquidiocese.

No Programa do Tricentenário da Diocese consta, entre as metas de realizações, no decorrer do ano festivo, a organização do Arquivo da Cúria Metropolitana, o lançamento do livro **História da Arquidiocese de São Luís do Maranhão**, de autoria do consagrado pesquisador Mário Meireles e o Carimbo alusivo ao evento, cuja solenidade agora assistimos nesta Residência solarenga, pela inquestionável dedicação, pela tenacidade, pelo desmedido esforço do Senhor Arcebispo Metropolitano de São Luís, Dom João José da Motta e Albuquerque. Testemunha o povo maranhense, neste dia tão caro ao seu coração, e neste momento tão solene, ante a honrosa presença do Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Núncio Apostólico no Brasil, Dom Carmine Rocco, e dos Prelados da Província Eclesiástica, aqui presentes, o fecundo episcopado do Metropolita Maranhense, que tem, pelas atitudes e acentuada atividade pastoral, comprovado o dístico do brasão de suas armas: "In Manus Tuas," tamanha é a fraternidade e a operosidade do seu munus.

Pernambucano do Recife, Dom João José da Motta e Albuquerque foi eleito Primeiro Bispo da Diocese de Afogados da Ingazeira, no seu Estado natal, 4.1.1957, sucedendo depois a Dom José Tupynambá da Frota, como terceiro bispo da Diocese de Sobral, no Ceará, eleito que foi em 21.1.1961, quando então foi promovido para o Arcebispado de São Luís em 28.4.1964, sendo na linha cronológica dos antístites do sólio maranhense, o vigésimo nono Bispo e o quinto Arcebispo.

O Maranhão deve a Dom João José da Mota e Albuquerque a organização do Arquivo da Cúria Metropolitana,

que ensejará, no marco do Tricentenário da Diocese, novas e largas fronteiras para historiadores e pesquisadores, eclesiásticos ou leigos, pois a História do Estado, a Civil e a Religiosa, nas suas fontes mais autênticas, está registrada na frondosa documentação do seu Arquivo.

A classificação inicial do acervo, a orientação das fichas dos documentos que se está procedendo, bom como o catálogo, coube ao tirocínio de Frei Venâncio Willeke, franciscano do Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, que aqui esteve na estafante tarefa, pelo empenho do Senhor Arcebispo Metropolitano.

Frei Venâncio Willeke é nome que estadeia na historiografia franciscana por seus valiosos estudos, com o reconhecimento consagrador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão. Este o acolheu como sócio correspondente, após a execução da valiosa tarefa de que se desincumbiu com tanto entusiasmo.

Com a classificação do acervo do Arquivo da Cúria Metropolitana, Frei Venâncio Willeke retoma a linha de dedicação ao Maranhão da Ordem dos Frades Menores, cujo prenúncio valioso veio do primeiro naturalista brasileiro, Frei Cristóvão de Lisboa, e se inscreve também na linha de notabilidade dos grandes vultos do Convento Santo Antônio que, como Frei Vicente de Salvador, Frei Mariano da Conceição Veloso, Frei Francisco de São Carlos, Frei Francisco de Monte Alverne e Frei Basílio Roewer, tanto engrandeceram a Pátria e a Igreja, com a obra renomeada, com a pesquisa de tomo e com a oratória sacra inesquecível.

O Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, Senhor Arcebispo Metropolitano, reconhecendo os altos méritos de Vossa Excelência Reverendíssima e aiuizando o alcance da iniciativa de organizar o Arquivo da Cúria Metropolitana, que se inaugura nesta solenidade, lhe concedeu, na sessão extraordinária, realizada no dia 24 deste mês, o título de sócio honorário.

Biblioteca Pública G ...ital
Setor do Ceará

Um jovem intelectual vem despon
tando no Maranhão, embora nasci
do no Ceará, como capaz de muit
fazer por nossas letras. Trata-se d
Francisco Marialva Mont'Alverne
Frota, sobretudo em razão da se
riedade que imprime a seus traba
lhos. O Maranhão não carece muit
de poetas. Creio que os temos em
abundância, talentosíssimos. Neces
sitamos, sim, de intelectuais estu
diosos, bons pesquisadores, ensaís
tas e críticos. Mont'Alverne Frota
que já pertence ao nosso Institut
Histórico, é um deles.

Sua publicação **Sousândrade – o último périplo** confirma o que es
tou dizendo. – Bernardo Almeida.

Andou muito bem avisado em uni
esses dois nomes da Poesia Nacional
– "Arcades ambos", – e aqui lhe ex
presso meu comovido louvor à sua
oportuna iniciativa, a bem do in
tercâmbio cultural que deve haver
entre o Ceará e o Maranhão. – Par
sifal Barroso.

É evidente que a condição de filho
nativo do Ceará e adotivo do Ma
ranhão, conferiu ao Autor deste tra
balho status ideal para o êxito da
empresa. Mas incontestavelmente o
labor conjugado à erudição, consti
tuem o melhor equipamento desse
estudioso. Na verdade só nos com
pete parabenizar Mont'Alverne Fro
ta pela originalidade com que cha
mou nossa atenção para esses dois
amantes da Poesia, desejando que
nos presenteie com outros estudos
desse tipo. – João Mohana.

Seu livro é traço de união entre
duas literaturas: Ceará e Maranhão.
– José Valdevino.

Linguagem limpa e límpida, probi
dade na utilização das fontes, segu
ro exercício com as palavras, cons
ciente apreciação de episódios nem
sempre lembrados, tudo isso dá ao
trabalho do ilustre sobralense o va
lor de contribuição prestada à divul
gação do cantor dos timbiras, numa
etapa em que muitos esquecem o
culto aos que fizeram nossa grande
za.

– Vera Cruz Santana.

PROGRAMA

DE AÇÃO CULTURAL DO SIOGE

Volumes Publicados:

From those wrot (poems and translations), de Frederick G. Williams; **Um homem debaixo de seu chapéu, Maré de Moça, Colégio do vento (2a. ed.) e Pão e água**, de José Chagas; **Poesia atual do Maranhão**, de Oliveira Ramos; **Sousândrade: vida e obra**, de Frederick G. Williams; **Apontamentos de literatura maranhense**, de Jomar Moraes (em 2a. ed.); **Alma de fogo; Adelino Fontoura, ator, jornalista e poeta**, de Clóvis Ramos; **A antibiótica nomemclatura do inferno**, de Nauro Machado; **Campo-ilha-urbs ou canto puro, com muito amor, para a cidade de São Luís do Maranhão e Ofício no escuro**, de Manuel Lopes; **Em busca da primavera e Maranhão é assim**, de Rosa Mochel Martins; **Cavalo dourado**, de Aurora da Graça; **O Maranhão na poesia popular e Mulher extraordinária**, de Félix Aires; **Contemplação dos templos**, de José Maria Nascimento; **Considerações sobre a culinária maranhense**, de Zelinda Lima; **Breve memorial do longo tempo**, de Bandeira Tribuzi; (2a. ed.); **Liras e baionetas**, de José Brasil; **O Bequimão**, de Bernardo Almeida (2a. ed. da 2a. impressão); **Primeiro palimpsesto**, de Lucy Teixeira; **Sousândrade: o último périplo, Desde a Ribeira até a Ilha e Entre o Timbira e o Pastor Serrano**, de Mont'Alverne Frota; **Histórias de amar e morrer**, de Ubiratan Teixeira; **A última esperança e Velhos retratos**, de Viegas Netto; **O romance contra o mito: Os tambores de São Luís**, de Manoel Caetano Bandeira de Melío; **Sousândrade: prosa**, de Frederick G. Williams e Jomar Moraes; **Elegia da rosa**, de Bacelar Viana; **A cidade substituída**, de H. Dobal; **Graúna em roça de arroz**, de Waldemiro Viana; **Meu calendário em pedaços**, de Cunha Santos Filho; **Verbo verde**, de Francisco Tribuzi; **Subsídio para a história do Maranhão**, de Milson Coutinho; **Franco de Sá**, de Hélio Lopes; **Mundo menino**, de Chagas Val; **Romanceiro do Bequimão**, de Stella Leonardos; **Fora do tom**, de Cláudio Popó; **Seara**, de Fernando Viana; **Planeta vermelho**, de Alex Brasil; **Memória de Alcântara**, de Walmir Ayala; **Pedra-vida**, de Dagmar Destêrro; **A linguagem do segredo**, de Virgínia Rayol Braga; **Tradição e ruptura: O Guesa de Sousândrade**, de Luiza Lobo; **Monumentos históricos do Maranhão** (Operação Especial do Projeto Rondon/MA); **Os ratos do beco**, de Ademir dos Santos; **A presença do Maranhão no Supremo Tribunal**, de Milson Coutinho; **Estátua da noite**, de Ribamar Ewerton; **Revista da Academia Maranhense de Letras**, vol. X.

CO-EDIÇÕES: com a UFMA: **história da Arquidiocese de São Luís do Maranhão**, de Mário Meireles; **Relação sumária das cousas do Maranhão**, de Simão Estácio da Silveira; **Josué Montello, o artista literário**, de Antônio Maria Santiago Cabral; **Presença maranhense na literatura nacional**, de Jacyntho José Lins Brandão; **Revista universitária**, vol. 1 — com a FUNC: **Ofício do medo**, de Fernando Braga; **Memória sobre a tipografia maranhense**, de J.M.C. de Frias (2a. ed.) — com a SURCAP: **Chão eterno**, de Chagas Val; **Em te brigar te amando**, de João Alexandre Jr.; **No infinito das coisas**, de Paulo Oliveira.